



Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

Mestrado em Turismo
Especialização em Planeamento e Gestão em Turismo de Natureza e Aventura

DISSERTAÇÃO

**Aprendizagem e turismo na natureza:
contributos da educação ao ar livre na perspetiva do aprendiz**

Outubro 2016
Nícolas Ariel Jesus Almeida



Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

Mestrado em Turismo

Especialização em Planeamento e Gestão em Turismo de Natureza e Aventura

DISSERTAÇÃO

Aprendizagem e turismo na natureza:

contributos da educação ao ar livre na perspetiva do aprendiz

Orientadora: Professora Doutora Elsa Correia Gavinho
Co-Orientador: Professor Doutor Francisco Silva

Outubro 2016
Nícolás Ariel Jesus Almeida



Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

Aprendizagem e turismo na natureza:
contributos da educação ao ar livre na perspetiva do aprendiz

Nícolás Ariel Jesus Almeida

2016

Dedicatória

Este estudo é dedicado a todos os que fizerem, por mínimo que seja, algum proveito disto.

“Assim como eu desejo estar livre do sofrimento e experienciar apenas felicidade, todos os outros seres também o desejam.

A este respeito, não sou diferente de qualquer outro ser vivo, somos todos iguais.

Sou apenas um, enquanto os outros são incontáveis; assim, como posso eu estar preocupado apenas comigo enquanto negligencio os outros? A minha felicidade e sofrimento são insignificantes quando comparados com a felicidade e o sofrimento dos incontáveis seres vivos” (Geshe Kelsang Gyatso)

Agradecimentos

As palavras não poderão expressar toda minha enorme gratidão. Contudo tentarei, aqui, agradecer os tantos que me ajudaram tanto, quando muitas vezes eu nem soube o porquê.

Pai, mãe e irmã, por me apoiarem sempre. E estando perto ou longe, falando muito ou pouco, nunca me desampararam.

Aos meus orientadores, Doutora Elsa Gavinho, pela flexibilidade e paciência. Ao Doutor Francisco Silva, pelo pronto atendimento e conselhos oportunos e coesos. Também por enriquecerem significativamente este trabalho e por serem minhas referências dentro do turismo.

Ao Andreas Martins, a Fernanda Maria, a Fabi, ao Marcos Kito e a todo o pessoal da OBB, pelo esforço extra que tiveram e sem os quais a realização desse trabalho não seria possível.

A família Pinto Valente qual me acolheu incrivelmente. De modo que, tudo o que eu escrever aqui não será suficiente para expressar toda a minha gratidão. Ao Rodrigo Valente, pela sincera amizade e por trazer-me à sua família com tanta receptividade; a Dona Maria, por me tratar como seu filho e por todo o carinho; ao Seu Adão, pelo bom humor e por ser um exemplo de humildade; a Dona Teresa, pela generosidade, paciência e toda grande ajuda; ao Seu Júlio Valente, por sua sapiência e pelo firme aperto de mão; e ao Gonçalo Valente, pelas aventuras e garantidas risadas. Nunca esquecerei dessa fantástica família.

Agradeço também a todos os amigos do Templo de Sintra, onde passei bons tempos de uma convivência harmoniosa e onde pude dedicar tempo à execução desse trabalho.

ÍNDICE

Dedicatória	v
Agradecimentos.....	vii
ÍNDICE	viii
Índice de figuras	xi
Índice de tabelas	xii
Resumo	xiii
Abstract	xiv
Lista de siglas.....	xv
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 Pertinência e âmbito do estudo.....	1
1.2 Objetivos.....	4
1.2.1 Objetivo Geral.....	4
1.2.2 Objetivos Específicos	4
1.3 Resumo da metodologia	4
1.4 Estrutura da dissertação	5
2 TURISMO, NATUREZA E EDUCAÇÃO AO AR LIVRE	7
2.1 Introdução.....	7
2.2 Óticas sobre o turismo	7
2.2.1 Turismo alternativo	8
2.2.2 O turismo na natureza e a sustentabilidade.....	9
2.2.3 Das relações entre educação ao ar livre e turismo na natureza.....	10
2.3 Educação ao ar livre.....	13
2.3.1 Como ocorre a educação ao ar livre?	15
2.3.2 O meio mais propício.....	16
2.3.3 A componente “aventura”	18
2.3.4 Educação ao ar livre e atividades desportivas na natureza	20
2.3.5 O aprendiz	23

2.3.6	Os benefícios da educação ao ar livre	26
2.4	Síntese	28
3	METODOLOGIA	29
3.1	Introdução.....	29
3.2	Opções metodológicas.....	29
3.3	Apresentação da instituição OBB.....	32
3.4	Métodos e instrumentos para recolha de dados	32
3.4.1	O questionário	33
3.4.2	A entrevista.....	39
3.5	Síntese	41
4.	OUTWARD BOUND BRASIL – EXPEDIÇÕES E EDUCAÇÃO EXPERIENCIAL AO AR LIVRE	42
4.1	Introdução.....	42
4.2	Quem é a <i>Outward Bound</i> Brasil.....	42
4.3	Território do Desafio OBB 2016 - Parque Estadual da Serra do Papagaio	44
4.4	As expedições OBB.....	51
4.5	O Desafio OBB	53
4.6	Síntese	54
5	APRESENTAÇÃO DOS DADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	55
5.1	Introdução.....	55
5.2	Apresentação dos dados.....	55
5.2.1	Desafio OBB.....	55
5.2.2	<i>Outward Leaders</i>	60
5.2.3	Entrevista.....	64
5.3	Análise e discussão dos resultados	65
5.3.1	Questões fechadas.....	65
5.3.2	Questões abertas	74
5.3.3	Entrevista.....	78
5.4	Síntese	81

6	CONCLUSÃO	84
6.1	Resposta à problemática.....	84
6.2	Limitações do estudo e futuras investigações	87
6.3	Considerações finais	88
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89
	ANEXOS.....	93
	Anexo A – Questionário	93
	Anexo B - Mapa utilizado para a navegação da expedição	95
	Anexo C – Transcrição da entrevista	96
	Anexo D - Tabelas de intenções de atitude e comportamento - Desafio OBB.....	104
	Anexo E - Tabelas de intenções de atitude e comportamento - <i>Outward Leaders</i>	106

Índice de figuras

Figura 1 - Estrutura da Dissertação	6
Figura 2 – Vínculos entre turismo e educação (Adaptado do modelo de Ritchie, 2003)	10
Figura 3 - Vínculos entre EAL e outras áreas	14
Figura 4 – Processo de elaboração da dissertação - adaptado de Quivy & Campenhoudt (1998)	31
Figura 5 - Logo da OBB - Fonte: Outward Bound Brasil 2016.	43
Figura 6 – Localização do PESP no sudeste brasileiro – Adaptado de: Google Maps 2016.	45
Figura 7 – Excerto do mapa de declives do PESP - Adaptado de: IEF 2009.	46
Figura 8 - Transição entre floresta e campo no PESP - Fonte: Google Earth Pro 2016.	46
Figura 9 - Trilhos PESP - Fonte: IEF 2009.	50
Figura 10 - Gráfico com nº de indivíduos por idade – Desafio OBB	56
Figura 11 – Gráfico com nº de indivíduos por idade - Outward Leaders.	60
Figura 12 – Gráfico com nº de intenções - Desafio OBB.	71
Figura 13 – Gráfico com nº de intenções - Outward Leaders.	73

Índice de tabelas

Tabela 1 - Fases da construção do questionário	35
Tabela 2 - Perguntas orientadoras da entrevista semiestruturada	40
Tabela 3 - Valores da Outward Bound Brasil - Fonte: Outward Bound Brasil 2016.	43
Tabela 4 - Etapas das expedições OBB. Adaptado de: Kunreuther 2011; OBB 2016.	51
Tabela 5 - Análise das respostas aos questionários dos jovens do Desafio OBB.	57
Tabela 6 – Principais motivos para participação no Desafio OBB	59
Tabela 7 - Melhores coisas do Desafio OBB	59
Tabela 8 - Piores coisas do Desafio OBB	59
Tabela 9 - Sugestões para o Desafio OBB	60
Tabela 10 - Análise das respostas aos questionários dos ex-alunos Outward Leaders.	61
Tabela 11 – Principais motivos para participação no Outward Leaders	63
Tabela 12 - Melhores coisas do Outward Leaders	63
Tabela 13 - Piores coisas do Outward Leaders	63
Tabela 14 - Sugestão para o Outward Leaders	64

Resumo

Tudo indica que o século XXI será um período de intenso desenvolvimento de programas de turismo para crianças e jovens (Tomik & Mynarski 2009). Pertencente à vida social dos jovens está também a educação, onde aliada a importantes elementos como natureza e desafio, pode ser potencializada e tornar-se uma importante e eficiente ferramenta para o desenvolvimento pessoal, social, cultural e económico, principalmente para formas de turismo responsáveis. Tanto o turismo na natureza como a educação ao ar livre são duas áreas emergentes em pleno prisma social, dado o potencial de acometer e transformar o modo de vida das pessoas. Desse modo, muitas sociedades em todo o mundo utilizam esse método educacional na formação de jovens, e nos últimos anos, aliando-o também, ao turismo na natureza. A proposta dessa dissertação é investigar, através de um estudo de caso no Parque Estadual da Serra do Papagaio – Brasil, como as expedições de educação ao ar livre podem contribuir para a prática do turismo na natureza. A análise de dados revelou que as expedições de educação ao ar livre podem contribuir para a prática do turismo na natureza dentro de aspetos ambientais, sociais, culturais e económicos, bem como, incentiva a realização de atividades ao ar livre e de turismo na natureza. Os dados indicam ainda que elas também se constituem uma importante ferramenta para a formação de turistas responsáveis. A educação ao ar livre faz, assim uso dos recursos naturais e das infraestruturas que são as bases da composição do turismo na natureza. Reciprocamente, a educação ao ar livre gera, em seus aprendizes, o incentivo à prática de atividades na natureza, e a conscientização ambiental e turística, ao mesmo tempo que dinamiza a economia.

Palavras-chave: Educação ao ar livre, Turismo na natureza, Expedições, Outward Bound Brasil.

Abstract

Everything indicates that the XXI century will be a period of intense development of tourism programs for kids and young people (Tomik & Mynarski 2009). Belonging to the social life of these actors also there is the education, which matched with important elements as nature and the challenges, can be potentiated and become an efficient and important tool to personal, social, cultural and economic development, mainly in respect to models of responsible tourism. Both the nature tourism and the outdoor education are emerging areas in full social prism giving the potential to attack and transform the way of the life of people. Thereby, many societies around the World use this educational method to train young people, and in the last years, combining it also to the nature tourism. The proposal of this dissertation is to investigate, through of a case study, what happens in *Parque Estadual da Serra do Papagaio – Brasil*, that shows how the outdoor education expedition can contribute to the practice of nature tourism. The data analysis revealed that the outdoor education expedition can contribute to the practice of nature tourism in environmental, social, cultural and economic aspects, as well as, encourages the realization of outdoor activities and nature tourism. It also constitutes an important tool to the formation of responsible tourists. Therefore, the outdoor education makes use of nature resources and infrastructures that are the basis to compose the nature tourism. Reciprocally the outdoor education generates on its learners the encouraging to the practice of nature activities, and the environmental and tourist awareness, while stimulates the economy.

Key-words: *Outdoor education, Nature tourism, Expedition, Outward Bound Brasil.*

Lista de siglas

APA	Área de Preservação Ambiental
BR	Brasil
DP	Desvio padrão
EAL	Educação ao Ar Livre
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEF	Instituto Estadual de Florestas
Máx	Máximo
MG	Minas Gerais
Mín	Mínimo
OBB	Outward Bound Brasil
PESP	Parque Estadual da Serra do Papagaio
RJ	Rio de Janeiro
SP	São Paulo
TN	Turismo na Natureza

1 INTRODUÇÃO

“Um homem precisa viajar por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou tv. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés para entender o que é seu, para um dia plantar as suas próprias árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para desfrutar do calor e o oposto. Sentir a distância.” Amyr Klink

1.1 Pertinência e âmbito do estudo

O turismo na natureza (TN) que se revela dentro dos conceitos do turismo alternativo, surgindo esse último em reação ao turismo de massa (Gavinho 2010) e devido a mudanças que iniciaram na década de 1990, quando as pessoas começaram a realizar viagens mais curtas, porém, mais frequentes e buscando novos destinos e produtos; viajavam por interesses especiais e peculiares como desporto ou educação; o aumento das viagens independentes; a preferência dos turistas por destinos ambiental e socialmente responsáveis; e o surgimento de públicos com necessidades específicas, como os jovens (Garcia 2010). Absolutamente ligado ao turismo na natureza estão as questões de sustentabilidade, sendo estas mais que uma efetiva preocupação, tornaram-se ponto vital para o sucesso de qualquer iniciativa turística. Atualmente é impensável elaborar iniciativas turísticas, projetos ou políticas, sem considerar os princípios de sustentabilidade, especialmente quanto a comunidade e o território são frágeis como no caso dos espaços de ação do turismo na natureza; somente o planejamento pode garantir a manutenção de um desenvolvimento que garanta a gerações futuras a satisfação de suas necessidades (Ibarra 2006).

A educação ao ar livre (EAL), por seu lado pode incluir uma gama de atividades, de conteúdos, e de formatos muito vasta e, apesar de métodos, princípios e valores muito constantes, a forma como é desenvolvida pode variar de acordo com a cultura local, a geografia do território onde se desenvolve, o público-alvo e do tempo disponível para as atividades. Segundo Ford (1986), a educação ao ar livre pode adotar diversas facetas devido a tantas possibilidades existentes e formatos que a mesma pode assumir. Entre os principais países pioneiros no desenvolvimento deste tipo de educação encontram-se o Reino Unido, Estados Unidos da América e Austrália, porém, também é possível encontrar este tipo de educação em países com menos tradição tal como Portugal, Brasil, África do Sul e Japão, marcando, assim, presença em todas as regiões do globo.

Tanto o turismo na natureza como a educação ao ar livre são duas áreas emergentes em pleno prisma social, dado o potencial de acometer e transformar o modo de vida das pessoas que tais áreas possuem. Por isso, e outros motivos como, por exemplo, a fragilidade dessas áreas faz-se necessário um profundo conhecimento das mesmas.

Tudo indica que o século XXI será um período de intenso desenvolvimento de programas de turismo para crianças e jovens (Tomik & Mynarski 2009). Ainda o potencial de crescimento no mercado de viagens e turismo entre instituições de ensino formais e não formais, não deve ser esquecido, uma vez que ainda precisa ser melhor compreendido pelo movimento do turismo (Ritchie 2003). Assim, e tendo em consideração que as influências da EAL sobre o TN ainda é um tema pouco abordado dentro da comunidade científica, parece-nos pertinente investigar mais a respeito do tema, especialmente tomando como ponto de partida a opinião do aprendiz da educação ao ar livre, a fim de procurar detetar os contributos que esta pode trazer para o turismo na natureza.

No que concerne aos princípios e ideais da educação ao ar livre, também estes são temas bastante discutidos e já referenciados desde a época de grandes pensadores como Platão e Aristóteles. Já há alguns anos que esse método ganhou dimensão também fora da filosofia, e atualmente vem conquistando cada vez mais espaço dentro das sociedades contemporâneas. Isso ocorre essencialmente devido à sua grande capacidade de facilitar o ensino, não somente o ensino de matérias mais técnicas, mas também o ensino de valores, cujo contributo é crucial para a sociedade.

Já no início do século XX Baden-Powell¹ mostrava preocupação com o rumo que a sociedade tomava, numa tendência com aspetos que poderiam trazer muitas facilidades ao Homem mas, por outro lado, causando também uma diminuição na moral e um certo prejuízo na saúde do corpo. As tendências, com as quais Baden-Powell se preocupava, eram na realidade alguns modos de vida que a população adotava e tomava como sendo indicadores de desenvolvimento, principalmente baseados no conforto e facilidades de uma vida urbana. Na opinião do mesmo, as pessoas ocupavam-se demasiado com entretenimentos que passavam falsos valores - o famoso “pão e circo” - e alertava que a sociedade daquela época sofria com os “males” trazidos por essas atitudes, e, que para livrar-se desse sofrimento, era preciso que a sociedade mudasse o seu comportamento e prioridades. Baden-Powell acreditava que isso seria possível de melhorar através duma educação mais válida com o ensino de valores morais, éticos e solidários, sobretudo para as crianças (Baden-Powell 1908; Baden-Powell 1929; Baden-Powell 1933; Junior & Vaz 2012). Para ele essa educação verdadeira traduzia-se no escutismo, ainda existente nos dias de hoje. Porém, houve uma natural evolução do mesmo e juntamente com o surgimento de outras necessidades e também de outras especificidades, como a educação experiencial, por

¹ Robert Smyth Stephenson Baden-Powell foi Tenente-General do Exército Britânico, viveu entre os anos de 1857 e 1941. Escreveu diversos livros a respeito da educação dos jovens, onde se pode encontrar ideias contrastantes ao contexto em que viveu. Baden-Powell é considerado o pai do escutismo.

exemplo, temos hoje a educação ao ar livre, que se assemelha em muito ao escutismo, no entanto deixando de lado suas características militares dado a evolução e influência que sofreu de outros métodos.

Os benefícios da educação ao ar livre são largamente conhecidos; estudos recentes apontam nomeadamente vantagens no desenvolvimento pessoal e social de indivíduos que passam pela aprendizagem através deste método (Cooley et al. 2014; Cooley et al. 2013; Cosgriff 2011; Kunreuther & Ferraz 2012; Liepina & Krauksta 2014; Moreira & Munck 2010; Sandell & Öhman 2010; Scrutton 2015; Tomik & Mynarski 2009).

Esta pesquisa vem contribuir para uma linha de investigação que se debruça sobre a opinião, relatos, satisfação, experiências e avaliação da reação dos sujeitos acerca da educação ao ar livre, sendo essa uma necessidade relatada por diversos investigadores da área, por exemplo Cooley et al. (2014) e Kunreuther & Ferraz (2012). Esse trabalho ainda tem a mais-valia de tratar de um peculiar e com grande potencial de desenvolvimento modelo educacional, ou seja, a educação ao ar livre no formato de expedições, e inova ao relacioná-lo com o turismo na natureza.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

O principal objetivo dessa dissertação é averiguar os contributos da educação ao ar livre para a prática do turismo na natureza, a partir da opinião do aprendiz.

1.2.2 Objetivos Específicos

De forma a podermos alcançar o principal objetivo dessa dissertação foram estipulados objetivos específicos, nomeadamente:

- Analisar a opinião do aprendiz em relação à educação ao ar livre e ao turismo na natureza;
- Verificar o ensino/aprendizagem de conceitos e técnicas que beneficiem a prática do turismo na natureza;
- Identificar possíveis alterações comportamentais e de atitude no aprendiz em resultado de ações de educação ao ar livre;
- Averiguar alteração na predisposição para a prática de turismo na natureza após ações de educação ao ar livre.

1.3 Resumo da metodologia

Este trabalho desenvolve-se através da seguinte questão de partida: Quais os contributos da educação ao ar livre para o turismo na natureza?

Para se chegar à resposta da questão em vigor, foi utilizado um conjunto de processos metodológicos, nomeadamente a verificação do estado da arte, tanto no tocante às formas de educação ao ar livre, como das características do turismo na natureza.

Em seguida, optou-se pelo estudo de um caso específico onde ocorre a EAL e o TN em simultâneo, numa dada instituição e num dado país, *Outward Bound Brasil* (OBB) e Brasil (BR) respetivamente. Assim sendo, esta investigação foi direcionada à expedição de educação ao ar livre que se deu na Serra do Papagaio – BR, onde utilizamos um questionário elaborado por nós, com o qual se recolheu as opiniões dos jovens participantes do Desafio OBB 2016, expedição foco desse trabalho. Para efeitos de comparação o mesmo questionário foi aplicado a uma outra

expedição, onde os participantes eram ex-alunos da OBB – *Outward Leaders* 2016 – assim, como veremos mais adiante, pudemos enriquecer a análise de dados. Como último instrumento para recolha de dados, utilizámos uma entrevista realizada à instrutora / guia do Desafio OBB 2016.

A análise de dados teve um carácter quantitativo e qualitativo, e foi realizada com a ajuda dos *softwares IBM SPSS Statistics 22 e Microsoft Excel*.

Procurámos, através desses processos, ser bem-sucedidos na resposta à questão fundamental desta investigação, respondendo quais os contributos que a educação ao ar livre pode acarretar para o turismo na natureza.

1.4 Estrutura da dissertação

Esta dissertação está estruturada em seis capítulos (figura1). Neste primeiro capítulo - a introdução - é apresentado o campo de estudo, a sua pertinência, e os objetivos estipulados. Apresenta-se ainda o resumo da metodologia utilizada e a estrutura da dissertação.

No segundo capítulo é realizado um levantamento do estado da arte a respeito das duas principais temáticas em discussão: o turismo na natureza e aventura e a educação ao ar livre. Este capítulo apresenta uma abordagem muito bem delimitada dentro da problemática da investigação e nesses parâmetros segue também o desenvolvimento do trabalho.

No terceiro capítulo é apresentado todo o processo metodológico, explicitando os métodos, instrumentos e processos, com atenção especial aos principais instrumentos de recolha de dados, o questionário e a entrevista.

O quarto capítulo apresenta o estudo de caso, que foi uma das bases de sustentação para o desenvolvimento desse trabalho. É neste capítulo que se apresenta o território do estudo, bem como a instituição responsável por organizar e executar a expedição de educação ao ar livre em causa.

No quinto capítulo apresenta-se os resultados obtidos com o inquérito por questionário onde é realizada uma análise e discussão sobre os mesmos.

No sexto e último capítulo apresentam-se as considerações finais, incluindo a verificação do cumprimento dos objetivos propostos, assim como a apresentação das limitações deste estudo e perspectivas para futuras investigações.

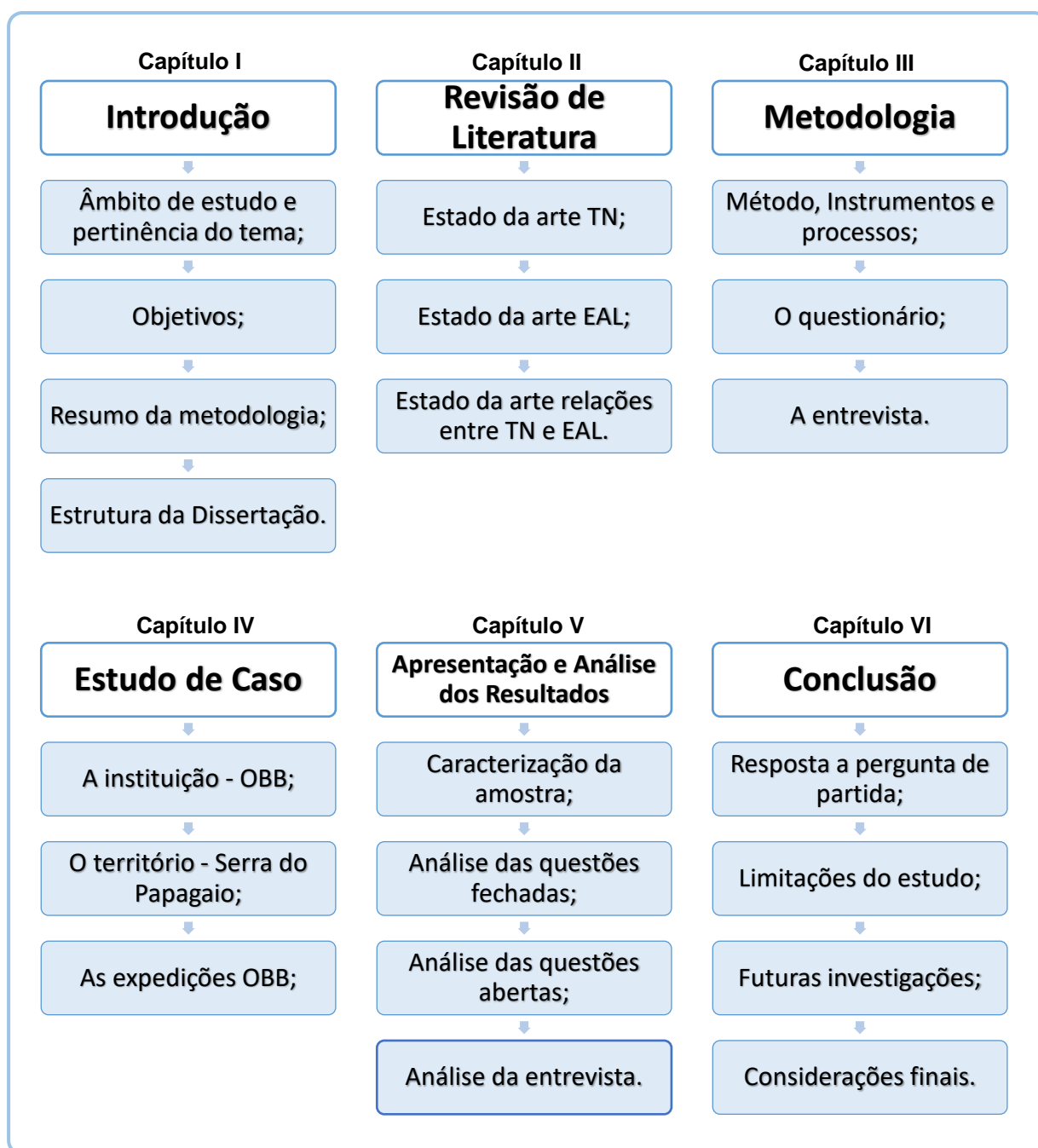


Figura 1 - Estrutura da Dissertação

2 TURISMO, NATUREZA E EDUCAÇÃO AO AR LIVRE

2.1 Introdução

Neste capítulo faremos uma abordagem ao estado da arte de duas temáticas pertinentes à elaboração deste trabalho: o turismo na natureza e a educação ao ar livre, pois estas são as áreas envolvidas na problemática do presente estudo. Será dado um maior enfoque à educação ao ar livre por entendermos que se trata do principal objeto dessa dissertação e também por considerarmos que o turismo na natureza é um tema já muito bem discutido criticamente na comunidade científica. A revisão da literatura, tanto para uma, como para a outra área, teve um tratamento orientado para os objetivos deste trabalho, contudo sem negar aspetos relevantes e de orientações opostas aos nossos interesses.

A verificação do estado da arte relativa ao turismo na natureza inicia-se com uma reunião de ideias a respeito do turismo, focada nos objetivos deste estudo, para seguidamente se apresentar a emergência do turismo na natureza e as suas relações com a educação ao ar livre.

Visando uma abordagem pedagógica, e após abordamos a EAL globalmente e explicarmos como a mesma se desenvolve, discorreremos sobre alguns pontos cruciais para o seu desenvolvimento, como o meio, a aventura, as atividades desportivas e o aprendiz.

2.2 Óticas sobre o turismo

Muitas tentativas de esclarecimento e definição são encontradas quando se procura definir “turismo”. Boa parte delas estão ligadas ao fenómeno económico, conferindo ao turismo características económico-financeiras muito fortes, ou tentam comprimi-lo e esgotá-lo em pequenas frases, como para Coriolano (2003), que vê no turismo uma atividade essencialmente capitalista.

Na realidade o turismo está intimamente ligado à economia e, este fato muito se deve às suas áreas de interesse e ao seu campo de atuação, como salienta Gavinho (2010), que o descreve como uma das atividades de maior relevância económica da atualidade. Porém, numa abordagem mais epistemológica, Netto (2007) revela-nos que o fenómeno do turismo vai muito além da vertente economicista e que atualmente faltam investigações mais abrangentes, que nos mostrem novas maneiras de pensar sobre o mesmo, apesar de seu inegável crescimento e desenvolvimento.

Por exemplo, na visão de Barretto (2005) o turismo traduz-se numa experiência, indo muito mais além do que somente a viagem e a deslocação realizado pelo turista - está também nos momentos a montante e a jusante desses. O turismo não pode ser desvinculado dos seus agentes: o turista, o agente de viagem, o guia, a comunidade de acolhimento, etc. O turismo é o momento em que cada um deles vivencia as suas experiências, cada qual na sua perspetiva. Seguindo, o autor alude que essa é a natureza do turismo, e que o mesmo deve ser pensado dessa maneira, ou seja, de modo holístico e não fragmentado nas várias áreas do conhecimento, ou apenas como um setor da economia.

Netto (2007), ainda indica que o turista não é apenas um componente, um objeto, mas sim um sujeito, e que esse sujeito está em constante construção e formação. A partir daqui o autor indica que se pode ver o turismo como a busca pela experiência, a busca pela construção de um ser (o turista, a pessoa) fora do seu lugar de vivências e experiências quotidianas. Onde, essa busca, pode acontecer no momento da viagem ou após, pois a experiência pode ser revivida e recordada independente do tempo cronológico.

Naturalmente o turismo sofreu muitos processos evolutivos durante os anos, que deram origem e consistência a diferentes formas do mesmo, como é o caso do turismo alternativo onde se insere o turismo na natureza.

2.2.1 Turismo alternativo

Outro tema muito abordado neste início do século XXI e muito relevante na temática do turismo é o turismo alternativo. Este tipo de turismo surge essencialmente em resposta ao turismo de massa, constatando-se uma evolução na atividade turística, através das formas ditas de alternativas (Gavinho 2010). Numa investigação a respeito dessas duas formas de turismo e das diferenças entre sociedade moderna e pós-moderna, Garcia (2010) mostra que o turismo alternativo surge por mudanças que iniciaram na década de 1990. O autor aponta seis principais mudanças, a saber: as pessoas passaram a realizar viagens mais curtas, porém, mais frequentes e buscando novos destinos e produtos; passaram a viajar por interesses especiais e peculiares como desporto ou educação; as viagens independentes aumentaram; maior preferência dos turistas por destinos ambiental e socialmente responsáveis; e surgiram públicos com necessidades específicas, como as crianças ou a terceira idade. Esses, entre outros fatores, deram condição para o então surgimento de um modelo turístico que se caracteriza por ser pós fordista², e que promove viagens mais flexíveis e heterogêneas em espaços naturais, rurais e urbanos reconhecendo e incorporando a população local, por conseguinte, esse reconhecimento

² O turismo de massa é referido, por Garcia (2010), como fordista devido ao modo como os seus produtos são gerados: produção em cadeia, em grande quantidade, impessoais e comercializados em geral por grandes empresas.

e incorporação desperta no turismo maior controle sobre impactos sociais, ambientais e económicos.

Assim como o turismo alternativo, também o turismo na natureza é inseparável das questões de sustentabilidade.

2.2.2 O turismo na natureza e a sustentabilidade

Ao analisar o conceito de turismo na natureza, e de acordo com Nunes (2010) percebemos que se trata de uma atividade que se desenvolve em áreas naturais com o objetivo de apreciar, estudar e usufruir da viagem, paisagens, plantas, animais e cultura, sendo por norma um tipo de turismo de baixo impacto ambiental e com grandes contributos sociais para a região de acolhimento. O turismo na natureza é também frequentemente associado a atividades de aventura ou educacionais, como nos indica Swarbrooke et al. (2003) dizendo que as relações da educação ao ar livre e do turismo na natureza resultam em viagens que são compradas com a expectativa de produzirem experiências de aventuras recompensadoras.

Destacando a sustentabilidade, Ibarra (2006) salienta que atualmente é impensável elaborar políticas turísticas sem considerar os princípios de sustentabilidade. O autor ainda completa que o empenho das comunidades em se manterem sustentáveis, garantindo a satisfação das necessidades das gerações futuras, não é tão forte como parece à primeira vista e somente um planeamento adequado pode garantir esse processo, ainda mais, quando a comunidade e o seu território são frágeis.

Ainda sobre a sustentabilidade do turismo contemporâneo, Silva (2013) levanta a questão sobre se a sustentabilidade será um novo padrão para o desenvolvimento do turismo ou apenas uma teoria ideal. Na sua análise o autor mostra que há opiniões que divergem e mostra que a sustentabilidade muitas vezes é forjada de acordo com interesses próprios e, algumas entidades ou pessoas moldam o conceito a fim de servi-los mais adequadamente. Neste caso, a sustentabilidade torna-se numa utopia que está apenas à moda e com uma certa hipocrisia em seu uso; todavia, são evidentes algumas mudanças positivas para a sociedade, ambiente e economia, devido à utilização de fundamentos sustentáveis como garantia de continuidade de condições e recursos para futuras gerações.

Certamente que a valorização do turismo na natureza implica também abordar a sustentabilidade, pois é inegável que essa é uma preocupação que acomete a empreendedores e intelectuais da área. Mais que uma preocupação, a sustentabilidade é ponto vital para o sucesso de qualquer iniciativa turística de longo prazo.

2.2.3 Das relações entre educação ao ar livre e turismo na natureza

“High adventure outdoor activities may well be one of the most effective educational tools available for developing positive relationships between humans and nature, particularly when blended with opportunities for reflection.” (Martin 2004, p.26).

Tal como outras formas de turismo, o turismo na natureza não é algo que surge espontaneamente. Para que o mesmo ocorra é necessário um conjunto de fatores (ambiente e pessoas), ações (viajar e experienciar) e valores (princípios e fundamentos). Uma vez que a educação ao ar livre aborda e faz referência a esses mesmos fatores, ações e valores, e ensina o indivíduo a como lidar com eles, criam-se então estreitos laços entre estas duas áreas (Martins 2001).

Numa abordagem mais conceitual de uma tipologia de turismo educativo, Ritchie (2003) considera, em sua obra, um conceito de turista educacional, ou seja, as pessoas que estão fora das suas áreas de residência habitual e que permanecem de um dia para o outro ou mais, e que o principal motivo para a viagem seja a educação e a aprendizagem, podendo de forma secundária usufruir de tempo de lazer. A partir desse conceito, é fácil perceber que a educação e o turismo podem, em alguns momentos, ter os mesmos objetivos e objeto, causando uma forte ligação entre as duas áreas (figura 2).

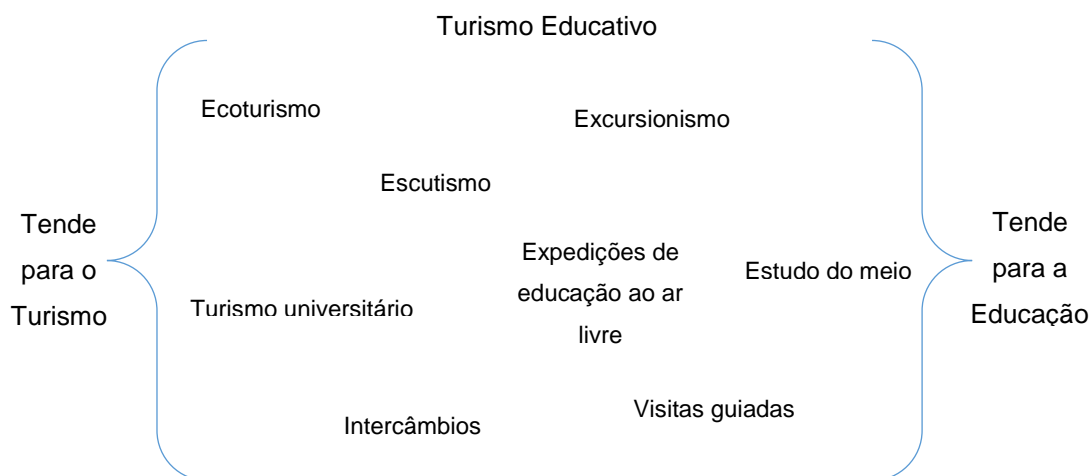


Figura 2 – Vínculos entre turismo e educação (Adaptado do modelo de Ritchie, 2003)

Porém, frequentemente, as interações entre estes dois campos vão além do que o modelo acima mostra e, na maioria das vezes, tais interações são expressas em vantagens para ambos os setores. Num artigo onde Fortunato (2009) relata os benefícios da educação ambiental para o

turismo, ele ressalta que a educação ambiental é um recurso importante para a formação de um sujeito crítico, capaz de ações políticas e que pode nortear o turismo para a sustentabilidade. Pode dizer-se que esta é uma das maiores contribuições da educação ao ar livre para o turismo na natureza: o sujeito formado através da educação ao ar livre será motivado a agir para uma sociedade sustentável, independentemente da posição que venha a assumir, pois durante e após a experiência ao ar livre, esse sujeito terá um olhar imenso e entendido sobre as questões socioambientais que estão diretamente ligadas ao turismo na natureza.

A educação ao ar livre colabora significativamente para o turismo na natureza ao fazer os participantes refletirem criticamente sobre a forma com que eles irão estudar a natureza e ao ensinar-lhes como interagir com a mesma de forma sustentável (Cosgriff 2011).

Pode dizer-se que, no elo entre educação ao ar livre e turismo na natureza, existe uma relação de cooperação, isto é, a educação pode contribuir para o turismo assim como o turismo contribui para a educação. Isto fica claro, no pensamento de Krippendorf (2000, citado por Fortunato 2009), onde expõe que há um processo de aprendizagem desencadeado no decorrer da nossa viagem que muda a nossa conduta e que leva a reais mudanças na sociedade, ele diz que não são apenas vivências fora do ambiente habitual, mas que é mesmo uma aprendizagem, e a partir dela podemos agir com prudência, tendo atitudes corretas em relação ao meio onde vivemos habitualmente e melhorá-lo.

A educação ao ar livre constitui um excelente recurso para a construção de sociedades mais sustentáveis, por lidar com questões do meio em dimensões naturais, tecnológicas, políticas, sociais, económicas e culturais (Dias 2003; Fortunato 2009). No decorrer da atividade turística existe ainda a responsabilidade e preocupação com as questões de sustentabilidade, permitindo ao turismo encontrar na educação ao ar livre um potente aliado para alcançar objetivos próprios.

As escolas, por exemplo, são capazes de modificar os padrões de comportamento dos jovens e conduzi-los a obter maior qualidade de vida com condutas adequadas para o ambiente e sociedade (Dias 2003). Assim como poderá ocorrer com as intervenções de educação ao ar livre.

Os benefícios da educação ao ar livre associados ao turismo na natureza já começam a ser percebidos por certas sociedades. Atualmente, países e regiões como a Polónia, E.U.A. e Escócia fazem uso das relações entre essas duas importantes áreas. Tais países colaboram para variados programas e instituições, incluindo programas de intercâmbio, contribuindo para os eventos e passeios turísticos que têm como objetivos promover entre escolares e população jovem princípios de proteção ambiental e o uso criterioso dos recursos naturais (Tomik & Mynarski 2009). Esse é mais um exemplo de como, mesmo que vagarosamente, a educação ao ar livre e o turismo na natureza vem sendo utilizados para satisfazer algumas necessidades sociais atuais.

Dias (2003) destaca ainda um ponto importante de um programa de educação ambiental que pode favorecer o turismo na natureza, indicando que nesses programas as pessoas terão maior conhecimento do meio onde vivem, sabendo que há outras utilidades para os recursos naturais, além da exploração direta. E assim poderão encontrar diferentes alternativas para seu aproveitamento, por exemplo, o desporto, a educação e o próprio turismo na natureza.

O ecoturismo, considerado por Dias (2003) como também sendo uma forma de turismo na natureza, é considerado pelo autor uma notável estratégia para a educação ambiental, pois coloca pessoas em convívio com experiências que causam uma importante aprendizagem sobre o meio natural e relações sociais que resultam em atitudes responsáveis. Na visão de Barros (2003), a educação do visitante é o principal aliado para o turismo na natureza, salientando que a qualidade do visitante de áreas naturais contribui muito mais para a preservação da mesma do que o número reduzido desses visitantes sem consciência. Citando o estudo de Watson et al. (1996), a autora mostra uma alteração positiva no comportamento de visitantes numa mesma área entre 1965 e 1993, onde os principais motivos dessa alteração positiva no comportamento, ou seja, uma postura de acordo com os objetivos de preservação das áreas naturais, foram os programas educacionais implementados pela administração da área e as mudanças nos valores da sociedade.

Ainda como aspetos positivos da educação ao ar livre associada ao turismo na natureza, destaca-se o incentivo causado nos participantes de tais atividades. Ao investigar as atitudes de alunos do ensino superior que realizaram atividades de educação ao ar livre por 5 dias, Liepina & Krauksta (2014) destacam a motivação dos alunos para continuar a praticar, organizar outras atividades ao ar livre, bem como de adquirir novos equipamentos especializados para a prática desportiva nesses ambientes.

A educação do visitante apresenta-se como uma grande aliada das estratégias de manutenção das áreas naturais, pois, são causados muito mais impactos por via dos comportamentos inadequados, do que devido ao número excessivo de visitantes (Cole et al. 1997, citados por Barros 2003).

A educação ao ar livre traz contributos relevantes para a sensibilização de questões ambientais e para a compreensão de valores e atitudes ecologicamente corretas. Neto et al. (2006) conclui o seu estudo a respeito da educação ambiental e suas contribuições para o ecoturismo, dizendo tratar-se de uma poderosa ferramenta para ser utilizada com pequenos grupos de viajantes em áreas naturais, pois possibilita, durante as viagens realizadas nesses ambientes, um contacto próximo dos visitantes com o meio de estudo, promovendo uma notável melhoria na qualidade desses locais e na conservação ambiental.

2.3 Educação ao ar livre

A “educação ao ar livre” é considerada a educação desenvolvida ao ar livre, com a finalidade de desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes em relação ao mundo em que vivemos, onde a sua temática principal trata, de modo holístico, das relações entre toda a natureza e o ser humano, visando uma aprendizagem a favor do próprio ecossistema, possibilitando aos indivíduos, o conhecimento da necessidade dos recursos naturais (Ford 1986).

Como salienta Oliveira (1998), a ideia de colocar pessoas em ambientes naturais e em situações que favoreçam a sua criatividade e desenvolvimento, com objetivos educacionais, não é nova. Talvez no passado as pessoas não se referissem a esse método usando os termos que conhecemos hoje, contudo, o modelo educacional, por meio da natureza, nos remete ao filósofo iluminista, Jean-Jacques Rousseau. Em *Emílio*, considerada por ele e outros pensadores como sua obra-prima, Rousseau teoriza sobre como um indivíduo deveria ser educado para que pudesse ser feliz e viver em sociedade, e esse indivíduo, no romance, é representado pela personagem Emílio. Na concepção de Rousseau, o tutor de Emílio, deve impedir que forças não naturais (do Homem ou da sociedade, por exemplo) atrapalhem o seu desenvolvimento. Mais próximo de uma situação real, Rousseau, através de seu romance, deixa claro que para o desenvolvimento de Emílio, é necessário que o mesmo passe pela aprendizagem na natureza e que são essas lições no meio natural que vão possibilitar-lhe um progresso a nível moral, de caráter e mesmo físico (Simpson 2009).

Por seu lado, Baden-Powell, com seus importantes princípios para ter uma vida saudável e simples, próximo da natureza, fundamenta-se principalmente na formação do caráter. Para ele, só através do contacto com a natureza seria possível alcançar uma sociedade resiliente (Baden-Powell 1908; 1929; 1933).

Já hoje, e sem perder a essência do defendido por Rousseau e Baden-Powell, a educação ao ar livre traduz-se num método educacional, onde o processo de aprendizagem decorre na natureza. Como explica Kunreuther & Ferraz (2012), muitos termos podem ser utilizados como referência à educação ao ar livre, tal como: educação experiencial ao ar livre, educação pela aventura, *outdoor education*, *adventure education*, *wilderness education*, *adventure learning* e educação ambiental. Este método de educação está presente em diversos países como por exemplo Austrália, Brasil, Estados Unidos, Japão, Inglaterra e África do Sul, podendo-se mesmo dizer que atualmente este modelo educacional está presente no mundo todo.

Este método pedagógico é utilizado por programas de variadas instituições, como escolas básicas, universidades, acampamentos recreativos, clubes, organizações privadas, etc., e pode ser utilizado por pessoas com os mais variados *backgrounds*: professores de formação básica, professores de educação física, biólogos, recreadores, entre outros. O seu campo de aplicação

vai além dos limites das instituições escolares, organizações não-governamentais ou agências de gestão de recursos. O palco da educação ao ar livre também é muito variado podendo ser pátios escolares, florestas, praias, lagos, desertos e muitos outros espaços e territórios, desde que possuidores de características naturais. Muito e sobre muitas temáticas se pode aprender com a educação ao ar livre: história, biologia, física, geologia, habilidades físicas, ética e política, são temas facilmente abordados. Devido a todos esses fatores que a formam, e que resultam da educação ao ar livre, ela apresenta-se em muitas facetas (Ford 1986).

A educação ao ar livre é um método aplicado por variadas instituições ao redor do mundo, mas que por norma, fazem parte de uma educação não formal, como é o caso da *Outward Bound Brasil* (OBB) e da *Outdoor Education Group* (OEG). Estas instituições, por exemplo, promovem a educação ao ar livre através de programas onde os aprendizes fazem viagens em ambientes naturais, possibilitando a aprendizagem, através da educação experiencial, de princípios para o desenvolvimento pessoal, social e ambiental. Aprendem sobre variados valores, como a moral e ética, por meio de atividades individuais e em grupo, como acampar, caminhar, escalar, remar, entre outras.

O conceito de educação ao ar livre, apesar de não ter mudado muito ao longo do tempo, vem evoluindo e hoje está mais abrangente e contempla questões ligadas à educação para o desenvolvimento, extrapolando os limites da escola e educação tradicional e está a atingir diversos segmentos da sociedade (Siqueira 2004). Como se pode observar na figura 3 a educação ao ar livre relaciona-se com várias áreas e atividades.

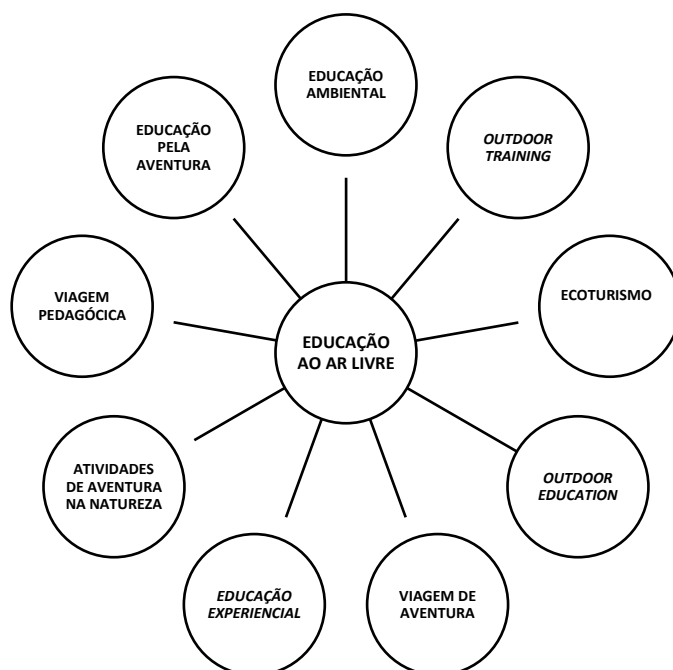


Figura 3 - Vínculos entre EAL e outras áreas

Entre outros campos, a educação ao ar livre relaciona-se diretamente com ramos específicos da educação, do turismo, do desporto e do ambiente. Além disso, cada um dos ramos tem as suas características próprias, não vedando a possibilidade destes interagirem uns com os outros. Por exemplo, a estreita relação existente entre o ecoturismo e as viagens de aventura, sem necessariamente, se relacionarem diretamente, com a educação ao ar livre.

2.3.1 Como ocorre a educação ao ar livre?

A educação ao ar livre resulta de uma combinação entre vivência e reflexão. A aprendizagem surge assim que o indivíduo tem consciência das vivências que experiencia.

Para elucidar essa ideia, Kunreuther (2011) recorre à metodologia defendida por Dewey (1958), salientando que somente a experiência não leva à aprendizagem e que para adquirir conhecimento é necessário que a experiência seja interativa e contínua, sendo a interatividade um compromisso entre as premissas próprias do indivíduo com as premissas externas a ele, e essas premissas devem interagir entre si de modo que gere uma situação significativa para o indivíduo. Este é um dos papéis do formador/professor: fazer com que tal interação significativa aconteça. Quanto à continuidade da experiência, ela apoia-se em utilizar frutos de uma experiência passada em experiências presentes e futuras, logo, estamos a falar de um processo contínuo.

Ainda citando a teoria de Dewey, Kunreuther (2011) salienta que uma experiência não seguida das reflexões, pode não ter o êxito desejado, porque sem reflexões a experiência corre o risco de tornar-se uma repetição contínua de erros, ou então, o aprendiz não descobre novos conceitos. Dessa forma, tornaria a experiência uma mera atividade. A reflexão é o momento onde, durante ou após a atividade, o indivíduo se questiona, procura o entendimento, levanta hipóteses e conclusões sobre a atividade. Isso pode ocorrer espontaneamente no grupo ou no indivíduo, ou estimulado pelo formador.

Após essa análise, podemos visualizar melhor a importante função dos formadores na educação ao ar livre, uma vez que a eles cabe garantir esses dois elementos tão importantes para a aprendizagem: a continuidade e a interação significativa da experiência, combinadas com a reflexão.

Acima vimos um dos princípios mais comuns utilizado no ensino e aprendizagem da educação ao ar livre. Porém, para que um programa educacional desse tipo obtenha sucesso, ou seja, que realmente exista a aprendizagem do que se pretende ensinar (seja valores, atitudes, normas ou conceitos) muitos outros fatores são relevantes. Esses fatores podem ser internos ou externos, tanto para a instituição quanto para o indivíduo, e vão desde a saúde e segurança dos envolvidos na atividade, ao estilo de ensino utilizado, até à cultura e conceitos preexistentes nos aprendizes.

Analisando as conclusões de diversos autores sobre a aprendizagem no ambiente *outdoor*, Dillon et al. (2006) revelam que o sucesso de um programa é altamente influenciado por diversos fatores, entre eles: a experiência dos formadores, as exigências da instituição formadoras, a limitação de tempo, a idade dos indivíduos, o conhecimento e experiências anteriores, os medos e as limitações, a identidade cultural e étnica. A educação ao ar livre apresenta-se assim, de forma complexa e ligada a muitos elementos coletivos que podem influenciar a vida de muitas pessoas.

Um dos elementos que é de crucial importância na educação ao ar livre é “o palco” onde esta ocorre. Além disso, dada a ligação ao que a envolve, esse mesmo palco torna-se também facilitador do processo de aprendizagem, como é o caso da natureza.

2.3.2 O meio mais propício

Através da educação ao ar livre, pode-se ensinar muitas coisas, desde valores, a conceitos, ou matérias. A principal razão disso é o fato da educação ao ar livre utilizar a experiência e a reflexão num meio, que por sua vez, favorece a aprendizagem. A natureza é um meio propício para a aprendizagem, e quanto a isso, Afonso (2003), salienta que os seres humanos vivem imersos no seu meio social e natural (ambiente) e, se tivermos a pretensão de os conhecer, não podemos deixar de lado as relações que eles estabelecem com o seu meio. Logo, para que possamos compreender melhor alguns aspetos dos seres humanos, devemos observá-los no seu habitat.

Por exemplo, num estudo envolvendo especificamente o ensino de Biologia, Seniciato & Cavassan (2004), apontam as aulas desenvolvidas em ambientes naturais como um método eficaz, por envolverem e motivarem os aprendizes. Nessa mesma investigação, o autor cita Santos (2002), que revela as contribuições das aulas que acontecem em ambientes naturais que, além de serem positivas para os aprendizes, também o são para os professores, na medida em que estes últimos também são estimulados pelo meio envolvente. Dessa forma quando nessa situação de estímulo os professores veem uma oportunidade de inovação para seus trabalhos, empenham-se de modo mais assíduo na orientação dos aprendizes. Um pouco dessa inspiração que impele tanto professores como alunos é revelada por Cosgriff (2011, p. 56) ao descrever o sentimento presente em alguns dos participantes no seu estudo, os quais passam períodos de lazer junto à natureza: *“Nature was thus sensory, emotional, and spiritual...”*

Ainda na investigação de Seniciato & Cavassan (2004, p. 135) é revelado que 84% dos aprendizes, durante a aula, estavam num estado de “bem-estar”, devido às sensações de tranquilidade, paz e por terem descoberto algo novo, sugerindo uma contribuição positiva para o processo de aprendizagem, pois torna-o agradável. A conceção do conhecimento e a formação de novos conceitos não é tarefa fácil, se considerarmos fatores como o contexto, os sujeitos e o

próprio conteúdo. Nesse sentido, o ambiente natural vem favorecer e facilitar esse processo (Seniciato & Cavassan 2004).

Os mesmos autores destacam também que o ambiente natural ainda potencializa a manifestação de sensações e emoções nos aprendizes, em comparação com o ambiente de “sala de aula”. As sensações que surgem no decorrer das aulas de campo estão relacionadas primeiramente com aspetos físicos do ambiente, como a frescura e o calor, mas também sensações mais relacionadas com a presença dos aprendizes na natureza, como o reconhecimento de sons, odores, cores, formas e texturas, ou seja, a interatividade que falamos acima. Os autores continuam indicando que na maioria das vezes, a experiência junto à natureza é positiva, proporcionando bem-estar, harmonia, liberdade, desafio, entre outras sensações, e esse contacto direto com a natureza, a descoberta e a aprendizagem de novas coisas e conteúdos pode gerar em alguns aprendizes a sensação de conforto. A percepção de novos conteúdos, juntamente com a sensação do conforto justifica-se porque os aprendizes nesses ambientes recorrem a diferentes aspetos de sua condição humana, além da razão. O ambiente natural potencializa as nossas sensações e nos motiva emocionalmente, e esses sentimentos participam tanto dos processos de raciocínio quanto na construção de valores, garantindo que os nossos conhecimentos influenciaram as nossas escolhas (Seniciato & Cavassan 2004). As escolhas são um ponto importante na vida humana, são elas que definem o carácter, a pessoa e as suas relações com o mundo.

É também em meio natural que as pessoas se dão conta de algumas coisas que não conseguem perceber quando estão no seu lar, envoltos por ambientes que lhes proporcionam grande segurança e poucos desafios, Ferreira (1998) questionou caminhantes num programa de educação ambiental na África do Sul e constatou que as experiências vividas num percurso de *hiking* de cinco dias fez os caminhantes perceberem melhor as relações de poder (“força da natureza”) entre o ambiente e o ser humano. Muitos dos comentários dos entrevistados no estudo sugerem que o homem é vulnerável a forças da natureza, tempestades, frio, calor extremo, mas que podem sobreviver a estas se tiverem o conhecimento pertinente e estabelecer um convívio harmónico com a mesma.

Confirmando a perspetiva da importância das emoções, ao comentar a influente obra de António Damásio, “O Erro de Descartes”, Tomaz & Giugliano (1997) explicam que as emoções são substanciais para a nossa vida racional. São elas que nos tornam únicos, nos diferenciando dos outros. Logo, para uma aprendizagem íntegra, as emoções não devem ser separadas da razão, devem ser estimuladas juntas, pois são as emoções que permitem o desenvolvimento racional e nesse contexto o ambiente natural aparece como agente dinamizador e potencializador para o surgimento de tais emoções e consecutivamente da aprendizagem.

Apesar do meio natural ser propício para a consolidação da aprendizagem, deve-se considerar que meras visitas a ele, podem não ser eficazes para a conscientização e mudança de atitudes

de uma pessoa, sendo necessário que a pessoa nesse ambiente tenha acompanhamento, seja instruída e orientada (Dias 2003).

As pessoas, mais os jovens em especial, são motivados por uma busca por sua legitimação e autorrespeito o que lhes desperta um sentido aventureiro fazendo com que enfrentem riscos e situações que os ponham à prova, e tudo, na tentativa de se perceberem como pessoas de valor e de se desafiarem, a fim de justificar e afirmarem a sua existência. Em análise, é preferível que esses desafios e prova de limites ocorram em atividades saudáveis na natureza e de risco controlado, como os desportos de aventura, do que nas ruas com o uso de drogas, confrontos com autoridades, ou quebra de leis e normas. Com frequência, o Homem escolhe a natureza como cenário para esses momentos de provação, a qual cumpre muito bem a superação de obstáculos e desafios, revelando ao ser humano as suas capacidades e habilidades físicas e morais (David Le Breton 2009, citado por Kunreuther & Ferraz 2012). Esta é uma das propostas fundamentais da educação ao ar livre.

No entanto, devemos ter atenção num ponto importante da educação ao ar livre. Defender uma visão demasiada antropocêntrica pode ser um risco a longo prazo para nós mesmos, ou seja, se usarmos a natureza apenas para o ganho de habilidades motoras ou capacidades cognitivas, por exemplo, preocupando-nos apenas com o desenvolvimento pessoal e social, a fator do desenvolvimento humano e material, pode representar um risco. Cosgriff (2011), alerta-nos que apesar de a natureza ser um meio de excelência para o desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais, esse tipo de educação deve ocorrer mesmo em meio natural também porque é um dos seus focos conhecê-la e preservá-la a fim de que os humanos possam desenvolver-se com ela, criando assim uma mentalidade que veja a natureza como parceira. Logo, em sua essência, e como já abordado, o âmago da educação ao ar livre está num desenvolvimento holístico entre homem e natureza.

2.3.3 A componente “aventura”

Como já mencionado, o ambiente está muito ligado à questão do surgimento das emoções e, por sua vez, estas são inerentes à aventura.

A influência da aventura sobre a aprendizagem do indivíduo acontece de um modo muito parecido do que ocorre com o ambiente natural. A aventura é, na educação ao ar livre, o fator que mais pode marcar a experiência do aluno, essencialmente devido às sensações e emoções geradas por ela.

Mesmo antes de ter idade suficiente para procurar saber a definição de aventura, muitos de nós já fazemos noção do que ela seja, pois estamos sempre ouvindo ou vendo histórias onde somos levados para meios exóticos e recheados de surpresas. Entre outras, a aventura tem algumas

características intrínsecas como o risco, a novidade, o estímulo, o escape, a exploração, a descoberta e as emoções contrastantes. Se olhados separadamente, essas componentes não representam e não são a aventura em si, porém, elas interagem umas com as outras, criando a aventura e contribuindo para a definição do seu nível (Swarbrooke et al. 2003).

Para além disso, para ocorrer uma situação de aventura precisamos de alguns dos componentes que vimos acima, mas ela sempre será uma percepção pessoal. Logo, ela não é determinada apenas por atividades específicas, mas também por um estado mental, subjetivo, onde o indivíduo se encontra numa posição que acredita estar dando um passo ao desconhecido, onde enfrentará desafios que poderão beneficiá-lo de algum modo, alcançando ou adquirindo algo valioso a partir da experiência vivida (Swarbrooke et al. 2003), este algo valioso pode ser um conhecimento, um objeto, o prestígio, a autoafirmação, entre outras coisas.

Cumulativamente, a aventura não é uma experiência passiva e ela requer ações, seja no campo físico, intelectual ou mental. Embora, atividades específicas não estabelecem, por si só a aventura, algumas podem remeter o praticante a sentimentos e situações características e necessárias à mesma, como o risco, possibilidade de ganhos, estado de alerta. Ao salientar algumas atividades ligadas à educação ao ar livre que podem colocar o participante num estado de aventura, Ford (1986), destaca o montanhismo, a escalada, o *rafting* e o arvorismo.

Explorando um pouco mais o montanhismo, nitidamente uma atividade de aventura, Oliveira (1998) destaca a teoria do risco de Rosenthal e compartilha que existe algo no risco, e conseqüentemente na aventura, que amplifica a existência das pessoas, algo tão real e de tão grande impacto que as pessoas que o vivenciam (o risco), continuam procurando-o, a fim de repetir a experiência. Também é frequente uma “elevação de consciência” em pessoas que vivenciam riscos, uma vez que seus sentidos e noções (em relação ao risco) são estimuladas quando o sujeito está nessa situação. Da mesma forma, também causa um mais profundo conhecimento sobre suas limitações e capacidades pessoais, uma vez que o risco amplia as suas percepções, forçando a uma concentração absoluta no momento que vivenciam.

A utilização da aventura na educação ao ar livre é um fator positivo que pode ajudar a melhor alcançar os objetivos e a otimizar resultados, levando a um crescimento do participante, no sentido em que ganha autoconfiança, capacidades de liderança e conhecimento dos próprios limites, entre outros (McKenzie 2000). Um programa ou atividade com aventura origina situações e realça questões que influenciam na aprendizagem e que motivam o aprendiz. A respeito da experiência de turismo de aventura (onde se pode incluir também a educação), Swarbrooke et al. (2003) salienta que a aventura tem uma natureza transcendente, provocando entusiasmo, pelo fato de expor o participante a riscos (reais ou percebidos) intelectuais, físicos ou mentais, desafiando-o e requerendo a sua máxima concentração. Para além disso, será também intrinsecamente recompensadora, abrindo oportunidades para a aprendizagem, para o aperfeiçoamento pessoal e para a diversão.

Walsh e Golins (1976, citados por McKenzie 2000), explicam que as atividades que envolvem aventura induzem o participante a usar as suas capacidades físicas, intelectuais e emocionais. Sendo, por isso, algo diferente do que somente assistir a uma aula, palestra ou fazer uma simples redação, como é costume na educação tradicional. Fortalecendo essa ideia Kimball e Bacon (1993, citados por McKenzie 2000), consideram que o sucesso de um programa educacional, que conta com o recurso da aventura, não é somente possível, mas muito provável.

Para além do que já vimos antes, Betrán & Betrán (1999), numa abordagem sobre os desportos de aventura, colocam grande parte de seu sucesso na cultura audiovisual dominante em certas sociedades, uma vez que por meio dessa cultura, percebemos a aventura como a vivência do extraordinário e percebemos isso através das imagens de “heróis desportivos” e suas extraordinárias qualidades. Segundo estes autores, a aventura marca cada pessoa que a vivencia devido à atração pela natureza e pelo desejo em se afastar da entediante segurança e conforto, para viver novas experiências, sentir a adrenalina, e por fim, obter o imenso prazer de poder contar as histórias aos amigos.

2.3.4 Educação ao ar livre e atividades desportivas na natureza

As atividades desportivas de aventura são largamente utilizadas na educação ao ar livre. Isso deve-se ao facto de que na educação ao ar livre a construção do conhecimento e a aprendizagem é pensada de modo holístico, tentando agregar componentes como as emoções, a razão, os aspetos sociais e físicos. Uma vez que as atividades físicas estão intimamente ligadas aos desportos, é através destes que se insere a componente física na educação ao ar livre, para além dos outros benefícios largamente conhecidos relacionados a prática do desporto em geral.

No caso da Europa, o início das atividades *outdoor* de um modo organizado para a consciencialização de práticas ambientais, teve lugar na Suécia na década de 1930, e só mais tarde, por volta de 1980, essas atividades foram introduzidas como uma componente educacional, nas escolas primárias e secundárias em todo o país (Sandell & Öhman 2010).

Numa pesquisa, cujo objetivo foi perceber o modo como as atividades físicas de aventura podem contribuir para a melhoria da autoestima dos participantes, Bernardo & Matos (2003) destacam que um programa de atividades de desporto de aventura desenvolvido ao longo de 10 semanas proporcionou em seus participantes um efeito de consolidação e um ligeiro aumento da autoestima. Estes dados contribuem para a justificação do uso de atividades desportivas em programas educacionais, se não para o seu aumento, para o combate à diminuição da autoestima dos jovens. No mesmo estudo, o autor constata que essa tendência está presente igualmente no grupo de controlo, ou seja, os que não participaram no programa.

A questão pela qual as atividades desportivas de aventura, assim como o montanhismo, são largamente utilizadas na educação ao ar livre é bastante perceptível no trecho descrito pelo montanhista italiano Bonatti (1963, citado por Oliveira 1998, p. 03), onde diz que:

“...a psique do montanhista é adaptada à realização de tarefas difíceis e ele não se contenta com a mediocridade tão comumente encontrada na sociedade contemporânea, onde as pessoas se acomodam em ser apenas uma fração de seu potencial, mas, os montanhistas, aceitam riscos por livre opção impulsionados a vivenciar um tipo de elevação de espírito que influencia profundamente seu caráter”.

Ainda pela interação do corpo numa educação holística, embora noutro contexto, agora com uma preocupação mais física, Rosa & Carvalhinho (2012), salientam que a prática desportiva, em contacto com a natureza, potencializa e agrega valor a um conjunto variado de sensações, entre elas a saúde, o entretenimento, o prazer e o bem-estar, onde as pessoas podem encontrar a satisfação da necessidade de compensação de um sistema de vida mais sedentário e urbano.

Relativamente à relação entre desporto, natureza e pedagogia, surge a “ecomotricidade”, um termo utilizado pela primeira vez, segundo Rodrigues & Junior (2009), por Leite et al. (2006). Este termo foi muito explorado por Rodrigues & Júnior (2009), apresentando a ecomotricidade como uma prática corporal e desportiva, desenvolvida com intencionalidade, que se relaciona com processos educativos de reconhecimento das relações Homem-Natureza e que prima pela sinergia entre os três fatores principais: motricidade, natureza e educação. Para os autores, essa tripla relação, ou seja, a ecomotricidade, é uma fórmula para se existir no mundo, apropriando-se de uma visão crítica, vislumbrando as possíveis relações dentro desse contexto, de uma forma íntegra para a formação do indivíduo e da sociedade.

O uso dos desportos de natureza, tanto na educação como em outras áreas (caso do turismo), é uma realidade existindo um grande consenso na comunidade científica a respeito dos benefícios de seu uso, das suas potencialidade e oportunidades que gera. Na opinião de Rosa & Carvalhinho (2012), isso se deve ao fato das atividades desportivas na natureza serem imprevisíveis, excitantes, estimularem o culto ao corpo e movimento, servirem a uma grande gama de pessoas e também pelas importantes características físicas e geográficas de onde são praticados e enquadrados, ou seja o meio natural. Logo, essas características conferem aos desportos de natureza grande popularidade e aceitação.

Existe uma grande variedade de modalidades desportivas e atividades físicas que podem ser enquadradas num contexto tanto educacional quanto turístico e em meio natural (e.g. canoagem, montanhismo, campismo). Todavia, a caminhada parece ser a modalidade ideal para ser associada à educação ao ar livre uma vez que muitos autores (Kunreuther & Ferraz, 2012; Lima, 2005; Marinho, 2005; Neto, Fonseca & Silva, 2006) compatibilizam com o uso da mesma nesse tipo de educação. Para Ferreira (1998), de um modo geral nos últimos anos as atividades ao ar

livre ganharam grande popularidade, especialmente as caminhadas, e na base dessa crescente popularidade o autor indica estar a busca por novas formas de interação com a natureza, o fato da caminhada expor os praticantes a situações que fazem emergir preocupações com o ambiente, as relações sociais e os desafios físicos e psicológicos.

Algumas das características das caminhadas são também de grande ajuda para a educação ao ar livre. Desde o planeamento do percurso que se pretende realizar até às condições do terreno, todos esses fatores evocam muitas contribuições. Após realizar um estudo em que se investigou vários grupos de caminhada numa ação de educação ambiental na África do Sul, Ferreira (1998), destaca algumas das características relatadas pelos participantes que podem ajudar no bom desenvolvimento da atividade, nomeadamente:

- As distâncias percorridas a cada dia têm um efeito significativo sobre a capacidade de observação dos aprendizes;
- No planeamento dos trilhos devem ser considerados os impactos ambientais;
- Manter atenção sobre as instalações e cuidar da manutenção das rotas;
- É necessário manter um nível de conforto básico para que os participantes estejam satisfeitos e entusiasmados.

A autora ressalta ainda que, tanto a aptidão física como a psicológica são muito influentes no desenvolvimento cognitivo de uma pessoa, devendo estas, estarem ajustadas às atividades desportivas que se pretende utilizar nos programas de educação ao ar livre, ou vice-versa. Nesse estudo fica claro o potencial de atividades como a caminhada para despertar nos participantes questões sobre a proteção ambiental ou minimamente os fazer perceber sobre problemas locais, que as próprias atividades podem acarretar se realizadas irresponsavelmente. É notável esse potencial existente nas caminhadas quando os próprios participantes relatam que deve-se considerar os impactos ambientais, que há que cuidar e zelar pela rota, como referido no estudo supracitado.

As atividades desportivas, nesses contextos, podem também revelar importantes aspetos sociais cruciais no desenvolvimento de pessoas. Por exemplo, o *hiking* na África do Sul estudado por Ferreira (1998) fez surgir situações conflituosas entre os membros do grupo. Estas situações também são fundamentais para os ensinamentos do convívio social, por exemplo, a cooperação ou a aceitação de diferentes formas de ser ou estar. Questões que surgiram neste estudo e que ocorrem com frequência nesse tipo de atividade, como quando um grupo que é unido se divide e alguns membros passam a ter ritmos diferentes na caminhada deixando o grupo separado, este quadro pode afetar psicologicamente alguns participantes (como ocorreu no caso estudado), devendo essa situação ser aproveitada pelos instrutores ou guias no ensino de habilidades sociais e no desenvolvimento pessoal dos participantes.

Estas circunstâncias acontecem com frequência nas atividades desportivas e, normalmente, têm soluções relativamente simples, mas que necessitam da participação de todos os envolvidos. Estes momentos destacam a necessidade de regras, de líderes e de um planeamento adequado.

Para Oliveira (1998), claramente um adepto do montanhismo, a prática dessa atividade, pode fazer com que os participantes se tornem pessoas mais fortes, responsáveis e equilibradas. Devido às experiências que ocorrem nessas atividades desportivas de aventura, onde é primordial o exercício da consciência, autocontrole e sociabilidade, os praticantes conquistam uma vitória pelos seus próprios meios, com seus próprios esforços. Desta forma, o montanhismo, apresenta-se como uma das principais alternativas para a prática de atividades na natureza nos dias atuais, onde prevalece a preocupação pelos bens materiais em detrimento dos valores sociais e espirituais. Para Oliveira (1998), e devido às suas características, o montanhismo apresenta uma visão oposta e uma alternativa, aos frágeis valores cultivados nas sociedades urbanas moderna.

2.3.5 O aprendiz

O aprendiz é o principal foco da educação. Independentemente do que se ensina, de como ou de onde se ensina, o objetivo primeiro é a formação e desenvolvimento da pessoa. O aprendiz é a força motriz da educação, e devido a isso, hoje sabe-se muito a respeito do mesmo, como ele aprende, como pode alcançar sua autonomia moral, como o meio pode influenciar sua aprendizagem, suas necessidades de conhecimento, métodos adequados e atrativos, sua satisfação com métodos de ensino, sua preferência em determinadas disciplinas, etc. Essas e outras temáticas envolvendo o aprendiz foram objeto de dedicação de vários estudiosos, entre eles Piaget, Vigotski, Dewey, Paulo Freire e Baden-Powell, mencionando apenas o lado ocidental do globo.

Para Piaget (1928/1977, citado por Freitas 2002), o julgamento moral de uma criança está fundamentalmente ligado ao sentimento de respeito que essa sente por alguém ou por algo. É essa relação de respeito que definirá também uma relação moralmente correta (Freitas 2002). Mas, o que é o respeito? Freitas (2002), cita Bovet (1912) que define respeito como uma relação de natureza afetiva, envolvendo amor e medo. E também cita Piaget (1941), para quem o respeito é a expressão do valor atribuído. O respeito surge da interação com o meio social, podendo essa interação ter duas características básicas, a coação e a cooperação. A coação é um tipo de relação que o indivíduo estabelece com a sociedade, em que existe um elemento dominante de autoridade ou de prestígio; a cooperação, por seu lado, é uma relação social onde os indivíduos acreditam ser iguais, ou seja, não há um elemento em destaque, nem pelo prestígio, tampouco pela autoridade (Freitas 2002).

Piaget mostrou-nos ainda que é graças à cooperação, que surge nos indivíduos o respeito mútuo, que é uma relação em que os indivíduos atribuem valores equivalentes entre si. Em função desse tipo de relação, o sujeito percebe que as regras, seja a de um jogo ou as regras sociais, tornam-se produto da vontade coletiva, entre outras coisas, percebe também que regras diferem de leis e que nem sempre a regra é justa. Sintetizando, é por meio da relação social cooperativa que o indivíduo começa a ganhar autonomia moral (Freitas 2002).

A educação ao ar livre também tem a capacidade de expandir a zona de conforto do aprendiz, uma vez que num primeiro momento faz com que o aprendiz deixe o seu “porto seguro” e enfrente o desconhecido. Essa ideia, muito presente nos modelos de educação ao ar livre, encontra fundamentos na teoria de Vigotski (1935/2010, citado por Pino 2010) onde, no caso da criança, é dependente do meio para se desenvolver e também o meio é transformado pela criança. Mas não basta a existência num meio³, para que ocorra aprendizagem e desenvolvimento. Esse meio deve apresentar variações; a regra é que para o desenvolvimento o meio deve ser mutável, sempre apresentando novas situações (Pino 2010). Novas situações, tanto externas (natureza, ambiente e materiais), como internas (aventura, mistérios, impasses e demandas) que resultam em mudanças, são uma condição básica para o desenvolvimento pessoal, social e cultural.

Os indivíduos apresentam diferentes necessidades educativas consoante sua personalidade, faixa etária, cultura, sistema político e religioso onde vivem e a educação ao ar livre apresenta um modelo de educação que prioriza essas pré-condições de cada aprendiz em contraste com formas de educação formal, facto que concorda com as reveladoras ideias de Paulo Freire (1981, citado por Fochezatto & Conceição 2012) onde cabe à educação o papel de auxiliar na formação crítica de uma pessoa, libertando-a dos sistemas opressores que a sufocam, permitindo aos aprendizes uma emancipação que é alcançada por meio de um pensamento crítico, de forma a possibilitar que o indivíduo seja educado para a transformação da sociedade.

Como podemos ver a partir do exposto acima, outra semelhança existente entre educação ao ar livre e o turismo na natureza é a preocupação com as formas peculiares que ambos tomam, colocando a atenção e priorizando as características de cada indivíduo dentro dos grupos, ou seja, não generalizando e tratando os participantes de modo personalizado.

Além das necessidades de cada aprendiz, há também as carências sociais. Hoje é evidente a necessidade, em algumas sociedades, de uma educação para o turismo, a qual pode ser claramente sanada pela educação ao ar livre. Porém, estamos aqui a tratar de um modelo de educação que se enquadra em educação não formal. No entanto, existem autores como Tomik & Mynarski (2009), que já apontam a necessidade de inclusão de uma educação para o turismo mesmo no currículo escolar, ou seja, que ele já faça parte da educação formal de crianças e jovens. Essas ideias vêm ao encontro com os pensamentos de Paulo Freire (1981, citado por

³ Para Vigotski, o conceito de meio era um pouco mais abrangente podendo significar tanto o ambiente físico como as condições subjetivas da criança (Vigotski 1935/2010, citado por Pino 2010).

Fochezatto & Conceição 2012), que questionava quais as necessidades dos aprendizes, ou seja, educação por educação não basta. É preciso saber e encontrar as demandas sociais e individuais.

Quanto ao método para instruir, ensinar ou formar um aprendiz, Baden-Powell (1998, citado por Junior & Vaz 2012) indicava que a melhor maneira era passar a informação em pequenas parcelas e exemplificando-as, o mesmo autor ainda nos dá o exemplo do ensinamento de jovens, sentados à volta de uma fogueira, em oposição a uma palestra ou algo formal, que certamente os aborreceria.

Por outro lado, a satisfação de um aprendiz em relação à disciplina também é condicionada por muitos fatores e não só pelo método utilizado, desde os conteúdos abordados, passando pela importância que os aprendizes conferem a disciplina, o género do professor, experiências anteriores, até a influência dos média (Pinheiro et al. 2013). Contudo, a motivação é algo que contribui imenso para o bom desenrolar de uma disciplina ou de um programa educacional e Ferreira (2005, citado por Pinheiro et al. 2013) coloca grande parte da responsabilidade em motivar os aprendizes nas ações do professor, dizendo que o mesmo deve procurar diversificar as atividades e mantê-las sempre de acordo com os gostos e necessidades do aprendiz.

Nesse mesmo estudo realizado por Pinheiro et al. (2013), com o objetivo de conhecer o nível de satisfação de crianças e jovens dos 11 aos 19 anos de idade em relação às aulas de educação física, os autores destacam o papel do planeamento e gestão das aulas e do programa educacional, dizendo que é importante evitar-se a rotina. Logo, a fase de planeamento é a ideal para se combater esse fator que tanto desagrade aos jovens. Para se elevar o nível de satisfação do aprendiz é preciso conhecer e compreender o aprendiz e ir ao encontro dos seus interesses.

Ainda em relação ao ponto de vista dos alunos sobre a educação ao ar livre, é válido destacar o trabalho de Cooley et al. (2014) onde, para investigar as experiências de aprendizagem dos alunos que passaram por um programa de educação ao ar livre, os autores inovaram na metodologia, utilizando um instrumento diferenciado. Trata-se de uma entrevista semiestruturada, mas que ao invés de fazerem uso de um entrevistador apenas foi dado aos entrevistados as perguntas e uma câmara de vídeo, onde os alunos tinham a liberdade de dizer e responder às questões durante os vários momentos no decorrer do curso. Para além disso, esse método deixou os alunos mais confortáveis nos momentos de exporem suas opiniões. Como resultado, o estudo revela que antes da intervenção com educação ao ar livre as competências dos alunos de modo geral eram pobres, sobretudo no que se refere ao trabalho de grupo. E após a realização do curso houve melhorias nas diversas capacidades como: confiança, comunicação, autoestima, trabalho de grupo e planeamento.

A opinião e experiências de um aprendiz em relação ao modelo educacional em que o mesmo é ensinado depende de muitos fatores, como a motivação, a relação com professores e colegas,

as razões pelas quais está participando do programa, da idade, de habilidades e conhecimentos prévios e das atividades desenvolvidas nos programas. Esses são alguns dos aspetos que podem moldar a opinião do mesmo e através dessa opinião é que poderá ser desenvolvida a educação ao ar livre, enquanto modelo educacional, prática turística, prática desportiva, ou para quaisquer outros fins.

2.3.6 Os benefícios da educação ao ar livre

“Outdoor activities during physical education classes or extracurricular active tourism not only make the school’s didactic and educational programmes more attractive, but also have unquestionable health-related, cognitive and cultural advantages” (Tomik & Mynarski 2009, p.421)

Alguns países e regiões como E.U.A., Austrália e Inglaterra utilizam largamente a educação ao ar livre, justamente por perceberem seus benefícios para o educando e para a sociedade. Algumas das melhorias que a educação ao ar livre pode trazer são destacadas na investigação de Dillon et al. (2006). O estudo faz saber que 96% de um grupo de 128 indivíduos lembravam-se de uma viagem feita nos primeiros anos escolares, indicando que esse recurso educacional é muito marcante nos alunos, de tal forma que eles podem recordar-se da viagem e da aprendizagem mesmo após muitos anos. Ainda citando outro estudo (SEER 2000), o mesmo autor revela que os benefícios aparecem também de modo qualitativo, mostrando aprendizes de escolas californianas que tiveram a sua educação com maior foco em programas ambientais e conseguiram índices mais elevados nas avaliações académicas de ciências, matemática, leitura, etc., comparativamente a outras escolas, que focavam demasiado a tradição da sala de aula.

Ao estudar as potencialidades da educação ao ar livre para o ambiente e sustentabilidade na Suécia, Sandell & Öhman (2010) mostraram os principais benefícios que ocorrem com aprendizes que passam por esse tipo de processo educacional. Neste caso vale destacar, como os próprios autores referem, a especificidade da Suécia e Escandinávia, onde o estudo foi realizado, ou seja, num contexto diferente, os proveitos da educação ao ar livre podem também ser diferentes. Os autores indicam ainda que os encontros na natureza podem despertar, nos aprendizes, diversos pensamentos democráticos, importantes para a vida social e continuam salientando outros benefícios deste método, nomeadamente:

1. Significado baseado na experiência: experimentar algo através do nosso corpo, utilizando mais de um sentido sensorial, pode ser determinante para percebermos os significados das coisas, isso é, o ser humano numa relação com a envolvente. Para exemplificar isso, os autores expõe uma situação muito próxima da educação ao ar livre: se queremos descobrir a temperatura da água num lago de uma forma científica, usamos

um termómetro e vemos o número de graus como uma relação entre a água e a coluna de mercúrio. Por outro lado, podemos colocar a mão na água e com base em nossa experiência e propósito (se queremos beber ou tomar banho) concluir o quão quente ou fria ela está;

2. Perspetiva ética: o aluno aprende a analisar valores e a lidar com princípios ambientais, que podem ser expandidos para outras áreas da vida (social, económico, trabalho, lazer, etc.). Por exemplo, fazê-lo pensar se a natureza, além dos valores materiais, tem algum outro valor intrínseco. Tais compreensões são favorecidas num momento de relação com a natureza, onde as experiências emocionais fundamentarão suas reflexões éticas;
3. Desenvolvimento sustentável: primeiramente é importante perceber que este é um tema em que a sua definição e conceito ainda estão em formação, logo temos que perceber que a educação para o desenvolvimento sustentável também é algo que está numa constante evolução. Todavia, a educação ao ar livre é uma forte aliada da formação para o desenvolvimento sustentável porque ela implica, não apenas numa educação ambiental, mas também o entendimento da importância do desenvolvimento social e económico. Além disso, as relações estéticas e emocionais com a natureza reforçam ainda mais o convívio harmonioso com a mesma;
4. Aproximação com o meio natural: este modelo de educação proporciona a muitas pessoas uma re-conexão com o meio natural, o que há alguns anos era muito evidente, comum e natural, e hoje está cada vez mais distante da sociedade moderna. Embora ainda sejamos totalmente dependente da natureza (alimentos, água, energia, materiais, etc.), boa parte dessa dependência passa despercebida porque essa conexão hoje é feita através de cabos, canos, fios, e outros recursos tecnológicos, mas a educação ambiental e a sustentabilidade através da educação ao ar livre pode revelar e despertar o interesse por essa conexão mais direta com a natureza;
5. Qualidade de vida na simplicidade: a educação ao ar livre é ainda uma boa introdução e fundamento para perceber a ideologia de uma vida simples e com qualidade. Contribui para perceber que depois de satisfeitas as necessidades básicas, não existe uma relação direta entre bens materiais, felicidade e qualidade de vida, mas, que a felicidade e qualidade de vida, são relacionados com outros valores. A educação ao ar livre pode também ensinar que é possível ter uma vida rica em meios simples onde a qualidade, alegria e felicidade não estão ligadas ao consumo, recompensas económicas e bens materiais. Estão antes, ligadas a experiências, espontaneidade, liberdade física e mental.

Existe um consenso na comunidade científica a respeito dos benefícios para o desenvolvimento pessoal e social que a educação ao ar livre gera em seus aprendizes. Mas é válido ressaltar que não basta uma única experiência para que todos os conceitos sejam aprendidos de forma duradoura. Isso também fica claro no estudo realizado por Scrutton (2015), onde se quantificou

os benefícios gerados pela educação ao ar livre em crianças escocesas. No final do estudo o autor indica que, imediatamente após a intervenção com o método educacional, o ganho de benefícios para o desenvolvimento pessoal e social são elevados, mas após um período de três meses, esses mesmos benefícios diminuem drasticamente. Estes dados podem sugerir necessidades de intervenções com a educação ao ar livre num formato mais frequente do que as que usualmente são praticadas.

2.4 Síntese

Existe um consenso na comunidade científica a respeito do conceito, de como ocorre e qual o campo de abrangência da educação ao ar livre, uma vez que os autores a abordam de modo muito similar.

A educação ao ar livre é focada no desenvolvimento de pessoas, podendo trazer benefícios para a sociedade, ambiente e cultura e é composta por complexos fatores. Além disso, ocorre em ambientes naturais, onde se utiliza predominantemente atividades físicas com fortes componentes de aventura, para ensinar, por meio de experiências marcante, valores que promovam uma vida com qualidade e de harmonia com os outros seres.

Essa concordância entre os investigadores da área é ainda maior a respeito dos benefícios da educação ao ar livre, especificamente no que toca à educação ambiental, salientando que a mesma vai ao encontro dos princípios de um turismo que tem por base o desenvolvimento sustentável.

No que se refere ao turismo na natureza, existe uma opinião coesa quanto às formas e campos de atuação do mesmo e suas necessidades de ser ligado a fundamentos socioambientais e sustentáveis.

Para os autores consultados, o elo existente entre o turismo na natureza e educação ao ar livre é evidente, a começar pelo momento que, para realizar a educação ao ar livre, o aprendiz deve deixar sua zona de residência habitual, passando nesse momento, a ser um turista. Mas as relações entre estas áreas vão além disso e uma pode e deve contribuir para o desenvolvimento da outra, ou seja, a abordagem do turismo na natureza dentro da educação ao ar livre é algo intrínseco, e vice-versa. Adicionalmente, o principal fator que aproxima estas áreas é a partilha de ideais tais como o respeito à diversidade, a preservação do ambiente, o conhecimento de novas culturas e atitudes responsáveis e sustentáveis. Logo, o desenvolvimento de uma alavanca a outra.

3 METODOLOGIA

3.1 Introdução

No capítulo anterior aproveitámos para decorrer sobre o estado da arte acerca dos temas que consideramos mais relevantes para este trabalho, nomeadamente o turismo, em especial o desenvolvido em meio natural, e a educação ao ar livre. Onde examinámos as relações, numa ordem cronológica, entre essas duas áreas, assim como a importância da educação ao ar livre enquanto ferramenta para o desenvolvimento e formação de jovens e auxílio de um desenvolvimento do turismo responsável.

Uma vez que pretendemos focar-nos nas expedições para jovens, realizadas em meio natural, optamos por recorrer a um estudo de caso com estas características, a fim de investigar quais as influências dessa atividade para o turismo na natureza, com base na opinião dos jovens participantes.

Este capítulo será desenvolvido com o objetivo de apresentar o conjunto de ações tomadas para alcançarmos o propósito deste estudo, tratando também dos instrumentos utilizados, do processo de recolha de dados e de como estes foram tratados.

3.2 Opções metodológicas

Uma das principais características das ciências sociais é o fato de lidarem com pessoas, investigando seus comportamentos sociais resultantes das relações entre estas e o meio envolvente. Esses comportamentos variam tanto quanto as diferentes partes do mundo e épocas em que são estudados e, considerando ser evidente que o mundo social está em constante mudança e que cada pessoa é diferente da outra, reproduzir exatamente uma dada investigação em diferentes épocas e locais, e obter resultados iguais, é algo quase utópico (Veal 2006). Com isto em mente e procurando responder aos objetivos propostos neste trabalho, optamos por realizar uma abordagem predominantemente qualitativa, apesar de se recorrer a uma recolha de dados baseados em parâmetros quantitativos, mas que posteriormente, permitem a tradução dos resultados quantitativos numa resposta qualitativa.

A pesquisa qualitativa tem vindo a ganhar espaço na investigação de áreas como a educação e a psicologia, por se preocupar com aspetos da realidade que dificilmente poderiam ser quantificados, uma vez que trabalha no campo das atitudes, motivações, crenças, dos valores,

dos processos e dos fenómenos que, se reduzidos apenas a variáveis numéricas, não trariam informações fidedignas. Assim, a principal relevância de uma amostra, para a pesquisa qualitativa, não é sua dimensão e sim, agentes sociais que tenham uma relação expressiva com a problemática investigada (Minayo 2001). Desta forma, uma boa amostra para uma pesquisa qualitativa é aquela que demonstra ser capaz de produzir informações aprofundadas, ilustrativas e novas, a respeito do tema estudado, independentemente da sua dimensão (Deslauriers 1991 citado por Gerhardt & Silveira 2009).

Também por isso, considerou-se conveniente optar pelo estudo de caso numa instituição que realiza especificamente o modelo de ensino que se pretende investigar - a educação ao ar livre - no formato de expedições.

Procurando responder aos objetivos anteriormente delineados neste trabalho, optou-se por seguir as etapas descritas por Quivy & Campenhoudt (1998) de acordo com o Manual de Investigação em Ciências Sociais (figura 4).

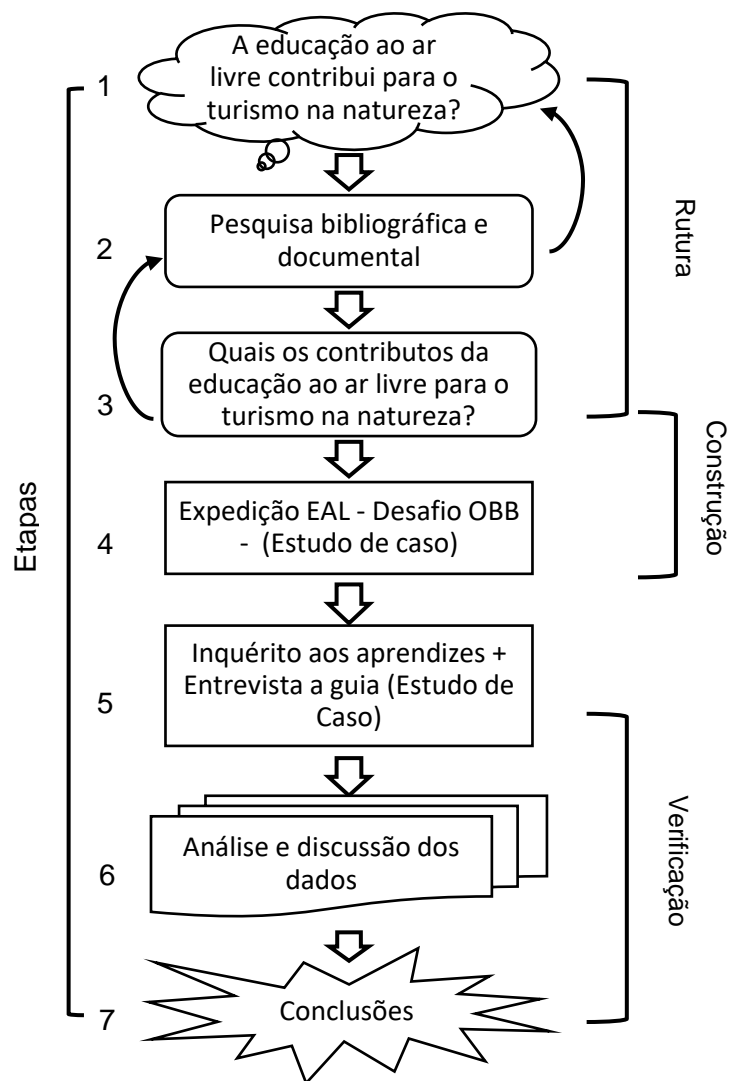


Figura 4 – Processo de elaboração da dissertação - adaptado de Quivy & Campenhoudt (1998)

Iniciámos com uma rutura que permitiu um maior aprofundamento a respeito do tema, permitindo identificar as falsas evidências e a libertação de perceções enganosas a respeito da educação ao ar livre e do turismo na natureza. Seguiu-se então a fase de construção, onde se elaborou um plano de pesquisa, a pensar na melhor forma de averiguar os objetivos propostos e nas operações necessárias para a realização da mesma. Na fase final procura-se a verificação dos fatos a partir dos dados obtidos e, conseqüentemente apresenta-se uma conclusão.

O foco principal deste trabalho é colocado no estudo de caso de um grupo de jovens que realizou uma expedição de educação ao ar livre na instituição OBB. Para Fonseca (2002) o estudo de caso é caracterizado pelo estudo de uma entidade bem definida, como um programa, uma instituição, um sistema educativo ou um grupo. Esse método visa conhecer com profundidade uma determinada situação, e o pesquisador não pretende intervir sobre o objeto de estudo, mas

sim revelá-lo como o percebe. Além disso, considera-se ainda pertinente apresentar antecipadamente e com algum detalhe a instituição onde a expedição é elaborada – a OBB.

3.3 Apresentação da instituição OBB

Como já indicado este trabalho tem sustentação na OBB, instituição que organiza as expedições de educação ao ar livre que se pretende investigar. A obtenção de informações e dados a respeito da mesma, ocorreu substancialmente por meio de pesquisa bibliografia e documental, com especial destaque para os seguintes *sites*:

- <http://www.obb.org.br> - Neste *site* é possível encontrar informações no tocante à própria instituição tal como história, princípios orientadores e colaboradores; informação a respeito dos cursos e expedições oferecidas, programas sociais, proposta de atividades para cada faixa etária ou tipo de cliente; e ainda mais informações sobre a equipa de instrutores, o método de ensino utilizado, gestão de segurança das expedições, parceiros e contatos, e também alguns documentos e estudos a respeito da educação experiencial ao ar livre;
- <http://www.outwardbound.net> - Este *site* fornece informação sobre como surgiram as escolas *Outward Bound*, a história a respeito de seus fundadores, qual o seu método de ensino, filosofia e princípios, e quais as escolas *Outward Bound* filiadas e existentes ao redor do mundo; também, através desse *site*, é possível encontrar estudos e pesquisas ligadas ao tema, assim como a sua revista com edição anual.

Da pesquisa realizada não se encontraram trabalhos publicados a respeito da OBB, exceção ao trabalho de Kunreuther (2011), que foi consultado e constituiu-se numa importante base de informação a respeito desta instituição.

Ainda como fonte complementar, foi possível obter informações via correio eletrónico, dos gestores e colaboradores da OBB, os quais foram contactados ao longo do desenvolvimento do estudo.

Além destes contatos, foi ainda realizada uma entrevista a uma das instrutoras da instituição.

3.4 Métodos e instrumentos para recolha de dados

Para a recolha de dados, ao invés de usarmos instrumentos padronizados, e por considerar cada problemática objeto de uma pesquisa específica, tornando-se necessário um instrumento de

recolha de dados específico, optamos, como sugere Günther (2006), pela elaboração de um novo questionário, que foi aplicado tanto aos jovens participantes do “Desafio OBB 2016”, expedição foco do nosso estudo, como aos ex-alunos da OBB participantes da expedição “*Outward Leaders 2016*”.

Além deste instrumento, realizou-se uma entrevista semiestruturada, a uma das instrutoras do Desafio OBB 2016 entrevista constituída por quatro questões norteadoras diretamente ligadas aos objetivos do estudo, na qual a entrevistada foi incentivada a falar sobre as expedições, os jovens e a educação ao ar livre. Apesar de realizada via *Skype* a entrevista decorreu num ambiente informal e de diálogo aberto, onde se foram colocando perguntas complementares para além das inicialmente definidas e também pedidos de explicação e informações complementares de algumas respostas.

3.4.1 O questionário

Julgamos ser nosso estudo um caso singular, logo, optamos pela elaboração de um questionário próprio, para isso recorremos a outros estudos com problemáticas similares, nomeadamente as investigações de Bilro (2015) e Kunreuther (2011) onde foi possível servir-se de informações e estratégias já validadas por tais. Estratégias como a tipologia das perguntas, a disposição das questões no inquérito, o número de questões e o método para identificar possíveis alterações de comportamento nos aprendizes, secção onde utilizamos um conjunto de questões dividido em dois blocos, nos quais os aprendizes respondiam considerando os momentos antes e o após terem realizado a expedição.

O questionário (anexo A) foi elaborado com o objetivo de recolher a opinião dos aprendizes em relação à educação ao ar livre, tentando perceber os contributos desta para o turismo na natureza.

Com a finalidade de uma melhor organização desses contributos, definiram-se quatro campos onde os mesmos possam ocorrer e que foram estipulados de acordo com as subdivisões do turismo, sugeridas por Beni (1990), ou seja:

- Ambiental;
- Cultural;
- Social;
- Económica.

O questionário foi produzido com uma linguagem simples e direta, para permitir uma fácil e completa perceção por parte dos aprendizes, tendo também como intuito apurar as opiniões, expectativas, crenças, experiências e possíveis atitudes dos inquiridos.

Numa primeira fase, e tendo em vista a construção deste questionário, foi definido um conjunto de questões com a finalidade de analisar a opinião do aprendiz em relação à educação ao ar livre e ao turismo na natureza; seguidamente, a verificação de aprendizagem de conceitos e técnicas que beneficiem o turismo na natureza; e por último, a identificação de possíveis alterações comportamentais e de atitude no aprendiz.

Após definirmos as questões associadas a cada objetivo, e com a finalidade de adaptar essas perguntas a uma escala de *Likert*, as mesmas foram traduzidas em afirmações, para que o aprendiz pudesse escolher entre 5 diferentes graus de concordância com cada afirmação, 1 (discordo totalmente), 2 (discordo), 3 (não discordo nem concordo), 4 (concordo) e 5 (concordo totalmente), traduzindo as suas percepções, de natureza qualitativa, numa forma quantitativa. A formulação das perguntas e consequentemente a definição das afirmações foram organizadas tendo por base os objetivos do estudo, e dentro disso, conforme os quatro indicadores: ambiental, cultural, social e económico (tabela 1), embora existam afirmações que são válidas para mais de um indicador.

A disposição das afirmações no questionário também foi estruturada para detetar possíveis incoerências nas respostas dos inquiridos, visando uma maior fiabilidade nas informações obtidas, logo, se um indivíduo optasse por concordar com dada afirmação, para que o mesmo não se contradissesse, deveria discordar de outra, como por exemplo as questões Q2 e Q3 do questionário. Neste caso, se o inquirido concordou que as expedições ajudam a preservar a natureza (Q2), deveria discordar de que as expedições degradam o ambiente (Q3).

Ainda a respeito da elaboração deste questionário ressaltamos que as fases I, II e III (tabela 1) foram planeadas e desenvolvidas a fim de otimizar o processo e os resultados do mesmo, contudo, tratou-se de um processo contínuo e iterativo, onde durante as fases e entre elas se realizaram alterações, adaptações e melhorias na construção do questionário.

Tabela 1 - Fases da construção do questionário

Fase I		Fase II	Fase III
Objetivo	Contributos	Pergunta	Afirmação
Analisar a opinião do aprendiz em relação a educação ao ar livre e o turismo na natureza.	Ambiental	Você pensa que a educação ao ar livre pode contribuir para o desenvolvimento sustentável do turismo na natureza?	As expedições ajudam na preservação da natureza.
			A natureza é importante no desenvolvimento da expedição.
			As expedições degradam o meio ambiente.
	Cultural	Você acha que a educação ao ar livre lhe proporcionou o conhecimento de novas culturas?	^{4*} Durante a expedição temos contato com diferentes culturas.
			Na expedição tive contato com costumes diferentes dos meus.
	Social	Você pensa que a educação ao ar livre te ajudou nas relações com os companheiros de expedição?	A expedição ensina sobre respeito e companheirismo.
			Após uma viagem dessas a pessoa ganha mais autonomia.
		Você pensa que a educação ao ar livre lhe deu maior autonomia para realizar suas viagens na natureza?	A expedição era mal vista pelos residentes locais.
	Económico	Você pensa que gastou pouco, suficiente ou muito dinheiro nessa viagem?	Gasta-se muito dinheiro para se realizar uma expedição como essa.
			A educação ao ar livre é acessível financeiramente para grande parte dos brasileiros.
			Na expedição compramos equipamentos, presentes ou comida nas comunidades locais
		Você pensa que a educação ao ar livre é cara?	*Penso que também somos responsáveis pelos lugares que visitamos.
			*As expedições influenciam os locais pelos quais passa.

⁴ Afirmações assinaladas com “*” são válidas para mais de um dos contributos.

Tabela 1 - Fases da construção do questionário (continuação)

Fase I		Fase II	Fase III
Objetivo	Contributos	Pergunta	Afirmação
Verificar a aprendizagem de conceitos e técnicas que beneficiem o turismo na natureza.	Ambiental	Quais os conteúdos você aprendeu sobre preservação do ambiente?	Aprendi técnicas para preservar a natureza.
		Durante a expedição você aprendeu sobre a importância do ambiente?	Aprendi sobre geografia e biologia.
		Você aprendeu alguma técnica para preservar a natureza?	Passeios e viagens na natureza podem causar impactos negativos.
		Você aprendeu algo sobre geografia, biologia ou história?	
	Cultural	Você aprendeu a respeitar a diversidade?	Aprendi costumes diferentes dos meus.
		Você aprendeu algo sobre outras culturas e modos de vida?	Conhecer novos hábitos é importante.
	Social	Você aprendeu algo sobre liderança?	Precisei ajudar outras pessoas.
			Tive a oportunidade para mostrar o meu modo de fazer as coisas.
	Económico		O trabalho em equipe é importante.
			Qualidade de vida não depende diretamente da quantidade de recursos materiais disponíveis.
			Carregávamos somente o necessário.
			Os recursos naturais são limitados.

Tabela 1 - Fases da construção do questionário (continuação)

Fase I		Fase II	Fase III	
Objetivo	Contributos	Pergunta	Afirmação	
			Atitude antes da expedição	Atitude após a expedição
Identificar possíveis alterações comportamentais e de atitude.	Ambiental	Você costumava realizar atividades na natureza?	Eu sempre me preocupei com as questões ambientais.	Agora estou mais atento às questões ambientais.
		Você se preocupava com a preservação da natureza?		
		Você pretende realizar outras atividades na natureza?	Eu já tinha o hábito de realizar atividades na natureza.	*Pretendo criar o hábito de realizar atividades na natureza.
		Pretende repetir experiências como essa?		
	Cultural	Você pretende assumir novos hábitos?	Tinha barreiras para expor minha opinião.	Depois da expedição tenho mais autoconfiança.
		Você pretende viajar mais?	Eu sempre procurei pesquisar sobre o local para onde viajo.	Pretendo conhecer mais os locais para onde pretendo viajar.
		Com qual frequência você viajava antes?		
	Social	Você costumava realizar viagens em grupo?	Eu sempre me preocupei com o bem-estar dos outros.	Agora sei a importância do respeito ao próximo, as comunidades visitadas, a outras formas de vida, etc.
				*Durante a expedição ganhei habilidades que levarei para a vida cotidiana.
		Você pretende realizar outras viagens em grupo?	Eu sempre tive facilidade em trabalhar em grupo.	*A partir de agora pretendo criar alguns hábitos que aprendi na expedição
	Econômico	Você pretende comprar material para a prática de atividades na natureza?	Sou uma pessoa muito consumista.	Pretendo adquirir alguns equipamentos necessários para a prática de atividades na natureza
		Você realizar outras viagens para a natureza?	Nos meus tempos de lazer sempre realizei viagens e excursões junto a natureza.	

No total o questionário é composto por cinco blocos. Os três primeiros blocos são compostos por questões fechadas, onde se recorre à escala de *Likert*: o primeiro bloco é composto por 13 afirmações que procuram recolher a opinião do aprendiz; o segundo bloco é composto por 11 afirmações que procuram averiguar a aprendizagem do participante; e o terceiro bloco foi dividido em duas partes de 8 afirmações cada, onde o objetivo é investigar os comportamentos pré e pós expedição.

O quarto bloco é composto por perguntas de cariz sociodemográfico, onde se procura obter informações do inquirido acerca da idade, género, nacionalidade, se estuda em escola privada, pública ou não estuda e também se já tinha praticado atividades similares anteriormente.

A quinta e última parte do questionário ficou reservada a quatro questões abertas, que tiveram o objetivo de deixar o aprendiz expressar as suas opiniões e sentimentos, com a intensão de captar informações que não foram obtidas nas questões fechadas e onde perguntamos as razões de participar na expedição, quais as melhores e piores coisas da expedição e por fim, um campo aberto para sugestões ou opiniões que os aprendizes considerassem relevantes.

Durante a elaboração do questionário foi solicitada a colaboração, numa perspetiva de apoio, de um dos gestores da OBB, pela sua maior proximidade com a organização, logística, instrutores e aprendizes da expedição. Foi ainda solicitada a colaboração ativa da orientadora e coorientador desse estudo. Tais participações contribuíram para a construção de um questionário devidamente adaptado aos grupos a inquirir, tanto a nível de conceitos como de vocabulário até o valor e relevância das questões. Depois de terminado o questionário, este foi aplicado a dois jovens portugueses com a idade de 18 e 22 anos, para aferir o correto entendimento das questões colocadas, onde se verificou nada haver a alterar. Contribuições e procedimentos esses que garantiram a aplicabilidade e fiabilidade do questionário.

O questionário elaborado especificamente para esse estudo foi aplicado em dois grupos distintos, com a finalidade de se poder realizar comparações entre os grupos durante a posterior análise de dados.

A primeira aplicação ocorreu num grupo de 10 jovens com idade entre 15 e 18 anos, participantes da expedição Desafio OBB 2016, a qual é a base do nosso estudo de caso. O questionário foi aplicado no último dia de expedição, após o término da mesma, no dia 17 de janeiro de 2016. A aplicação dos questionários foi feita pelos próprios instrutores da expedição.

A segunda aplicação do questionário que ocorreu para efeitos de comparação como o primeiro grupo, foi feita a 8 participantes da expedição *Outward Leaders*, que é uma expedição específica para ex-alunos da OBB. Neste caso os inquiridos tinham idades entre os 19 e 54 anos. Da mesma forma que no Desafio OBB, também aqui o questionário foi aplicado no último dia de expedição, após o término da mesma (dia 23 de janeiro de 2016) e quem aplicou foram os instrutores da expedição.

Quanto à análise dos questionários, esses receberam igual tratamento para ambos os grupos, no entanto, serão apresentados separadamente. Após a aplicação dos questionários estes passaram por uma avaliação prévia a fim de serem validados. Foi verificado o número mínimo de questões respondidas, se as respostas eram legíveis e foram verificadas as respostas de controlo.

Os questionários validados seguiram para as análises de dados, onde primeiramente foram transcritos para tabelas em *Microsoft Excel* ganhando assim uma melhor visualização dos dados e uma maior facilidade de manuseamento dos mesmos.

Seguiu-se a análise das questões fechadas, que foram analisadas quantitativamente, com recurso ao *software IBM SPSS Statistics 22* e posteriormente elaboraram-se alguns gráficos, novamente no *Microsoft Excel*. Após essa fase, essas mesmas questões fechadas também tiveram uma interpretação qualitativa como veremos na apresentação dos dados, análise e discussão dos resultados.

No que se refere às questões abertas, estas receberam uma análise de ordem qualitativa, onde primeiramente elaboramos para cada questão uma tabela para os termos que mais apareceram nas respostas, e então procedemos à exploração de cada questão caso a caso.

No decorrer da análise de dados cada questão será referida pela letra “Q” seguida por um número compreendido entre 1 e 49. Por exemplo, a questão “qual sua idade?” é representada pela sigla Q41.

De modo similar iremos nos referir aos inquiridos, sendo esses representados pela letra “A” (aprendiz), mais uma sigla que indica de qual expedição o mesmo participou, “d” (Desafio OBB) ou “ol” (*Outward Leaders*), seguido por um número que representa a ordem em que os questionários foram analisados. Como exemplo temos: Aol3, sigla que representa o aprendiz da expedição *Outward Leaders* e onde seu questionário foi o terceiro a ser observado durante as análises.

3.4.2 A entrevista

A entrevista deste estudo foi realizada a uma instrutora/guia do “Desafio OBB - 2016”, expedição considerada como foco desta investigação. Esta entrevista teve como objetivo recolher dados de uma outra fonte além dos aprendizes, ou seja, obter um outro ponto de vista. Esperamos com esta entrevista obter mais informações elementares e complementares a respeito dos contributos da expedição de educação ao ar livre para o turismo na natureza.

Ao longo da análise e discussão dos resultados, faremos comparações entre as opiniões da instrutora e dos aprendizes, embora saibamos que a existência de apenas uma entrevista (uma

instrutora) se constitui uma limitação neste trabalho. Contudo, sendo os nossos propósitos perceber os fenómenos dessa dada expedição (Desafio – OBB 2016), e sendo esta entrevistada uma das pessoas que por norma acompanha estes jovens, consideramos essa opinião de elevada relevância e com significativas contribuições para o estudo.

A entrevista realizada foi semiestruturada, onde se definiram quatro questões que abordaram aspetos específicos aos objetivos do estudo (tabela 2), no entanto, a entrevista acabou por decorrer de modo fluido, onde foram surgindo outras questões, essas relacionadas com o tema a estudar e também a respeito das respostas dos aprendizes nos inquéritos, uma vez que no momento da entrevista os dados dos questionários já haviam sido tratados.

Tabela 2 - Perguntas orientadoras da entrevista semiestruturada

Pergunta	Objetivo
1. Você pensa que as expedições de educação ao ar livre podem contribuir para turismo de natureza? Como?	Verificar se a educação ao ar livre contribui para o turismo na natureza.
2. Quando o aprendiz está realizando uma expedição de educação ao ar livre, ele tem consciência de que está praticando turismo na natureza?	Analisar a opinião do aprendiz em relação à educação ao ar livre e turismo na natureza.
3. Durante a expedição o aluno tem contacto / aprende conceitos ou técnicas que o incentivarão a uma prática do turismo na natureza no futuro? Quais?	Verificar o aprendizado de conceitos e técnicas que incentivem e beneficiem o turismo na natureza.
4. Com base nas suas experiências, os alunos demonstram mudar os seus comportamentos e atitudes, face aos aprendizados no decorrer da expedição? Você acha que essa mudança de atitude se mantém após a expedição?	Identificar possíveis alterações comportamentais e de atitude no aprendiz.

A referida entrevista foi realizada no dia 28/02/2016, via *Skype*, teve uma duração de 1 hora e 50 minutos e foi gravada pela aplicação *Free Video Call Recorder For Skype*. Posteriormente foi feita a sua transcrição a fim de facilitar a análise de conteúdo a qual fica em anexo (anexo C) a este trabalho para permitir, se possível, futuras investigações.

3.5 Síntese

Construímos a metodologia desse estudo com procedimentos e ferramenta já conhecidas e consolidadas pela comunidade científica, optando assim pela segurança que esses processos podem proporcionar no desenvolvimento deste trabalho. Para a recolha de dados optamos por elaborar um questionário específico para a situação em causa, pois, devido a escassez de investigações similares, tornou-se importante criar uma ferramenta específica e enquadrada aos nossos objetivos. A fim de complementar as informações e dados recolhidos foi também realizada uma entrevista a uma instrutora da instituição.

A escolha pelos participantes e instrutora da expedição como principais fontes de dados deu-se por se considerar que os mesmos são possuidores de informações importantes, fidedignas e adequadas aos problemas propostos como centrais neste trabalho.

4. OUTWARD BOUND BRASIL – EXPEDIÇÕES E EDUCAÇÃO EXPERIENCIAL AO AR LIVRE

“O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador.” (Fonseca, 2002, p. 33)

4.1 Introdução

Tratando-se de um estudo de caso, a análise recaiu numa atividade da OBB, mais concretamente uma expedição de educação ao ar livre que ocorreu entre os dias 09 e 17 de janeiro de 2016 na região da Serra do Papagaio. Esta expedição contou com a orientação de dois instrutores e integrou 13 aprendizes, os quais, após completarem a expedição (também designada pela entidade como curso) responderam ao questionário da presente investigação.

Para um melhor entendimento do objeto em estudo é indispensável a apresentação da instituição realizadora da expedição, bem como o formato de operacionalização da mesma e o território onde se desenvolveu.

4.2 Quem é a *Outward Bound* Brasil

A *Outward Bound* é uma entidade sem fins lucrativos e está presente em 32 países. As escolas *Outward Bound* fornecem todos os anos, a milhares de pessoas, experiências realizadas na natureza, visando desenvolver suas potencialidades pessoais. A aprendizagem obtida nestas ações tem muitas vezes um impacto duradouro e positivo no futuro de cada aprendiz.

A primeira escola foi fundada no País de Gales, por Kurt Hahn e Lawrence Holt, em 1941. Tinham como proposta criar experiências concretas e desafiadoras que permitissem preparar os aprendizes de modo holístico, para a vida. A intenção era produzir experiências que fortalecessem o caráter do aprendiz por toda a vida, visando a formação de valores, curiosidade empreendedora, espírito infatigável, tenacidade na busca, e principalmente, a solidariedade. O próprio nome - *Outward Bound* - é um termo peculiar associado às atividades náuticas, que

expressa o momento em que uma embarcação deixa a segurança do porto onde está atracada e sai rumo ao mar aberto (OBB 2015; Kunreuther 2011). Esta associação às atividades náuticas também é feita em seu logótipo (figura 5) onde podemos identificar a representação da rosas-dos-ventos.



Figura 5 - Logo da OBB - Fonte: Outward Bound Brasil 2016.

A escola *Outward Bound* Brasil (OBB) foi criada no ano 2000, tem a sua sede em Campos do Jordão, em São Paulo, e é também a primeira na América do Sul. A sua missão é promover experiências desafiadoras na natureza, que desenvolvam o potencial de cada um para cuidar de si, do outro e do mundo à sua volta. A OBB rege-se também por um conjunto de valores, aos quais associa conceitos (tabela 3), que são orientadores de toda a sua atividade.

Tabela 3 - Valores da Outward Bound Brasil - Fonte: Outward Bound Brasil 2016.

Valores da OBB	Conceitos
Qualidade	"Fazer muito bem feito tudo o que nos propomos a fazer."
Solidariedade	"Ter um olhar atento para o outro e agir com generosidade em serviço ao próximo."
Iniciativa	"Pensar ativamente em soluções e agir sempre que necessário."
Integridade	"Agir com responsabilidade e se responsabilizar por suas ações."
Amor à natureza	"Ética ambiental e profundo respeito e admiração pela natureza."

A OBB baseia o desenvolvimento da sua atividade em princípios como: a aprendizagem através da experiência; um ambiente seguro de aprendizagem; o desafio e a aventura para alcançarem objetivos de desenvolvimento pessoal, social e educação ambiental (OBB 2015).

Nas atividades que a OBB desenvolve encontram-se as ações sociais, os cursos e os treinamentos onde se utiliza prioritariamente o método de educação experiencial ao ar livre, a atuar sobretudo na região do sudeste brasileiro. Para além das outras atividades da instituição, existem também as expedições, que são muitas, podendo assumir diversos formatos e acontecer em diferentes localidades, isto porque, a educação ao ar livre no formato de expedições, pode acontecer em variados territórios sem perda de sua funcionalidade.

Neste trabalho, o foco recai sobre o “Desafio OBB”, que é uma atividade oferecida aos clientes/participantes como uma viagemcurso de férias. A OBB é uma entidade especializada em desenvolver este tipo de aventura e o único pré-requisito para a participação neste programa é ter idade entre 15 e 18 anos.

4.3 Território do Desafio OBB 2016 - Parque Estadual da Serra do Papagaio

O território onde a expedição se desenvolveu pertence ao sul de Minas Gerais, uma zona bastante extensa e com grande complexidade social, política e económica, assim como muito rica ambiental e culturalmente. Considerando que o nosso objetivo não é fazer uma abordagem aprofundada e completa do mesmo, iremos apresentá-lo de forma sucinta, garantindo, ainda assim, um enquadramento no tema do presente trabalho, e procurando salientar a zona onde a expedição foi realizada.

O território em questão está inserido no Parque Estadual da Serra do Papagaio (PESP), criado pelo Decreto nº 39.793, de 5 de agosto de 1998, está situado na região sul do estado de Minas Gerais (MG) – Brasil, abrangendo parte de cinco municípios (Aiuruoca, Alagoa, Baependi, Itamonte e Pouso Alto), e possui uma área de 22.917 hectares. Embora se encontre dentro do estado de Minas Gerais (MG) goza de uma grande proximidade com os estados de São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ) (figura 6).

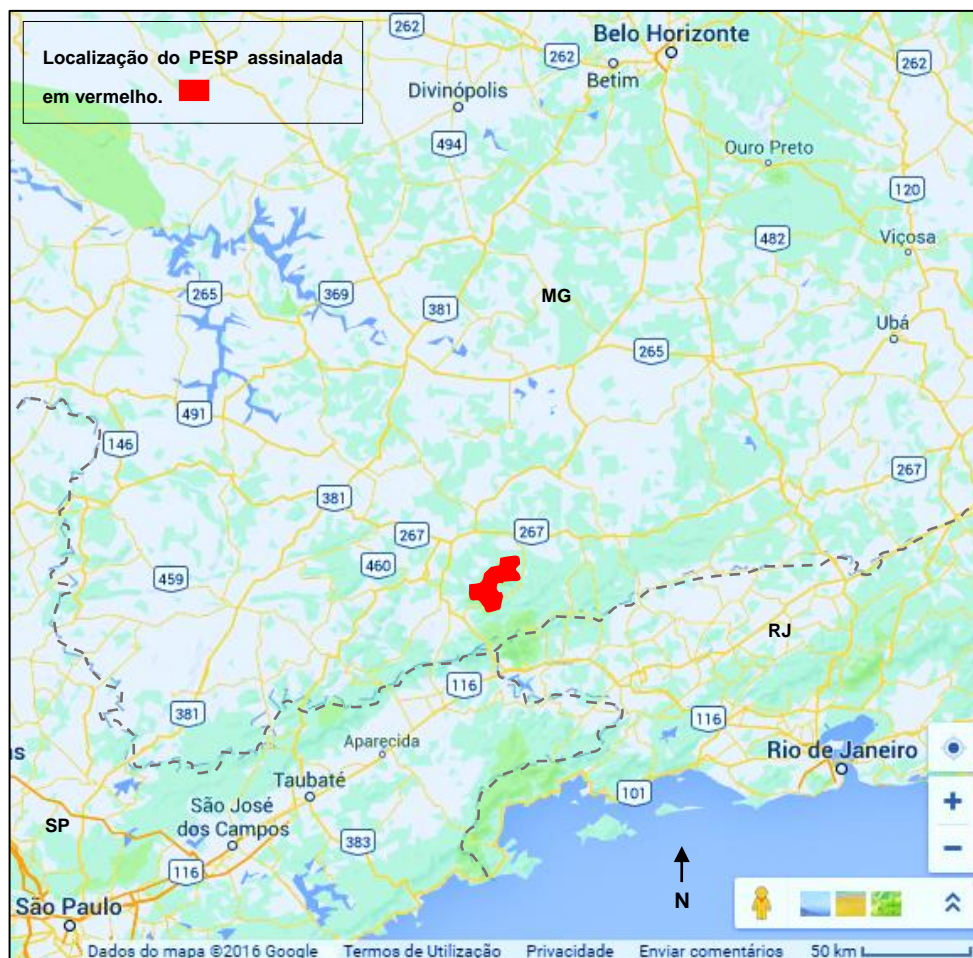


Figura 6 – Localização do PESP no sudeste brasileiro – Adaptado de: Google Maps 2016.

O PESP é tutelado pelo Instituto Estadual de Florestas (IEF) e, de acordo com o Decreto nº 39.793/98, tem como finalidade a proteção da fauna, flora, nascentes, rios e córregos da zona, bem como criar as devidas condições para o desenvolvimento do turismo na natureza e de pesquisas científicas.

Um fato muito relevante a respeito da Serra do Papagaio é que a sua classificação como área protegida já vem desde 1990, com o Decreto nº 31.368, de 2 de julho de 1990, o qual criou a Estação Ecológica do Papagaio. Em 1998 a Estação Ecológica passou a ser designada de Parque Estadual, vindo a fundir os interesses da conservação da área com os interesses da comunidade local, com vista ao grande potencial turístico da região.

A Serra do Papagaio faz parte de um conjunto denominado Serra da Mantiqueira, uma Área de Preservação Ambiental (APA) e também uma das mais importantes cadeias montanhosas do sudeste brasileiro, que contempla os estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Esta serra é uma zona de relevo fortemente acidentado (figura 7) apresentando uma altitude média de 1.744 metros e seu ponto mais alto situa-se no Pico do Garrafão com 2.359 metros de altitude.

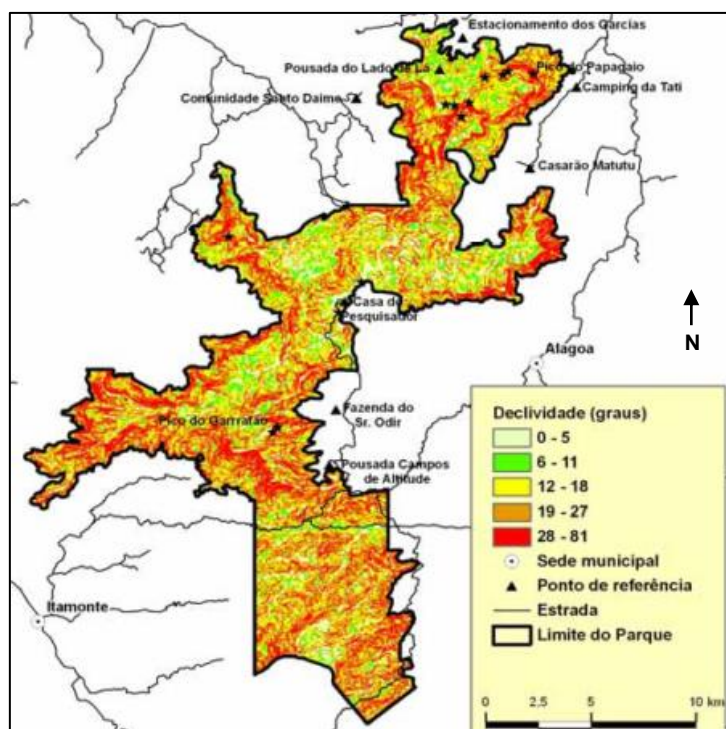


Figura 7 – Excerto do mapa de declives do PESP - Adaptado de: IEF 2009.

De um modo geral a vegetação do parque é composta por florestas com tipologia de Mata Atlântica e que ocorre com maior frequência na proximidade dos cursos de água e pelos campos. Estes últimos, são essencialmente um resultado da ação do homem, principalmente do devastar de áreas para pastagem do gado e a transição entre florestas e campos, ora ocorre de modo brusco ora de modo gradativo, na figura 8, a seguir, a linha tracejada mostra a brusca transição entre zonas de florestas e zonas de campo.



Figura 8 - Transição entre floresta e campo no PESP - Fonte: Google Earth Pro 2016.

Os ventos da região são predominantemente húmidos a favorecer uma maior densidade de plantas (bromélias e orquídeas) e líquenes, que servem de habitat para uma diversidade de animais, como insetos e anfíbios, que interagem com a água acumulada entre as folhas de tais plantas.

Em termos históricos, o documento mais antigo conhecido, com relatos sobre esta região, data de 1531 e indica que, na altura, os colonizadores puderam avistar a pedra do Picú, área que hoje pertence ao município de Itamonte. Na época, e de acordo com o mesmo documento, a rota que os colonizadores seguiam do mar para alcançar as terras do interior, seguia o curso do rio Capivari. Anos mais tarde, perto de 1600, com a descoberta do ouro, surgiram outras rotas na região, que vieram dar início às primeiras formas de alojamento para viajantes que aí se aventuravam, em busca de grandes recompensas (IEF 2009).

Atividades económicas como a exploração do trabalho escravo, descoberta de minas de ouro e comércio para os exploradores, tiveram início na região no século XVII. A partir do século XIX o negócio do ouro começou a entrar em declínio, dando lugar a alternativas económicas como o desenvolvimento da pecuária, café e leiteira, muito presente ainda no início do século XXI. Além disso, é também possível encontrar na região o desenvolvimento de médias e grandes indústrias de produção intermédia de peças de equipamentos, de bens de consumo e do turismo.

A zona onde se encontra o PESP é uma das regiões economicamente mais dinâmicas do estado de Minas Gerais e com forte predominância do setor da pecuária. A região ainda abriga polos tecnológicos e universidades, no entanto, a maioria dos municípios da localidade onde o parque está instalado são pequenos, com uma vida pacata, que em 2010 não ultrapassava os 20.000 habitantes (IBGE 2016) e apresentando uma economia tradicionalmente rural, com pouca tecnologia, resultando numa baixa produtividade, baixo rendimento para as famílias e impactos ambientais locais negativos, essencialmente devido a falta de consciencialização e métodos arcaicos. Nesse cenário, o turismo apresenta-se como uma excelente alternativa, mas que também tem os seus riscos associados quando não planeado de modo sustentável. No início do século XX o turismo da região era movimentado principalmente pelos hotéis-casino, mas com a proibição desse tipo de atividade (o jogo) por volta dos anos de 1940, a região sofreu uma quebra no número de turistas, passando a partir de então, a apostar no turismo na natureza e de aventura.

Nessa mesma zona, no extremo sul do estado de Minas Gerais, existem 10 circuitos turísticos reconhecidos pelo Decreto nº 43.321 de 08 de maio de 2003, entre os quais o Circuito Montanhas Mágicas, os Circuitos das Terras Altas da Mantiqueira e os Circuitos das Águas. O reconhecimento desses circuitos turísticos foi um acontecimento muito relevante para o

desenvolvimento de políticas de base para o turismo que vinha sendo desenvolvido nesse território.

Durante o processo de elaboração do plano de manejo do parque (iniciado em 2004), algumas pessoas e líderes da comunidade local foram consultadas e entrevistadas, dando a conhecer que a opinião da comunidade a respeito da implementação do PESP não era unânime. Uma pequena maioria dizia acreditar que a implementação do parque não traria prejuízos à comunidade, no entanto, muitos pensavam que sim, ou não souberam responder. De um modo geral essa divisão, na opinião dos residentes locais, ocorria principalmente devido à preocupação com a questão e os conflitos de ordem fundiária. Muitos acreditavam que o PESP traria benefícios dada a importância da proteção dos recursos naturais mas, outra parcela dos moradores, poderiam perder terras, não sabendo se seriam devidamente indenizados e receavam um conjunto de questões burocráticas que podiam afetar as suas vidas (IEF 2009).

Mesmo no tocante aos benefícios gerados pela implementação do parque, houve quem se mostrasse preocupado com o crescimento descontrolado do turismo, receando um resultado negativo que não era pretendido.

Dentre as alternativas para o desenvolvimento económico sustentável da região foram ponderadas as seguintes (IEF 2009):

- Educação formal e não formal à população local;
- Desenvolvimento tecnológico para o aumento da produtividade com reduzidos impactos ambientais;
- Fortalecimento da agricultura familiar e do modo de vida tradicional;
- Novas formas de comércio e prestação de serviço (turismo de um modo geral, artesanato, hospedagem, guias, alimentação, etc.).

A infraestrutura de apoio da zona não foi planeada para acolher um grande número de pessoas, sendo assim, a mesma encontra-se em expansão para conseguir atender o aumento no fluxo de visitantes, devido à implementação do parque, e também para o atendimento da população local. No que se refere, por exemplo, a unidades de saúde, em 2009 a zona contava com 37 unidades de saúde, divididas entre municipais e privadas (IBGE 2015).

Quanto aos acessos ao parque, o mesmo pode ser alcançado por diferentes vias, uma vez que a infraestrutura de transportes rodoviários está bem constituída e ainda conta com o apoio de dois pequenos aeroportos municipais próximos do parque, que recebem aeronaves de pequeno e médio porte. No tocante a hospedagem, a região conta com cerca de 500 camas distribuídas por *campings*, pousadas e hotéis (IEF 2009).

Mas, o ponto mais crítico está nas questões de saneamento básico, onde a situação é delicada, existindo cerca de 12% de estabelecimentos sem água encanada em nenhum comodo. Mais

preocupante é a questão do tratamento da água, onde ainda é frequente o uso de fossas rudimentares, ou mesmo valas, e até os rios, para escoar a água contaminada. Da mesma forma, o lixo não tem um destino adequado e acaba muitas vezes por ser queimado, o que implica alguma degradação do ambiente e ocorre em mais de 60% dos estabelecimentos.

O PESP sofre com alguns problemas ambientais e sociais, decorrentes da ocupação e uso do solo inadequados ao desenvolvimento sustentável, nomeadamente (IEF 2009):

- Uso indiscriminado de fogo;
- Presença de gado no interior do PESP;
- Caça;
- Insatisfação quanto a regularização fundiária;
- Perda de tradições e culturas com a chegada de migrantes urbanos;
- Dúvidas quanto aos limites da unidade de conservação;
- Mudança de atividade económica, da pecuária para o turismo, com risco de exclusão da comunidade local;
- Ausência de infraestrutura de apoio aos visitantes do PESP.

Além disso, o PESP sofre ainda de pressões, por parte da sociedade, resultantes de algumas situações existente e provocadas pelas problemáticas supracitadas. O aumento do êxodo rural, devido à venda de pequenas propriedades, reflete-se em atividades rurais e nos modos de vida tradicionais, ou seja, onde anteriormente existia uma tradição por costumes de pessoas locais, hoje, após o êxodo rural, passa-se a ter novos hábitos e modos de vida que não são originários da região. Esta mudança pode acabar por transformar (e não se sabe exatamente a que nível) a imagem e costumes da zona, pois muitas das pessoas que viviam naquelas localidades optaram por vender suas propriedades e já não habitam as mesmas, de forma que seus costumes deixaram de fazer parte da região, que, em contrapartida recebeu muitas pessoas de fora e portadores de outros costumes. O aumento da procura turística, e consequentemente do número de pessoas na região, tem trazido também impactos negativos essencialmente na saúde e saneamento.

Por outro lado, o modelo económico em emergência através do turismo já se faz sentir na diversificação dos modelos de negócio com pousadas, guias, transportes, alimentação e serviços em geral, contudo, a região corre os riscos associados a formas de turismo onde a sustentabilidade ainda não é levada em consideração. Sem uma criticidade e planeamento adequados os *stakeholders* têm pouca atenção à comunidade local e ao desenvolvimento de infraestruturas adequadas e à preservação do meio. Neste sentido, o PESP assume a responsabilidade no estabelecimento de regras e medidas de controlo para as atividades decorrentes no parque, incluindo as turísticas.

O PESP é frequentemente visitado por pessoas que procuram o ecoturismo e o turismo de aventura, especialmente devido ao grande número e variedade de atrativos para esse público. O parque possui cachoeiras, montanhas, rios e outros atrativos naturais, procurados pelos aventureiros para a prática de atividades de escalada, *canyoning*, *trekking*, *hiking*, entre outras atividades de aventura na natureza.

No entanto, este fluxo de visitantes não é controlado. Os seis funcionários do parque e as poucas estruturas disponíveis (portaria, sinalizações, entre outras) não conseguem assegurar esse controle. Os visitantes que não são autônomos entram em contacto diretamente com os guias locais ou acedem ao parque por meio de operadoras de turismo, ONG's, escolas, entre outras instituições.

A atividade de turismo na natureza mais notória que se desenvolve no interior do PESP são as caminhadas de longo curso. O parque apresenta um grande número de trilhos (figura 9), que se constitui uma excelente rede de ofertas mas onde o seu crescimento e uso desordenado tem os seus impactos negativos sobre o meio físico e biótico.

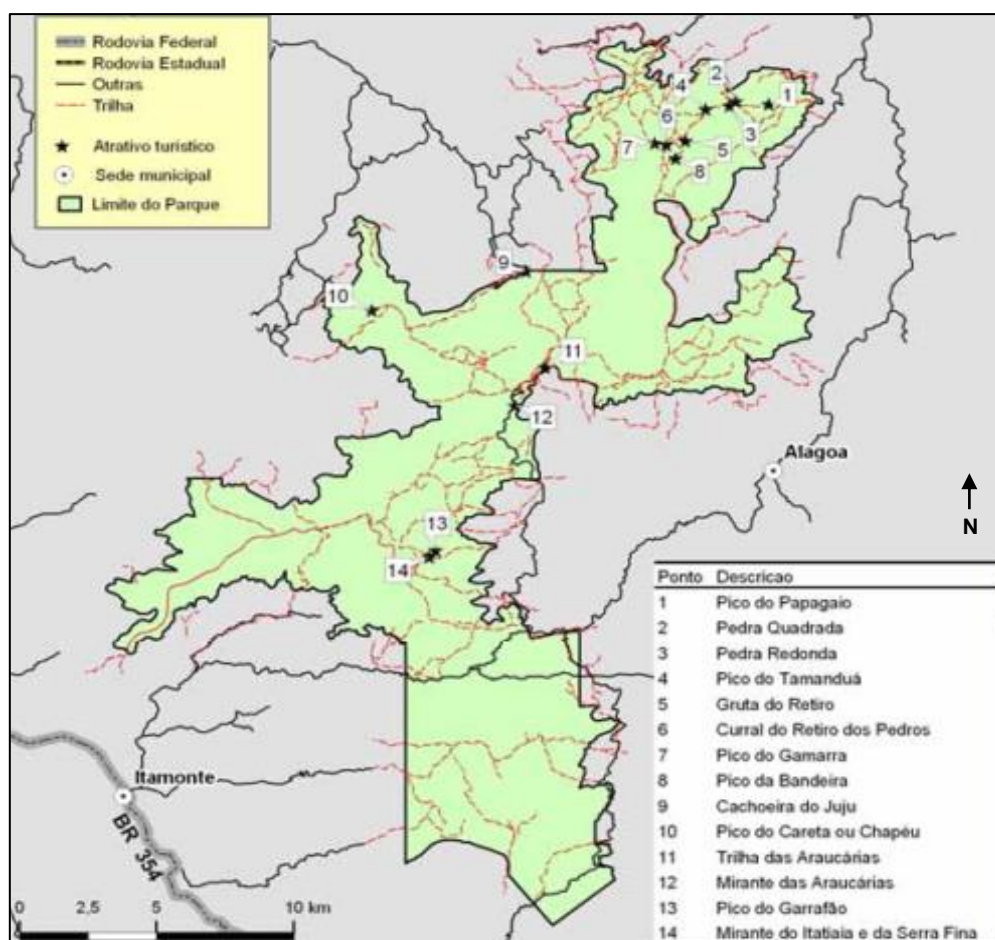


Figura 9 - Trilhos PESP - Fonte: IEF 2009.

4.4 As expedições OBB

As expedições OBB tratam-se de atividades onde o grupo, formado por instrutores e aprendizes, percorre um trajeto numa região remota e montanhosa, carregando todo o equipamento necessário para sobreviver. Talvez a principal característica de uma expedição OBB seja os vários modos como a mesma pode ocorrer. Como nos explica Kunreuther (2011), no curso tipo expedição, na OBB, existe uma grande variedade de características que podem mudar, como por exemplo: a duração da expedição, as áreas naturais por onde passa, as atividades envolvidas, o perfil e número de alunos, entre outras. No entanto, os objetivos da expedição mantêm-se, dado que os principais fatores estarão presentes: natureza, viagem, desafio, aventura e atividades físicas e cognitivas.

Para todas as expedições OBB existe um mesmo procedimento, composto por um conjunto de etapas bem definidas (tabela 4):

Tabela 4 - Etapas das expedições OBB. Adaptado de: Kunreuther 2011; OBB 2016.

Etapas das expedições OBB	
1. Primeiros momentos	<p>No primeiro encontro tudo se inicia com a apresentação dos envolvidos, instituição, instrutores e aprendizes. Isso acontece por meio de uma atividade lúdico/recreativa deixando todos mais à vontade e criando uma maior ligação entre todos.</p> <p>Nesta fase é indicado aos aprendizes como decorrerá a expedição, normas de segurança e acordos sociais necessários para o bom desenvolvimento da mesma. Tais regras, são construídas em comum acordo.</p>
2. Progressão	<p>A segunda fase visa uma introdução das situações que os aprendizes poderão enfrentar na expedição. Para isso realiza-se um treinamento básico onde aprendem a montar as tendas, como controlar o próprio conforto térmico, organização de sua mochila, como utilizar o fogareiro, importância da hidratação, utilização de bússola, técnicas de mínimo impacto ambiental, entre outras situações previstas. Os instrutores ensinam, supervisionam e delegam a execução de tais tarefas técnicas. A partir do momento em que os aprendizes passam a dominar essas técnicas, cabe a eles realizá-las de forma independente.</p> <p>À medida que os afazeres básicos são realizados pelos alunos, os instrutores passam a introduzir e ensinar outras técnicas mais avançadas. Juntamente com isso os instrutores passam a trabalhar mais os conteúdos de desenvolvimento pessoal e social da educação ao ar livre. Neste nível da expedição os debates e as conversas em grupo caracterizam o encerramento de uma atividade específica ou do dia. Nesta linha de evolução, cada vez mais são tratados assuntos relevantes</p>

	<p>aos sentimentos e aprendizagem de cada pessoa tais como as relações interpessoais, os conflitos, as formas eficazes de liderança, a cooperação, etc.</p> <p>Os dias da expedição são preenchidos com atividades para a sobrevivência e para o desenvolvimento do grupo. São tomadas decisões a todo momento: que caminho seguir? Como transpor determinados obstáculos? Onde e quando parar para acampar? Quem é responsável por cada tarefa? Entre outras questões. Os aprendizes têm em mente o trajeto total da expedição para gerenciarem, juntamente com os instrutores, a progressão da mesma.</p> <p>À medida que o tempo passa o grupo vai ganhando mais autonomia, e os instrutores atuando de um modo mais passivo. A partir de dado momento são consultados apenas para algumas dúvidas específicas e atuarão apenas como facilitadores.</p>
3. Atividade solo	<p>Em contraste às atividades intensas e coletivas, a atividade solo é proposta durante a expedição, como um convite ao aprendiz para um momento de reflexão e introspeção. Cada aprendiz que queira realizar essa atividade será conduzido a um local específico, levando consigo alguns itens de sobrevivência. Nesse momento é pressuposto que o aprendiz aproveite esse momento de contacto com a natureza para observá-la e observar a si próprio, onde poderá analisar seus problemas pessoais, fazer planos e tomar decisões. Muitos instrutores sugerem que nesse momento o aluno faça uma carta para si mesmo, que, sem o aprendiz saber, será entregue a ele, meses após o fim da expedição.</p> <p>Essa é uma atividade que frequentemente é descrita pelos aprendizes como o ponto alto da expedição. Consoante os fatores climáticos, localização geográfica, duração do curso e outros fatores, essa atividade pode durar entre uma hora e três dias. Ela é proposta pelos instrutores no momento que considerem ideal, mas, normalmente acontece na sequência de dias intensos e exigentes.</p>
4. Trabalho comunitário	<p>Esta atividade vai ao encontro do princípio fundamental dos cursos da <i>Outward Bound</i> que é a solidariedade. Além do trabalho comunitário interno da própria expedição, como lavar tachos, encontrar trilhos e carregar material, é apresentado aos aprendizes, a possibilidade de um trabalho comunitário que excede as tarefas diárias e que beneficiará alguma comunidade, família ou pessoa, por onde a expedição passa. As possibilidades desses trabalhos surgem consoante a zona que está a ser percorrida, como por exemplo a manutenção de trilhos pedestres, benfeitorias nas escolas rurais, ajuda em hortas comunitárias, reciclagem de lixo, entre outros.</p>
5. Fase final	<p>Os momentos finais da expedição, dependendo da sua duração total, podem ser de algumas horas ou dias. Estes são os momentos de maior autonomia dos aprendizes existindo a possibilidade de utilizarem as capacidades e habilidades adquiridas, efetivamente. São eles quem planeiam e executam o trajeto final da expedição, embora, tudo dependa da idade, maturidade, conhecimento do participante e também das características locais. No caso dos menores de idade, esses podem</p>

	andar metros à frente dos instrutores, que não interferem até ao final da expedição, sendo algumas horas apenas. No caso de aprendizes com mais capacidades ou idade, esta fase final poderá durar aproximadamente quatro dias, podendo inclusive, os instrutores, fazerem um caminho diferente dos aprendizes.
6. Encerramento	Uma reflexão e um debate geral sobre a expedição e a sua aprendizagem marca o encerramento da mesma e nesse momento todos trocam avaliações e opiniões. Também nesse debate são abordados temas como a volta para a cidade, a vida quotidiana e a transferência de conhecimento. E por fim, os participantes recebem um diploma de conclusão.

Além destas fases, a expedição que serviu de base para este estudo, ou seja, a expedição à qual foi aplicado o questionário aos participantes, trata-se do Desafio OBB, que ainda possui um conjunto de detalhes específicos adicionais.

4.5 O Desafio OBB

O Desafio OBB, como já indicado, é uma expedição onde é oferecido um programa de férias com duração de nove dias, para uma população de idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos e com um limite de 24 jovens participantes. Tem início com a deslocação dos participantes até à base da OBB, onde o grupo se reúne aos respetivos instrutores (normalmente dois) e posteriormente partem para a expedição propriamente dita.

O objetivo do grupo é vir a tornar-se uma equipa consistente e eficiente ao lidar com os desafios encontrados durante os nove dias de aventura, desafios esses que passam por atividades físicas como escalar, atravessar rios e longas caminhadas, até aos desafios com aspetos mais cognitivos, como a navegação, planeamento de pernoita e refeições.

Para enfrentar tudo isso, o grupo conta com o apoio e o conhecimento de dois qualificados instrutores, que ensinam aos jovens sobre a vida nas montanhas, utilização correta de equipamentos, trabalho em equipa, entre outras tarefas. No final do curso, a expedição chega a uma vila rural onde realiza um trabalho comunitário, auxiliando e aprendendo com a população local.

Adicionalmente, a OBB informa os participantes sobre o que poderá e deverá realizar nessa expedição, entre outras coisas: acampar, cozinhar, tomar decisões em grupo, praticar montanhismo, liderar o grupo, resolver problemas, observar a natureza e cultura local, conhecer novos sítios, etc. Todas essas ações levarão o jovem a sensações marcantes, aprendizagens

que persistem para a vida toda, criação de novas perspetivas, definição de posturas e posições e o desfrutar de momentos inesquecíveis.

O Desafio OBB que foi especificamente objeto de análise no presente trabalho ocorreu entre os dias 9 e 17 de janeiro de 2016. Este desafio tem o preço de 1.850,00 Reais⁵ por participante, no entanto, é importante frisar que a OBB deixa muito claro que está disposta a negociar esse valor e até a isentar os jovens interessados que não tenham, comprovadamente, condições financeiras para arcar com esse custo. Esse valor inclui alimentação, transporte, seguros de acidentes pessoais, estojo de primeiros socorros, taxas de campismo, mochila de montanha, tenda, saco cama, isolante térmico, fogareiro, tachos, entre outros equipamentos necessários. Os materiais de carácter mais pessoal, tal como roupas, material de higiene e outros equipamentos como botas para caminhada e óculos de sol, ficam sob a responsabilidade do participante.

4.6 Síntese

Procurou-se neste capítulo dar a conhecer especificidades do território, da expedição e da instituição onde se desenrola este trabalho, assim bem como apresentar o modelo de educação ao ar livre que a mesma propõe.

A OBB é uma instituição respeitada pela sua longa história e consolidada pelas suas realizações do modelo de expedição apresentado, e com fortes fundamentos na educação ao ar livre e educação experiencial. Além disso, tem o privilégio de se localizar e operar num território de elevada riqueza natural e cultural onde existe muito potencial para o desenvolvimento do turismo na natureza, especialmente nos moldes oferecido pela OBB.

Neste capítulo pudemos perceber com maior clareza como a OBB trabalha, qual é o formato das suas expedições e algumas das muitas peculiaridades do território palco do “Desafio OBB – 2016”.

⁵ Aproximadamente 460,00 Euros.

5 APRESENTAÇÃO DOS DADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

“Não há fatos, apenas interpretações”

Nietzsche

5.1 Introdução

O principal objetivo deste capítulo é apresentar os dados e discutir os resultados da investigação, procurando averiguar a opinião dos aprendizes em relação à educação ao ar livre e aos seus contributos para o turismo na natureza.

Na primeira parte deste capítulo – Apresentação dos dados – expomos a análise realizada aos dados recolhidos em cada expedição – Desafio OBB e *Outward Leaders* - e à entrevista recorrendo à construção de tabelas para uma melhor leitura dos resultados. Para as duas expedições os dados são indicados seguindo a ordem: Questões sociodemográficas, Questões fechadas e Questões abertas.

Posteriormente, é feita a análise e discussão dos resultados, tendo por base os objetivos propostos para este trabalho e aproveitando para relacionar os resultados dos questionários aplicados aos jovens no Desafio OBB com a entrevista e, sempre que oportuno, com o grupo do *Outward Leaders*.

5.2 Apresentação dos dados

5.2.1 Desafio OBB

5.2.1.1 Perfil dos inquiridos

Este grupo, que se refere aos jovens do Desafio OBB, é composto por 9 indivíduos, todos do género masculino e de nacionalidade brasileira. Deste grupo, 4 jovens têm 17 anos, 4 têm 16 anos e, apenas um tem 15 anos (Figura 10). Apesar de terem sido entregues 10 questionários, considerou-se um deles inválido, pelo fato do inquirido não ter passado satisfatoriamente pelas questões de controlo e ter preenchido de forma ilegível a sua resposta às perguntas abertas, não permitindo a sua análise juntamente aos restantes do grupo.

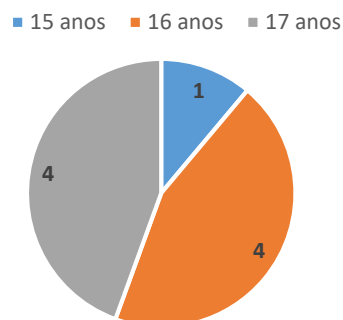


Figura 10 - Gráfico com nº de indivíduos por idade – Desafio OBB

Deste grupo de inquiridos 67% estuda em escola pública, sendo que apenas três, estudam no ensino privado. Relativamente ao contato anterior com atividades do mesmo tipo das que foram enquadrados durante a expedição, constatou-se que 56% já tinham estado em contato com atividades do mesmo género.

5.2.1.2 Questões fechadas

A análise das respostas das questões fechadas foi realizada com auxílio dos *softwares IBM SPSS Statistics 22* e *Microsoft Excel*. Com recurso a estes instrumentos foram calculados os valores da moda, que indica o valor da resposta mais frequente; o valor do desvio padrão, que nos dá a ideia de dispersão do grupo e o mínimo e máximo de cada questão. Para permitir uma melhor leitura os dados foram agrupados na tabela 5.

Tabela 5 - Análise das respostas aos questionários dos jovens do Desafio OBB.

Análise das respostas aos questionários dos participantes Desafio OBB	Moda	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Q1 - A natureza é importante no desenvolvimento da expedição.	5	5	0,0	5	5
Q2 - As expedições ajudam na preservação da natureza.	5	4	1,0	3	5
Q3 - As expedições degradam o meio ambiente.	1	2	1,2	1	4
Q4 - Na expedição tive contato com costumes diferentes dos meus.	5	5	0,5	4	5
Q5 - Durante a expedição temos contato com diferentes culturas.	5	5	0,5	4	5
Q6 - A expedição ensina sobre respeito e companheirismo.	5	5	0,3	4	5
Q7 - Após uma viagem dessas a pessoa ganha mais autonomia.	5	5	0,3	4	5
Q8 - A expedição era mal vista pelos residentes locais.	1	2	1,2	1	4
Q9 - Gasta-se muito dinheiro para se realizar uma expedição como essa.	3	3	0,9	1	4
Q10 - A educação ao ar livre é acessível financeiramente para grande parte dos brasileiros.	2	2	1,0	1	4
Q11 - Na expedição compramos equipamentos, presentes ou comida nas comunidades locais.	1 e 4	3	1,6	1	5
Q12 - Penso que também somos responsáveis pelos lugares que visitamos.	5	5	0,3	4	5
Q13 - As expedições influenciam os locais pelos quais passa.	4 e 5	5	0,5	4	5
Q14 - Aprendi técnicas para preservar a natureza.	5	5	0,7	3	5
Q15 - Aprendi sobre geografia e biologia.	5	5	0,5	4	5
Q16 - Passeios e viagens na natureza podem causar impactos negativos.	2 e 4	3	1,1	2	5
Q17 - Aprendi costumes diferentes dos meus.	4 e 5	4	0,7	3	5
Q18 - Conhecer novos hábitos é importante.	5	5	0,5	4	5
Q19 - Precisei ajudar outras pessoas.	5	5	0,4	4	5
Q20 - Tive a oportunidade para mostrar o meu modo de fazer as coisas.	5	5	0,5	4	5
Q21 - O trabalho em equipe é importante.	5	5	0,3	4	5
Q22 - Qualidade de vida não depende diretamente da quantidade de recursos materiais disponíveis.	5	5	0,4	4	5
Q23 - Carregávamos somente o necessário.	5	4	1,0	2	5
Q24 - Os recursos naturais são limitados.	5	4	1,4	1	5

Tabela 5 - Análise das respostas aos questionários dos jovens do Desafio OBB (Continuação).

Análise das respostas aos questionários dos participantes Desafio OBB	Moda	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Q25 - Eu sempre me preocupei com as questões ambientais.	5	4	0,9	3	5
Q26 - Eu já tinha o hábito de realizar atividades na natureza.	2, 3, 4 e 5	3	1,4	1	5
Q27 - Agora estou mais atento às questões ambientais.	5	5	0,5	4	5
Q28 - Pretendo criar o hábito de realizar atividades na natureza.	5	5	0,4	4	5
Q29 - Eu sempre procurei pesquisar sobre o local para onde viajo.	2 e 3	2	1,0	1	4
Q30 - Eu tinha barreiras para expor minha opinião.	1	3	1,7	1	5
Q31 - Pretendo conhecer mais os locais para onde pretendo viajar.	5	4	1,3	1	5
Q32 - Depois da expedição tenho mais autoconfiança.	5	5	0,5	4	5
Q33 - Eu sempre me preocupei com o bem estar dos outros.	3	4	0,8	3	5
Q34 - Eu sempre tive facilidade em trabalhar em grupo.	3	3	0,7	2	4
Q35 - É importante o desenvolvimento das comunidades locais que visitamos.	5	5	0,0	5	5
Q36 - Durante a expedição ganhei habilidades que levarei para a vida cotidiana.	5	5	0,0	5	5
Q37 - A partir de agora pretendo criar alguns hábitos que aprendi na expedição.	5	5	0,0	5	5
Q38 - Sou uma pessoa muito consumista.	1	2	1,4	1	5
Q39 - Nos meus tempos de lazer sempre realizei viagens e excursões junta a natureza.	3 e 4	3	1,2	1	4
Q40 - Pretendo adquirir alguns equipamentos necessários para a prática de atividades na natureza.	5	4	0,9	3	5

5.2.1.3 Questões abertas

Como procedimento de análise das questões abertas, realizamos para cada uma das quatro questões uma tabela de frequência, registrando os termos/palavras com maior frequência nas respostas dos aprendizes. As tabelas 6, 7, 8 e 9 apresentam os termos que surgiram duas ou mais vezes nas respostas do grupo inquirido. O número de referências dentro do grupo pode ter um valor maior que o número de indivíduos inquiridos, uma vez que em muitas respostas é possível encontrar mais de um termo/palavra relativo à questão.

Tabela 6 – Principais motivos para participação no Desafio OBB

Q46 - Por quais razões veio participar dessa expedição?	
Termos mais referidos	Nº de referências dentro do grupo
Contato com a natureza	5
Desenvolvimento pessoal	3
Aventura	3

Tabela 7 - Melhores coisas do Desafio OBB

Q47 - Quais foram as melhores coisas na expedição? Cite pelo menos uma.	
Termos mais referidos	Nº de referências dentro do grupo
As pessoas	7
Contato com a natureza	5
Conhecer novos lugares	2
Sair da zona de conforto	2
A comida	2

Tabela 8 - Piores coisas do Desafio OBB

Q48 - Quais foram as piores coisas na expedição? Cite pelo menos uma.	
Termos mais referidos	Nº de referências dentro do grupo
Ficar molhado	4
Cansaço	2

Tabela 9 - Sugestões para o Desafio OBB

Q49 - Se você tem alguma sugestão ou opinião, por favor, escreva:	
Termos mais referidos	Nº de respostas dentro do grupo
O curso foi excelente	3
Nenhuma sugestão	4

No caso desta última tabela, e uma vez que a resposta a esta questão não era obrigatória, apenas obtivemos resposta de seis dos inquiridos.

5.2.2 Outward Leaders

5.2.2.1 Perfil dos inquiridos

O grupo *Outward Leaders*, correspondente aos ex-alunos da OBB, participantes na expedição *Outward Leaders*, grupo que foi inquirido para efeitos de comparação com o grupo de jovens do Desafio OBB. Este grupo era composto por oito indivíduos brasileiros com idades entre os 19 e 54 anos (Figura 11), dos quais apenas um era do género feminino, para além disso, todos já tinham tido contato com expedições de educação ao ar livre anteriormente e apenas um indivíduo (o mais novo do grupo) ainda se encontrava a estudar numa escola pública.

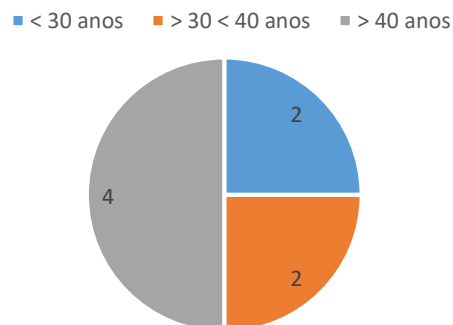


Figura 11 – Gráfico com nº de indivíduos por idade - Outward Leaders.

5.2.2.2 Questões fechadas

Também neste caso a análise das respostas das questões fechadas foi realizada com auxílio dos *softwares IBM SPSS Statistics 22 e Microsoft Excel*, onde foram calculados os valores da moda, que indica o valor da resposta mais frequente; o valor do desvio padrão, que nos dá a ideia de dispersão do grupo e os valores mínimos e máximo de cada questão. Para permitir uma melhor leitura os dados foram agrupados na tabela 10.

Tabela 10 - Análise das respostas aos questionários dos ex-alunos Outward Leaders.

Análise das respostas aos questionários dos participantes Outward Leaders	Moda	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Q1 - A natureza é importante no desenvolvimento da expedição.	5	4	1,3	1	5
Q2 - As expedições ajudam na preservação da natureza.	4 e 5	4	1,0	2	5
Q3 - As expedições degradam o meio ambiente.	3	2	0,9	1	3
Q4 - Na expedição tive contato com costumes diferentes dos meus.	4	4	0,3	3	4
Q5 - Durante a expedição temos contato com diferentes culturas.	4	4	0,7	3	5
Q6 - A expedição ensina sobre respeito e companheirismo.	5	5	0,7	3	5
Q7 - Após uma viagem dessas a pessoa ganha mais autonomia.	5	5	0,7	3	5
Q8 - A expedição era mal vista pelos residentes locais.	3	2	1,0	1	4
Q9 - Gasta-se muito dinheiro para se realizar uma expedição como essa.	3	3	1,0	2	5
Q10 - A educação ao ar livre é acessível financeiramente para grande parte dos brasileiros.	2	2	0,9	1	4
Q11 - Na expedição compramos equipamentos, presentes ou comida nas comunidades locais.	3 e 4	4	0,9	2	5
Q12 - Penso que também somos responsáveis pelos lugares que visitamos.	5	5	0,3	4	5
Q13 - As expedições influenciavam os locais pelos quais passa.	5	3	1,6	1	5
Q14 - Aprendi técnicas para preservar a natureza.	4	4	0,7	3	5
Q15 - Aprendi sobre geografia e biologia.	4 e 5	5	0,5	4	5
Q16 - Passeios e viagens na natureza podem causar impactos negativos.	4	4	0,7	3	5
Q17 - Aprendi costumes diferentes dos meus.	3 e 4	4	0,8	3	5
Q18 - Conhecer novos hábitos é importante.	4 e 5	5	0,5	4	5
Q19 - Precisei ajudar outras pessoas.	5	5	0,5	4	5
Q20 - Tive a oportunidade para mostrar o meu modo de fazer as coisas.	5	5	0,4	4	5
Q21 - O trabalho em equipe é importante.	5	5	0,3	4	5
Q22 - Qualidade de vida não depende diretamente da quantidade de recursos materiais disponíveis.	5	4	0,7	3	5
Q23 - Carregávamos somente o necessário.	4	4	0,7	3	5
Q24 - Os recursos naturais são limitados.	5	5	0,3	4	5

Tabela 10 - Análise das respostas aos questionários dos ex-alunos Outward Leaders (Continuação).

Análise das respostas aos questionários dos participantes Outward Leaders	Moda	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Q25 - Eu sempre me preocupei com as questões ambientais.	4	4	0,9	2	5
Q26 - Eu já tinha o hábito de realizar atividades na natureza.	5	4	1,3	1	5
Q27 - Agora estou mais atento às questões ambientais.	3	4	1,2	1	5
Q28 - Pretendo criar o hábito de realizar atividades na natureza.	5	4	1,3	1	5
Q29 - Eu sempre procurei pesquisar sobre o local para onde viajo.	5	4	1,3	1	5
Q30 - Eu tinha barreiras para expor minha opinião.	2, 4 e 5	3	1,4	1	5
Q31 - Pretendo conhecer mais os locais para onde pretendo viajar.	5	4	1,4	1	5
Q32 - Depois da expedição tenho mais autoconfiança.	5	4	0,7	3	5
Q33 - Eu sempre me preocupei com o bem estar dos outros.	4 e 5	5	0,5	4	5
Q34 - Eu sempre tive facilidade em trabalhar em grupo.	4	4	0,5	3	4
Q35 - É importante o desenvolvimento das comunidades locais que visitamos.	5	4	0,8	3	5
Q36 - Durante a expedição ganhei habilidades que levarei para a vida cotidiana.	5	4	0,7	3	5
Q37 - A partir de agora pretendo criar alguns hábitos que aprendi na expedição.	5	4	1,1	2	5
Q38 - Sou uma pessoa muito consumista.	3	3	0,7	2	4
Q39 - Nos meus tempos de lazer sempre realizei viagens e excursões junta a natureza.	5	4	1,0	2	5
Q40 - Pretendo adquirir alguns equipamentos necessários para a prática de atividades na natureza.	5	4	1,1	2	5

5.2.2.3 Questões abertas

De forma idêntica ao realizado para o grupo anterior, e como procedimento de análise das questões abertas, realizámos para cada uma das quatro questões uma tabela de frequência, revelando os termos/palavras que mais apareceram nas respostas dos inquiridos. As tabelas 11, 12, 13 e 14 apresentam os termos que surgiram 2 ou mais vezes nas respostas do grupo inquirido. É no entanto de salientar que este grupo não teve muita desenvoltura nas respostas abertas, para além disso, nalguns casos a resposta foi dada de modo ilegível, conferindo um baixo número de respostas. Por exemplo, na questão referente às sugestões e opiniões apenas um dos participantes deu resposta (tabela 14).

Tabela 11 – Principais motivos para participação no Outward Leaders

Q46 - Por quais razões veio participar dessa expedição?	
Termos mais referidos	Nº de respostas dentro do grupo
Desenvolver habilidades	3
Contato com a natureza	2

Tabela 12 - Melhores coisas do Outward Leaders

Q47 - Quais foram as melhores coisas na expedição? Cite pelo menos uma.	
Termos mais referidos	Nº de respostas dentro do grupo
O local	2
O Aprendizado	2

Tabela 13 - Piores coisas do Outward Leaders

A48 - Quais foram as piores coisas na expedição? Cite pelo menos uma.	
Termos mais referidos	Nº de respostas dentro do grupo
Poluição	2

Tabela 14 - Sugestão para o Outward Leaders

Q49 - Se você tem alguma sugestão ou opinião, por favor, escreva:
Única resposta
Repetir o curso mais vezes ao longo do ano e para outros participantes que não fizeram nenhum curso da OBB.

5.2.3 Entrevista

No que se refere à entrevista realizada à instrutora que conduziu o Desafio OBB de 2016, esta foi analisada quanto ao seu conteúdo, examinando palavras, termos, frases e conceitos referidos pela entrevistada e que eram indicativos e sugestivos de possíveis contributos da expedição para o turismo na natureza. Termos esses, que estavam ligados aos objetivos da investigação, e puderam localizar onde a educação ao ar livre cooperava com o turismo na natureza. Como já referido, dado a experiência da instrutora nesse tipo de atividade a entrevista acabou por seguir os rumos pretendidos com respostas claras para cada questão e com exemplos de como a educação ao ar livre pode contribuir para o turismo na natureza em múltiplos cenários. As perguntas que aparecem na tabela 15 foram as questões norteadoras realizadas no momento da entrevista, todavia, como referido anteriormente, surgiram e foram realizadas outras questões no decorrer da entrevista, onde as respectivas respostas serão analisadas e discutidas no item seguinte.

Tabela 15 - Frequência dos principais termos indicativos e sugestivos nas respostas da instrutora

Pergunta	Termos indicativos e sugestivos	Frequência
Você pensa que as expedições de educação ao ar livre podem contribuir para turismo na natureza? Ou seja, que as expedições, podemos até tomar como referência o caso do Desafio... Se executar uma expedição como aquela auxilia no turismo na natureza, qual é o seu ponto de vista a respeito disso?	Natureza	8
	Inspiração	2
	Desmitificação	1
Quando o aprendiz está fazendo a expedição. Ou seja, vocês estão lá no Desafio, estão nos dias de expedição. O aluno, a criança ou o jovem, ou às vezes o adulto, ele tem consciência que está também fazendo o turismo na natureza? Ou para ele somente está acontecendo o curso da OBB? Ou ele sabe que está lá e é um turista na natureza?	Comunidade	13
	Espaço	4
	Conhecer	2
Eles recebem esse incentivo para a prática de atividades na natureza, que você já disse. Mas você pensa que esse incentivo é duradouro? Você pensa que uma semana depois da expedição todo mundo já esqueceu e precisa de outra expedição ou você acha que persiste, aquilo? E mesmo o aluno que não pratique de fato o turismo ou outra atividade na natureza, aquilo fica marcado nele e, é, vamos supor, meses ou anos depois ele vai lembrar daquilo e vai poder usufruir desses conhecimentos que teve na expedição, o que você pensa?	Experiência	8
	Relacionamento/Convívio	5
	Longo prazo	4

5.3 Análise e discussão dos resultados

5.3.1 Questões fechadas

5.3.1.1 Objetivo 1: Analisar a opinião do aprendiz em relação à educação ao ar livre e ao turismo na natureza

5.3.1.1.1 Contributos ambientais

Esta seção buscou sobretudo investigar qual a opinião dos participantes da expedição a respeito da educação ao ar livre e do turismo na natureza. O grupo pesquisado é de opinião que tanto a educação ao ar livre como o turismo na natureza são fenômenos que se complementam, uma vez que os jovens apontaram que a natureza é importante no desenvolvimento da expedição assim como as expedições auxiliam na preservação do meio, opiniões estas que concordam com as ideias de Cosgriff (2011) e Kunreuther & Ferraz (2012). No que se refere às questões a

respeito deste tema, as respostas mais frequentes dos jovens foi “concordo totalmente”. Em relação à componente ambiental foi perguntado se as expedições, viagens e passeios poderiam degradar o ambiente (Q03 e Q16), e nestes casos, o grupo de jovens não apresentou uma opinião consolidada, com as respostas a variarem entre o “discordo totalmente” e o “concordo totalmente”, revelando que questões como estas, associadas ao ambiente, ainda não estão bem definidas neste grupo de inquiridos. Para tais tópicos, uma maior diversidade na opinião do grupo já era esperada, dado o grande debate existente em torno deles, desde logo pela problemática associada ao facto de que algo geralmente associado à preservação da natureza apresentar igualmente impactos negativos. De facto, as expedições de educação ao ar livre e o turismo na natureza podem apresentar impactos nefastos para o ambiente, mesmo que em proporções mínimas, por exemplo pela compactação do solo provocada pelo acampamento, ou a poluição do meio resultante de lavagem de utensílios, banhos e necessidades fisiológicas (Neto et al. 2006), ou os associados às fogueiras, como referiu a instrutora durante a entrevista. Em contrapartida, são eles próprios, o turismo e a educação, que são capazes de uma maior influência e ação na preservação de áreas por onde se desenvolvem.

Através de uma série de medidas como planeamento, conscientização ambiental, pesquisas, ordenamento do território, ações conjuntas com as comunidades e por meio de muitas outras estratégias, consegue-se preservar a natureza do desenvolvimento turístico desenfreado, da indústria, da utilização inadequada de áreas protegidas, entre muitas outras ações que degradam o ambiente. Em comparação, entre o grupo de ex-alunos as respostas para as perguntas Q3 e Q16 foram mais concisas, indicando que não têm opinião ou não concordam que as expedições degradam o meio e concordam que passeios e viagens nos meios naturais podem sim, causar impactos negativos. Isso deve-se provavelmente ao fato desse grupo apresentar uma maior maturidade e experiência com as questões polêmicas ligadas ao ambiente e a educação ao ar livre.

5.3.1.1.2 Contributos culturais e sociais

No que se refere aos contributos socioculturais, os grupos inquiridos indicam que o contato com a educação ao ar livre lhes proporcionou um convívio com diferentes costumes e culturas das quais já estavam habituados, revelando o carácter enriquecedor que a expedição pode representar, o que corresponde aos achados na pesquisa de Sandell & Öhman (2010). Pois, para as questões que abordaram esse tema (Q4 e Q5) a moda teve um valor de 5 e 4 para o grupo de jovens e ex-alunos, respetivamente.

Também ambos os grupos indicam que a expedição lhes ensinou sobre companheirismo e respeito (Q6 e Q7), que são importantes valores para a autonomia, moralidade e convívio social dos jovens, podendo ter uma vívida influência no ganho de benefícios pessoais e sociais, tal como indicado por McKenzie (2000), Ritchie (2003), Mullins (2014) e Scrutton (2015). Freitas (2002), ao explicar o estudo de Piaget (1932/1992), clarifica essas ditas relações entre a

cooperação, o respeito, a autonomia e a moralidade, quando expõe que graças a relações sociais como a cooperação os jovens percebem a existência de um outro tipo de respeito (por suposto até então, apenas conheciam a autoridade), o respeito mútuo, vindo, ao percebê-lo, ganhar consciência moral. O mesmo continua a dizer que o respeito mútuo advém da semelhança entre os indivíduos, ou seja, quando se imputam valores equivalentes, isso ocorre devido a relação de cooperação, onde os jovens se colocam um no lugar do outro. Assim, aos poucos, o sujeito vai ganhando consciência moral e percebendo importantes elementos da vida em sociedade, as regras deixam de ser imutáveis e santas, e percebem que elas são uma decisão coletiva. Aprendizados que abrem portas para o ensino de outros tópicos, em especial do desenvolvimento do campo éticos, sendo esse, na opinião de Ford (1986), o primeiro e principal valor de qualquer programa de educação ao ar livre.

Sabendo que o turismo pode causar impactos sociais negativos por onde se desenvolve (Fortunato 2009), interessamo-nos investigar a opinião do aprendiz nesse sentido, no entanto, de acordo com o grupo de inquiridos, mesmo que este represente apenas um dos pontos de vista (do aprendiz) de uma problemática que é de todos, isso parece não ter ocorrido para os jovens do Desafio OBB, pois 68% indicaram “discordar totalmente” ou “discordar” de que a expedição seja mal vista pelos residentes locais (Q8). Entre os ex-alunos essa foi mais uma questão em que o grupo não chegou a um parecer sólido, apresentando uma maior frequência de respostas em “não discordo nem concordo”.

5.3.1.1.3 Contributos económicos

Relativamente aos contributos económicos, os jovens do Desafio OBB ficam com a opinião muito mais dividida, ou não apresentam uma posição assumida a esse respeito. Por exemplo, quanto se pergunta se para se realizar uma expedição como a que participaram se gasta muito dinheiro (Q9), seis dos participantes apontaram não discordar nem concordar dessa afirmação. Quando perguntado se na expedição eles compraram algum equipamento, comida ou prendas nas comunidades locais (Q11) a opinião ficou bastante dividida, aparecendo respostas desde “discordo totalmente” até “concordo”. No grupo de ex-alunos as respostas também variam de modo que é difícil definir uma posição clara do grupo.

Talvez essas situações de respostas tão variadas e flutuantes, tenham ocorrido devido à subjetividade da pessoa se encontra no momento de consumidor (Bauman 2007), uma vez que um mesmo investimento pode ter valores diferentes para pessoas diferentes, assim como um indivíduo ser mais ou menos consumista que outro. Contudo, o fato que aqui se revela, nas respostas de ambos os grupos, é que parte da expedição interagiu financeiramente com a comunidade local e também pensa ter feito algum investimento para participar da expedição.

Para além de aspetos sociais e culturais que as questões Q12 e Q13 colocam, elas também estão ligadas fortemente a aspetos económicos do desenvolvimento turístico, mesmo que com uma menor intervenção da atividade monetária. Nas referidas questões 94% dos jovens do

Desafio OBB concordam que também são responsáveis pelos locais que visitam e que a expedição pode influenciar estes mesmos locais. A concordância dos jovens com tais afirmações indica a consciencialização para um turismo responsável, que vem sendo desenvolvido dentro das expedições de educação ao ar livre. Dentro desse campo, o surgimento do conceito de turismo responsável surge naturalmente, pois colocam o grupo e o jovem turista como agentes ativos da sustentabilidade, ao invés de deixá-lo na posição passiva de mero espectador (Bilro 2015). Se comparado com o grupo de ex-alunos, os mesmos, apresentam uma opinião similar com moda no valor de 5 para ambas as questões Q12 e Q13, a conferir uma clara opinião dos participantes de educação ao ar livre, que pensar ser responsáveis e acreditam influenciar os locais que visitam.

Em síntese, ao mesmo tempo em que a opinião dos aprendizes principalmente para os aspetos culturais e sociais, é muito próxima do que se discute na comunidade científica dando ênfase nos benefícios e vantagens da educação ao ar livre. Outros aspetos como os ambientais e económicos apresentaram uma opinião muito mais dividida, dificilmente podendo formar uma opinião coletiva.

5.3.1.2 Objetivo 2: Verificar o aprendizado de técnicas e conceitos que beneficiem o turismo na natureza

5.3.1.2.1 Contributos ambientais

Relativamente à verificação da aprendizagem no decorrer da expedição, os inquéritos dos jovens do Desafio OBB apresentaram uma maior frequência na resposta “concordo totalmente” para as Q14 e Q15, revelando que os mesmos aprenderam técnicas para preservar a natureza e conteúdos sobre biologia e geografia, reforçando a já presente ideia de uma forte vertente da educação ambiental dentro da educação ao ar livre (Ford 1986; Neto *et al.* 2006). Em contrapartida, uma das questões do inquérito levantar a profundidade em que esses temas são trabalhados dentro da educação ao ar livre, em consequência de que a avaliação do grupo fica demasiada dividida quando a temática é a possibilidade de passeios e viagens na natureza causarem impactos ambientais negativos (Q16), como já discutimos anteriormente. Eventualmente esse ponto pode não ter sido discutido a fundo na expedição na qual os jovens participaram, dado que seu objetivo primeiro ser o desenvolvimento pessoal e social, estando assim a educação ambiental como metas secundárias.

Por outro lado, no grupo dos ex-alunos, e provavelmente por se tratarem de pessoas que têm contato com a educação ao ar livre há mais tempo, 6 dos 8 indivíduos (75%) são da opinião de que passeios e viagens a natureza podem, sim, causar impactos negativos. No tocante aos aprendizados de conceitos e técnicas que beneficiem o turismo na natureza, esse grupo também apresenta a maior frequência na resposta “concordo totalmente” para as perguntas Q14 e Q15, em concordância com grupo de jovens.

5.3.1.2.2 Contributo cultural e social

Durante a verificação dos aprendizados de ordem cultural, foi perceptível que os indivíduos do grupo de jovens reconhecem a importância de conhecer novos hábitos (Q18), dado que todas as respostas giraram em torno de “concordo” e “concordo totalmente”, revelando que os jovens aprenderam costumes diferentes dos próprios (Q17). Os resultados também mostram que os aprendizes experienciaram importantes elementos da vida em sociedade como a cooperação (Q19), fizeram parte efetiva do grupo expondo suas ideias e hábitos (Q20) e ressaltaram a importância do trabalho em equipa (Q21), uma vez que para todas essas questões anteriores a respostas mais frequente dentro do grupo foi “concordo totalmente”. Podendo essas situações ajudar esses aprendizes no ganho de significativas habilidades no desenvolvimento da liderança, trabalho em equipa, poder compartilhar e conviver com outros, são exemplo. Esse *feedback* vai ao encontro dos objetivos da expedição e dos conteúdos abordados durante a mesma, mostrando que as ideias e opiniões dos inquiridos, tando no grupo de jovens como nos ex-alunos, caminham num mesmo sentido em relação à expedição, sobretudo no que se refere aos aspetos culturais e sociais da mesma. Resultados que vão ao encontro dos achados na investigação quantitativa de Liepina & Krauksta (2014), que mostram que os indivíduos, após uma intervenção teórica e prática com educação ao ar livre, obtiveram ganhos significativos em variados aspetos sociais, culturais e pessoais, incluindo a cooperação e o trabalho de equipa. As autoras atribuem esses ganhos ao processo de aprendizagem pelo qual os indivíduos passaram, uma vez que o mesmo está ligado a experiências físicas, emocionais e espirituais dos alunos, porque ele é caracterizado pelas atividades físicas incomuns e dos processos com incertezas, ansiedades e emoção.

Alguns dos motivos desses aprendizados de ordem sociocultural também foram identificados durante a entrevista com a instrutora, quando a mesma refere que nos dias de expedição o aprendiz convive com diferentes pessoas, em diferentes lugares, divide coisas, compartilha ideias, toma decisões, entre muitas outras coisas, e que cada uma dessas ações faz o aluno descobrir-se cada vez mais. Tornando assim os aprendizados na vertente pessoal serem os mais duradouros, na opinião da instrutora. Mas também na opinião de Enoiu *et al.* (2010) através do método de ensino que a educação ao ar livre faz uso é que podemos acumular conhecimento de modo mais duradouro.

Ainda sobre os aprendizados no decorrer da expedição muitas vivências que lá os participantes experienciam podem fazê-los a reflexionar em suas posições quanto agentes sociais e ampliar e enriquecer seu círculo cultural, à exemplo disso, temos o trecho citado pela instrutora durante a entrevista a explicar do momento em que os jovens do Desafio OBB compartilham um espaço de pernoite com uma família residente do local visitado, dando a oportunidade para esses jovens de envolver-se na comunidade acolhedora para além do espaço visitado, interpretando-a, conhecendo-a e respeitando-a, ideias presentes nas formas de turismo responsável (Bilro 2015).

Como vimos, um dos componentes das expedições OBB é o trabalho voluntário, que as expedições devem realizar em prol de comunidade visitada. Sendo essa uma outra atividade que pode colaborar muito com o aprendizado dos participantes e colaboram com a comunidade nas esferas ambientais, culturais, sociais e económicas. Kunreuther (2011) cita o trabalho voluntário como parte dos cursos da OBB que propicia ao aprendiz o fortalecimento de sentimentos envolvendo solidariedade com o próprio grupo expedicionário e com as comunidades visitadas, assim como o desenvolvimento de responsabilidades perante os próximos. Essa responsabilidade para com as comunidades acolhedoras é um princípio do turismo responsável que se revela também através dos trabalhos voluntários. Outros autores citam o trabalho voluntário realizado pelos turistas como uma de suas ações de responsabilidade para o desenvolvimento de um turismo sustentável (Swarbrooke, 1999 citado por Silva, 2013).

5.3.1.2.3 Contributos económicos

A educação ao ar livre também traz aos alunos ensinamentos que poderão formar uma perspectiva crítica no campo da economia, nomeadamente no que diz respeito à produção, distribuição e consumo de bens e serviços. Uma breve ideia de toda a sua extensão pode ser percebida entendendo que seu exato fundamento está no conceito de troca, e todas as quantidades económicas (quantidade de determinados bens), estabelecem entre si relações tais que a mudança de um traz consequências a outras (Schumpeter, 1982 citado por Silva 2002). É por esse ponto de vista que a educação ao ar livre procura abordar a economia, e os jovens do Desafio OBB mostraram ter esse tipo de pensamento crítico quando “concordam” (22%) e “concordam totalmente” (78%) com a afirmação de que a qualidade de vida não depende diretamente da quantidade dos recursos materiais disponíveis (Q22). Essa é uma temática que pode ser muito bem desenvolvida em muitos momentos da expedição, como por exemplo no planeamento e no transporte de materiais utilizados pelos integrantes, onde 89% admitem que carregavam apenas o necessário e nem por isso a expedição teve menos valor. Os ex-alunos compartilham a mesma opinião, 88% pelo menos concorda que a qualidade de vida não depende diretamente da quantidade de recursos materiais (Q22), e 62,5% pelo menos concordam que durante a expedição carregaram apenas o material necessário (Q23).

Em suma, é notório que no decorrer da expedição os aprendizes têm contato abundantes ensinamentos, tanto táticas e estratégias, quanto no julgamento de valores nas diferentes áreas como o ambiente, a cultura, a sociedade e a economia

5.3.1.3 Objetivo 3 e 4: Identificar possíveis alterações comportamentais e de atitude no aprendiz em resultado de ações de educação ao ar livre; e averiguar alteração na predisposição para a prática de turismo na natureza após ações de educação ao ar livre.

Com esta secção do questionário pretende-se identificar possíveis mudanças comportamentais e averiguar a predisposição para a prática do turismo na natureza por parte dos aprendizes, onde

foi possível reconhecer uma forte intenção de mudança positiva de comportamento e uma propensão para a prática do turismo na natureza por parte dos jovens do Desafio OBB. Para isso, a partir das questões que inquiriam a respeito dos comportamentos, atitudes e intensões dos participantes para os momentos pré e pós-expedição, criou-se uma tabela (Anexos D e E) onde verificamos se as respostas dos inquiridos mudaram positiva ou negativamente ou, se se mantiveram positivas ou negativas. Com base nos dados dessa tabela foi elaborada a figura 12, onde podemos visualizar que tipo de alteração ocorreu, na opinião dos jovens, e o número de vezes que essa alteração ocorreu dentro do grupo.

De salientar que, neste trabalho, se considerou como mudanças, todas as alterações ocorridas nas opiniões e/ou intensões dos aprendizes. Como manutenção, considerou-se todas as opiniões e/ou intensões que não se alteraram mesmo após a expedição de educação ao ar livre. Quanto à qualidade das mudanças e manutenções, foram considerados os princípios de sustentabilidade, ou seja, se uma opinião e/ou intenção de um aprendiz se alterou em concordância com preceitos sustentáveis, essa foi considerada uma mudança positiva. Mas, se a opinião e/ou intenção de um aprendiz se alterou em discordância com preceitos sustentáveis, essa foi considerada uma mudança negativa. O mesmo raciocínio foi considerado válido para as manutenções.

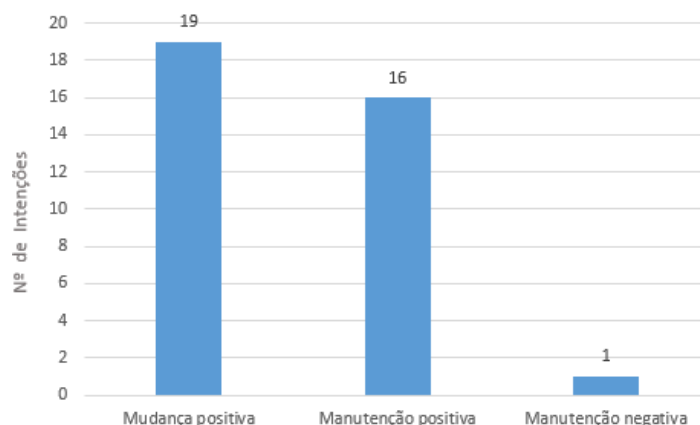


Figura 12 – Gráfico com nº de intenções - Desafio OBB.

Neste caso, mais da metade dos alunos tiveram uma mudança positiva de opinião, computando 53% de mudanças positivas dentro do grupo de jovens, quais diziam respeito a questões ambientais, de realização de atividades junto a natureza, da importância do conhecimento das comunidades visitadas e em perspectivas de autoconfiança. Para esses mesmos itens, ainda tivemos 44% de manutenções positivas e apenas 1 manutenção negativa.

Nesta seção, ressaltamos o caso do jovem Ad3, cujo alterou sua disposição para todos os itens citados anteriormente, indicando o potencial existente dentro da educação ao ar livre em contribuir para as mudanças de panoramas de seus aprendizes, e quando não, vem reforçar a

existência de uma visão crítica, como ocorreu com grande parte dos jovens, a exemplo temos o Ad4 que não apresentou nenhuma intensão para mudar sua opinião ou comportamento, uma vez que manteve suas posições, as quais são consideradas positivas em relação a conceitos de sustentabilidade, relações sociais, capacidade de se expor e atividades e práticas turísticas junto a natureza. Um acontecimento também considerado positivo é que, após a intervenção com a expedição de educação ao ar livre, não foi constatado nenhuma intenção de alteração, de comportamentos e atitudes, não benéfica perante aos itens pesquisados, constatando a boa impressão que a expedição produziu na opinião dos aprendizes.

O item para o qual os aprendizes do Desafio OBB mostraram ter uma maior conscientização antes da intervenção educacional foi sobre as questões ambientais, seguido pela autoconfiança.

Já os itens onde se constata uma maior intenção de mudança após a expedição foram: o conhecimento prévio do local para onde tencionam viajar e a realização de atividades na natureza.

Não é tarefa simples identificar, nos aprendizes, uma alteração no comportamento relativo à temática económica, porém, foi possível observar neste grupo que os aprendizes, de um modo geral, não se consideram pessoas muito consumistas, pois a maior frequência nas respostas do grupo, para essa questão, foi “discordo totalmente” (Q38) mas, ainda assim, pretendem depois da expedição, adquirir materiais necessários para a prática de atividades na natureza. Entende-se por isto, a aquisição de materiais, desde a vestimenta até componentes técnicos.

Ainda no grupo de jovens 33% indicou não ser habitual praticarem atividades na natureza nos seus tempos de lazer, mas, que agora pretendem passar a fazê-lo, uma vez que a resposta que mais se repete, nessa questão, é “concordo totalmente” (Q28), evidenciando uma maior disposição para a prática do turismo na natureza após a viagem, onde tiveram contato com a educação ao ar livre. Além disso, é ainda muito provável que pratiquem esse turismo na natureza de forma responsável, uma vez que esses jovens já tiveram o exemplo de como fazê-lo (turismo responsável) durante o Desafio – OBB. Ademais, todos os jovens indicaram que consideram ter ganho habilidades que serão úteis na sua vida quotidiana (Q36) e que pretendem criar hábitos que aprenderam e desenvolveram durante expedição (Q37) após o término da mesma, reforçando as utilidades práticas desse modelo educacional, sendo que para ambas as questões a resposta mais frequente foi “concordo totalmente”.

Quanto aos ex-alunos, os participantes da expedição *Outward Leaders*, pela observação da figura 13, que ilustra as alterações de opinião e intenção em decorrência da intervenção da expedição de educação ao ar livre, pode constatar-se que os resultados são bastante diferentes do grupo de jovens. Tivemos, dado a complexidade e variações nas respostas dos ex-alunos, que incluir um novo eixo: “Processo de assimilação”. A inclusão deste eixo resulta da combinação das respostas que surgiu dentro do grupo para as questões que tinham como objetivo identificar

as possíveis mudanças de atitude e opinião no aprendiz no tocante a intervenção de educação ao ar livre. Como em algumas respostas, não pudemos identificar se houve mudança ou manutenção e quais suas qualidades, positiva ou negativa, precisou-se acrescentar o eixo “Processo de assimilação”, onde por ele, entendemos que o aprendiz, no momento em que respondeu o questionário ainda não tinha uma opinião formada a respeito de sua atitude, ação e pretensão no tocante aos itens questionados que foram desde: aspetos ambientais; de realização de atividades junto a natureza; da importância do conhecimento das comunidades visitadas; até as perspectivas de autoconfiança.

Uma vez feitos esses ajustes constata-se que, dentro do grupo de ex-alunos com 8 indivíduos, tivemos uma prevalência de mudanças e manutenções positiva, alguns processos de assimilação e também surgiu nesse grupo a mudança negativa (figura 13).

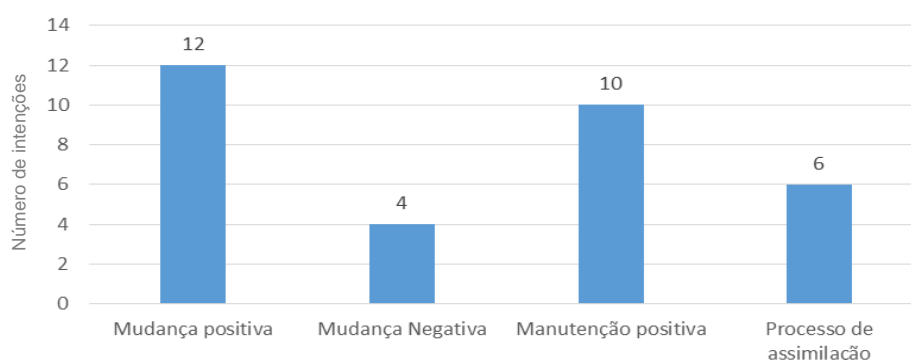


Figura 13 – Gráfico com nº de intenções - Outward Leaders.

Do total de alterações ocorridas nas opiniões desses aprendizes, 38% foi benéfica, tanto para o desenvolvimento pessoal deles quanto para contribuir com o turismo na natureza, pois estão entre a mudança e manutenção positiva. Cerca de 19% dessas intenções de atitude ainda não estavam clarificadas do momento em que o questionário foi respondido, portanto são esses os processos de assimilação que os aprendizes estão a passar, que podem ou não vir a tornar-se uma opinião concreta com o decorrer do tempo. E ainda, do total de intenções o percentil mais baixo, 13% representa uma mudança negativa na opinião e intenção de atitude dos ex-alunos. Consideramos essas mudanças negativas, porque tais intenções não correspondem com os princípios de sustentabilidade, como exemplo o respondente Aol1 refere que antes da intervenção com educação ao ar livre sempre esteve atento as questões ambientais, mas discorda que após a realização da expedição esteja mais atento a tais questões; computando uma mudança negativa para o gráfico na figura 13. Em todo o grupo dessa expedição, *Outward Leaders*, verificaram-se apenas 4 casos similares a esse, e que dificilmente podem ser explicados tendo por base apenas essas questões. Nestes casos necessitaríamos maiores esclarecimentos por parte desses aprendizes, pois como alerta Tartuce (2006) citado por Gerhardt & Silveira (2009) ao referir que os fenômenos humanos não acontecem de modo

semelhante a do mundo físico, dificultando sua previsibilidade, sendo a quantificação de seus resultados limitada. Ainda mais que sabemos que as pessoas, suas crenças, ideias e conceitos são formadas por uma infinidade de experiências pelas quais passam durante a vida.

Para esse grupo, o item com o qual os aprendizes mostraram ter uma maior conscientização antes da intervenção educacional foi também sobre as questões ambientais. No entanto, e diferentemente do grupo de jovens, aqui, a conscientização ambiental antes da expedição é seguido pela realização de atividades na natureza.

Já o item onde se constata uma maior intenção de mudança positiva após a expedição foi ligado as questões de autoconfiança.

Quanto a temática económica no grupo dos ex-alunos, mais uma vez não tiveram uma opinião quando perguntado se eles se consideravam consumistas, pois a respostas que mais aparece no grupo foi “não discordo, nem concordo” (Q38), porém, a maioria deles (62%) pretendem adquirir equipamentos para atividades ao ar livre após a expedição. E ainda, 88% dos inquiridos estavam habituados a realizar viagens e excursões junto a natureza em seus tempos de lazer (Q39) e também 62% pretendem criar ou tornar hábito da prática de atividades junto a natureza ainda mais forte (Q28).

Em concordância com os jovens do Desafio, esse grupo que já tinha experiências anteriores com educação ao ar livre, apontou que ganharam habilidades que serão úteis na sua vida quotidiana (Q36) e que pretendem criar hábitos que aprenderam e desenvolveram durante expedição (Q37), resposta mais frequente foi “concordo totalmente”, em ambas as questões.

5.3.2 Questões abertas

Na análise e discussão às questões abertas trataremos primeiro os resultados relativos aos participantes no Desafio OBB e posteriormente os dos participantes no *Outward Leaders*, dentro de cada uma das questões colocadas. Será realizada uma reflexão sobre cada questão de modo a examinar os indícios de acordo com os nossos objetivos de analisar a opinião do aprendiz, verificar os aprendizados decorridos na expedição, identificar alterações comportamentais e de atitude e verificar a pré-disposição para a prática do turismo na natureza; na tentativa de clarificar quais os contributos da expedição para o turismo na natureza.

5.3.2.1 Razões para participar na expedição

A primeira questão aberta procurou saber as razões pelas quais os aprendizes estavam participando na expedição. As respostas foram variadas, porém, sempre rondando motivos como: o contato com a natureza, o desenvolvimento pessoal e a aventura (tabela 7).

Um maior contato com a natureza em estado puro, um desenvolvimento pessoal de valor e novos desafios são necessidades de muitas pessoas que vivem imersas num cotidiano com valores insustentáveis (Gadotti 2008), stressante e rotineiro. Ao verificarmos as justificações dos jovens para participarem no Desafio OBB vemos que essas necessidades também parecem fazer parte dos seus anseios.

Procurar o contato com a natureza foi mesmo o fator que mais atraiu os jovens para a atividade, cinco dos nove inquiridos citaram este motivo.

Em seguida, o desenvolvimento pessoal e o desafio/aventura são as razões mais citadas pelos alunos, vindo exatamente ao encontro das propostas do curso que realizaram.

Dentre as respostas dadas, destaca-se o aluno Ad9, que indica como razão para realizar a expedição o fato de ter *“interesse em realizar atividades diferentes de que estou acostumado”*, revelando uma iniciativa muito positiva de sair de sua zona de conforto. Esta é uma questão muito abordada nos programas de educação ao ar livre e justamente uma das melhores coisas na expedição para esse aprendiz, que ainda revela não estar habituado a tais atividades e pretender criar o hábito de realizá-las.

No grupo de ex-alunos, o motivo para participar no Outward Leaders, outra expedição de educação ao ar livre, foi muito similar ao dos jovens. Os termos que mais apareceram nas respostas (tabela 13) do grupo foram: o desenvolvimento de habilidades (variadas entre conceitos e técnicas) e o contato com a natureza.

5.3.2.2 As melhores coisas da expedição

A segunda questão aberta perguntava aos participantes quais eram, na opinião deles, as melhores coisas da expedição. Para uma melhor análise agrupámos as respostas em cinco categorias que surgiram naturalmente nas respostas dos jovens (tabela 8): as pessoas, o contato com a natureza, o conhecer novos lugares e, sair da zona de conforto.

“As pessoas” foram apontadas, pelos jovens, como as melhores coisas da expedição, entende-se por “As pessoas” desde as próprias tal como o contato com as mesmas, o convívio, os trabalhos em grupo, a proximidade com a comunidade local, as novas amizades, etc. De salientar que, apesar disso, este item não aparece listado como motivação ou expectativa para a realização da expedição, mas apesar disso é indicado pelo grupo como a melhor coisa da mesma. Em alguns casos, as relações entre as pessoas pode marcar uma experiência, e este fato vem ao encontro dos trabalhos desenvolvidos pelos instrutores da expedição no que se refere a incentivar a criação de novos vínculos, o trabalho de equipa, respeito pela diferença, convivência harmoniosa, ética e muitos outros temas frequentemente abordados na educação ao ar livre. Verificamos isso, por exemplo, quando o aprendiz Ad8 refere: *“Aprendizado sobre grupos, o relacionamento com outras pessoas.”*. Para além das pessoas do grupo expedicionário, os jovens do Desafio OBB também tiveram contato, em diferentes momentos,

com a comunidade local, que por norma é uma comunidade que se mostra muito acolhedora, para Silva (2013), a hospitalidade é um dos fatores de diferenciação para o trismo de nicho, sendo que uma experiência positiva e agradável muito depende das pessoas envolvidas nos nossos momentos de lazer.

O contato com a natureza é o segundo tema mais mencionado pelos jovens, seguido pelo conhecimento de novos lugares e a saída da zona de conforto. Todos esses, temas muito ligados às expedições oferecidas pela OBB, estando totalmente de acordo com as propostas da instituição, levando de encontro os interesses dos participantes com princípios oferecidos pelo Desafio OBB, o que pode ter uma significativa influência na satisfação dos participantes.

Quanto à aspiração de conhecer novos lugares, os aprendizes destacam em suas respostas: “A possibilidade de conhecer novos ambientes...”(Ad9), mas também “...conhecer a comunidade” (Ad6).

A expressão “sair da zona de conforto” também é apontada por dois dos participantes que referem o “sair” e “expandir” a zona de conforto. Este é um conceito muito trabalhado pelos cursos da OBB e está diretamente relacionado ao desafio e aventura. Trabalhar esta envolvimento está fortemente presente nos cursos da OBB, uma vez que pode auxiliar o aprendiz no desenvolvimento de capacidades pessoais e sociais, fortalecimento do caráter, melhora da autoestima, melhor compreensão das problemáticas ambientais e de conceitos sustentáveis (Scrutton 2015; Mullins 2013; Sibthorp & Jostad 2014; Bernardo & Matos 2003).

No que se refere ao grupo do *Outward leaders*, houve dois termos que apresentaram a mesma frequência entre os participantes, o local e o aprendizado (tabela 12). O local, referindo-se ao local onde a expedição se realiza, foi citado como uma das melhores coisas da expedição pela sua beleza e também pela proximidade com o mar. O aprendizado, por seu lado, aparece tanto em relação a conceitos relacionados ao desenvolvimento pessoal, quanto de técnicas, por exemplo, aprendizagem de “*técnica básica de caiaque oceânico*” (Aol3). Nota-se que este grupo, em comparação com os jovens do Desafio OBB, demonstraram ter um interesse em áreas mais técnico na expedição que realizaram.

5.3.2.3 As piores coisas da expedição

No que se refere ao Desafio OBB, e na opinião dos jovens inquiridos, ficar molhado e cansado foram consideradas as piores coisas na expedição (tabela 8). Observa-se que a linha divisória entre coisas boas e menos boas da expedição foi muito ténue, pois o desconforto do qual os jovens se queixaram, por ficar molhado e cansado, era justamente causado pela proximidade com um dos fatores que eles apontam como melhores coisas da expedição, o contato com a natureza.

Por outro lado, são esses tipos de situações que fazem justamente o aluno sair da zona de conforto e geram desafios, fortalecendo os laços entre o grupo, os fazem perceber na prática a

supremacia dos fenômenos naturais, e entender que a natureza não é controlável, sendo preciso muito conhecimento e astúcia para desfrutá-la com segurança. Também a partir de situações como essa, os jovens passam a valorizar mais outros confortos diários que muitas vezes passam despercebidos.

Sobre a relação entre melhores e piores coisas da expedição, destaca-se, pela aparente contradição, o caso do aluno Ad4, que apontou como uma das melhores coisas do Desafio OBB, “*Trabalhar em equipe.*”, mas, como pior coisa da expedição ele revela: “*Lidar com o grupo.*” Como tentativa para elucidar essa circunstância, podemos identificar a pior coisa citada pelo aluno - “*Lidar com o grupo.*” - como uma dificuldade pessoal previamente existente, e identificar a melhor coisa apontada por ele - “*Trabalhar em equipe.*” - como aprendizados ocorridos ao longo da expedição. Para tentar melhor compreender este caso vejamos outras peculiaridades desse mesmo aluno: o Ad4 não tinha facilidade para trabalhar em equipa, atividade essa que é sem dúvida muitas vezes desgastante, mas o mesmo a considera muito importante; durante a expedição ele precisou ajudar outras pessoas e também aprendeu sobre respeito e companheirismo; e o mesmo tem mais autoconfiança depois da viagem. Essas características podem explicar a aparente contradição nas respostas desse aprendiz, evidenciando os aprendizados sofridos pelo mesmo no decorrer do curso, aprendizados que levaram esse aprendiz a um avanço nos campos pessoais e sociais.

Durante a entrevista com a instrutora, a mesma revela alguns casos parecidos que ocorrem em cursos desse tipo:

“Como eu sou nesses lugares, como eu lido com essas questões... tem mais a ver com, com a gente, do que com o espaço em si ou o que eu vivi na experiência fisicamente, vai mais lá para dentro e eu vou-me conhecendo. ...e aí a gente tem depoimento de pais, ou mesmo de professores de alunos que passaram por cursos nossos de como os alunos se transformaram ao longo do tempo em termos de pro-atividade, capacidade de conversar e se colocar, defender o seu ponto de vista, respeitar o próximo...”

Já no caso do grupo *Outward Leaders*, as respostas ficaram em torno de aspetos que podem ser solucionados mais facilmente pela ação humana tal como: a poluição decorrente dos lixos nas praias visitadas pelo grupo, que foi o fator mais frequente entre as respostas (tabela 15).

5.3.2.4 Sugestões e opiniões para futuras expedições

Por fim, o último campo do questionário era de preenchimento livre, para o caso dos indivíduos que sentissem a necessidade de deixar maiores explicações, opiniões, sugestões ou reclamações. Neste campo apenas seis dos nove alunos do Desafio registraram algo, com três

deles dizendo que a expedição tinha sido excelente e que gostariam de poder repetir a experiência.

Neste campo destaca-se o pedido de mais aulas teóricas por um dos alunos. Talvez isso tenha ocorrido dado a diferente de metodologia na educação ao ar livre que, por se tratar de um modelo de educação não formal, dificilmente os aprendizes ficam numa postura de serem apenas ouvintes passivos. Contudo, isso pode indicar algo positivo tanto no aluno como na expedição, uma vez que um dos objetivos da mesma é incentivar os alunos a uma maior criticidade e, ao fazer esse tipo de sugestão, o mesmo demonstra estar interessado em mais conhecimento.

Neste campo houve pouca adesão por parte dos ex-alunos e dos oito participantes apenas um respondeu, sugerindo que a instituição devia repetir o curso mais vezes ao longo do ano e para outros participantes, especificamente os que não conhece os cursos da OBB. Contudo essa é uma ação já realizada pela OBB, com um calendário anual com diferentes expedições e cursos para diferentes grupos ao longo do ano.

5.3.3 Entrevista

No referente à análise e discussão da entrevista, que ocorreu de modo focalizado nos objetivos de nosso trabalho, e onde ao abordar o tópico a respeito das contribuições da expedição para o turismo na natureza o principal fator que aparece na resposta da instrutora é a aproximação dos aprendizes à natureza. *“Aproximação que ocorre através da rotura de preconceitos em relação a esta”* (Instrutora). Na opinião da mesma, a vida nos grandes centros urbanos e todas as consequências que isso acarreta, pode produzir em certos jovens a ideia de que a natureza é um meio perigoso, inóspito, um lugar ao qual não pertencemos e que pode nos receber mal. Nesse contexto, a expedição tem um importante papel na desmistificação desses preconceitos e a inspirar os jovens em pela procura de um contato mais harmónico com a natureza. Esta ideia também se encontra presente no estudo de Martin (2004), onde o autor revela o potencial das atividades ao ar livre como ferramenta educacional para o desenvolvimento das relações entre humanos e natureza.

A entrevistada ainda revelou ter a sensação de que os aprendizes que passam por este modelo de expedição começam a frequentar mais ambientes naturais, apesar de não saber ao certo em que escala isso ocorre e se algum dia essas propensões dos jovens se tornarão hábitos de suas vidas, e se sim, não sabemos em que grau isso se dará. A mesma indica:

“...eu não sei o quanto dessa inspiração, é, vira uma realidade de fato, será que esses meninos que passaram, né, essa molecada começa a ir mais para a natureza por ter passado por uma expedição como essa? Né, a sensação me diz que sim, e a gente acompanha alguns deles e

vê que isso acontece, mas eu não sei ainda em que escala para te dizer a verdade.”

No que se refere ao contato com as comunidades locais, e de acordo com o indicado pela monitora, os participantes neste modelo de expedição têm consciência da prática turística (talvez não nesses termos) e respeitam os locais visitados. Muito disso deve-se provavelmente à grande diferença existente entre o local de residência habitual dos mesmos e a natureza presente no local que visitam. Além disso, refere ainda que ouve com frequência frases como *“Nossa! Como é diferente aqui”* e *“como é interessante viver nesse lugar...”* especialmente quando a expedição se encontra com comunidades locais. Este contexto apresenta situações propícias para o ensino/aprendizado em relação a diversidade cultural e de como devemos respeitar essas diferenças. Também em grupos menores as pessoas tendem a tornam-se mais atentas às diferenças entre elas e o local visitado, tendo mais oportunidade de observar o entorno, podendo dessa forma estabelecer relações com esse, seja por identificação ou distinção, indo ao encontro dos valores do turismo de nicho, que apostam em produtos diferenciadores e autênticos, possibilitando experiências turísticas singulares (Silva 2013).

No tocante à estruturação da expedição, e tratando-se no caso do Desafio de uma expedições com mais de 10 dias, foi planeado um contato mais próximo do grupo expedicionário com as comunidades locais, nomeadamente por meio de trabalho comunitário em algum dos momentos da expedição. Isso é destacado nas palavras da entrevistada, quando menciona que *“... a comunidade nos acolhe, nos recebe... e aí a ideia é que a gente devolva para essa comunidade...”*, exprimindo o conceito de solidariedade, um dos princípios das expedições OBB e um conceito importante dentro da educação ao ar livre, assim como a ideia de cooperação onde o coletivo trabalhará junto em prol de objetivos, conferindo responsabilidades similares para cada indivíduo nos resultados do grupo.

Por exemplo, no caso do grupo em estudo neste trabalho, a tarefa do grupo era ajudar numa horta de uma cooperativa de cerca de 7 famílias. Neste caso os aprendizes contribuíram na colheita do feijão, e se não tivessem atuado, muito provavelmente, e segundo a instrutora, a cooperativa perderia parte da colheita.

Apesar de essa interação ser planeada, e serem realizadas pré-visitas à comunidade pelos organizadores do Desafio, por vezes, como neste caso, o grupo apenas descobre onde irá ajudar a comunidade no momento em que chega à mesma, agindo segundo as necessidades da mesma, revelando o caráter vivo e dinâmico da expedição.

Na opinião da instrutora, além da relação cooperativa e solidária que as expedições da OBB estabelecem com a comunidade local, ao realizar trabalhos voluntários, existe também uma relação económica entre ambos, determinada nos momentos em que algumas expedições da

OBB ficam em *campings* onde pagam pelas estadas e fazem refeições em restaurantes, contribuindo desta forma para a economia local e desenvolvimento turístico da região.

Relativamente aos ganhos pessoais produzidos pelo Desafio OBB, a instrutora é convicta que, esses sim são duradouros nos alunos. E, muitas vezes para que a expedição possa fazer sentido e as lições ensinadas venham a ter significado para o aprendiz, muitos deles precisam de mais tempo que apenas os dias de expedição, ou seja, muitos dos alunos só descobrem sentido nos temas, tópicos e ensinamentos da expedição, tempos depois. É que, quando essa compreensão acontece, seja nos momentos da expedição ou meses depois, os benefícios pessoais advindos dessa compreensão serão sempre lembrados, assim como as experiências lá vividas. Para ela, é uma experiência impactante, onde o aluno convive com diferentes pessoas e fora de seu ambiente habitual, e então, quando a pessoa volta para seu cotidiano, passa a olhar para algumas coisas com diferentes perspectivas. Principalmente, porque o aluno aprende, na expedição, muito sobre si mesmo. Porque, nesses dias em que convive com diferentes pessoas, diferentes lugares, divide coisas, compartilha ideias, toma decisões, etc. cada uma dessas ações faz o aprendiz descobrir-se cada vez mais. Fazendo assim, os aspetos pessoais serem os mais duradouros.

No decorrer da entrevista, surgiram algumas questões relativas as respostas que os jovens participantes no Desafio OBB colocaram no inquérito. Como já mencionado, o último campo do questionário foi destinado para que os aprendizes deixassem suas opiniões, sugestões e reclamações. Entre os jovens que preencheram esse campo, um aluno propõe a realização de fogueiras no decorrer da expedição sem muito impacto ambiental. Após questionada a esse respeito, a instrutora expôs a seguinte consideração onde se revelam muitos dos princípios da educação ao ar livre e do turismo na natureza, assim como ricas situações que decorrem no desenvolver da expedição:

“...nessa expedição em particular a gente acampou a primeira noite no terreno de um Americano que é de descendência indígena... e ele nos acolheu no terreno dele, e ele tinha uma área de fogueira e nos convidou para fazer uma fogueira... Mas de maneira geral é, em campo, nas áreas do parque, nas áreas de natureza mesmo, nós da OBB optamos por não fazer fogueira. É uma questão de, ah de valor e uma compreensão nossa de que a fogueira sim, gera impacto. De que fogo, né?... qualquer vento a mais é sempre um risco, se começar a pegar fogo ali é uma extensão grande que a gente pode danificar, então a gente prefere não fazer... foi muito gostoso, a gente fez uma roda de conversa ele ficou contando histórias para a gente da etnia dele... foi bem legal que a gente teve essa possibilidade...”

No decorrer da entrevista é nítida uma forte ideia de “aprender com cada situação”, uma real ideia de aprendizado e desenvolvimento pessoal que poderá ser atingido por meio de várias habilidades abordadas no decorrer da expedição, como a capacidade de relacionamentos interpessoais, mas também da capacidade de se conhecer melhor, o que poderá ajudar esses aprendizes em suas vidas sociais, no desenvolvimento de suas culturas, entre outras coisas. Sendo que tais aprendizados são provocados por situações decorrentes na expedição, nas palavras da instrutora:

“...de repente você está numa experiência de 10 dias na natureza com 13 pessoas mais 2 instrutores que você nunca viu na vida, num lugar. Ou seja, criar vínculos e criar relações já é difícil no nosso espaço de conforto, quando a gente está sendo colocado em cheque num espaço fora da nossa zona de conforto, criar vínculos e estabelecer relações se torna mais complexo. Você tem que tomar decisão junto, você tem que negociar coisas, você tem que colaborar entre si, divide barraca, divide os espaços. Então, além de você estar se relacionando com a natureza, você está se relacionando com esse grupo e cada coisa dessas vai-te fazendo descobrir coisas a seu respeito...”

5.4 Síntese

A análise de dados e discussão dos resultados revelou que em muitos aspetos as opiniões dos jovens do Desafio OBB vão ao encontro das convicções da maioria dos autores que se dedicam a investigar e discutir a respeito da educação ao ar livre e do turismo na natureza. Mas também revela pontos significantes que poderão contribuir nas tentativas de compreensão de fenómenos que ainda estão a ser debatidos nessas comunidades, como as atuais necessidades desse público.

De um modo geral o grupo de jovens do Desafio OBB apresentou uma opinião mais homogénea em relação a educação ao ar livre e o turismo na natureza que os ex-alunos participantes do *Outward Leaders*. Enquanto os jovens definiram uma posição em relação a essas temáticas, sendo de discordância ou concordância, o grupo de ex-alunos esteve muito mais dividido e em muitos momentos declarando não ter uma opinião concreta formada.

Relativamente ao aprendizado no decorrer das expedições, nota-se que ambos os grupos saem satisfeitos quanto a esse aspeto e na generalidade ambos declaram que durante a expedição aprenderam e desenvolveram habilidades. Contudo enquanto o grupo de jovens manifesta um maior aprendizado e progresso nos campos pessoais e de conceitos, por exemplo, autoconfiança

e aprendizado sobre grupos, os ex-alunos dão ênfase aos aprendizados de ordem técnica, como exemplo, técnicas de preservação ambiental, técnicas de dinâmicas de grupo e técnicas de caiaque oceânico.

O ponto onde os grupos mais divergem de opinião é quanto à identificação de alterações no comportamento em decorrência as vivências com educação ao ar livre. Ao passo que os participantes no Desafio OBB apresentam uma posição muito positiva frente a todos os itens pesquisados a sugerir mudanças e manutenções benéficas, de acordo com princípios sustentáveis, em suas atitudes e comportamentos. Na expedição *Outward Leaders* surge indivíduos que demonstraram ainda não saber que posição assumir frente aos itens pesquisados, tendo sido enquadrados numa categoria chamada “Processo de assimilação”, por entendermos que tais participantes necessitam de mais tempo para assimilar os conteúdos e assumir uma posição frente às questões abordadas. Outros, ainda demonstram mudar de uma posição benéfica para uma posição menos boa, após os aprendizados com a expedição de educação ao ar livre. Em todo caso, é preciso ter cautela a respeito destas intenções de mudança e manutenção de comportamento, pois não sabemos se algum dia elas realmente se tornarão hábitos na vida dessas pessoas, e se sim, não sabemos em que grau isso ocorrerá.

Como último objetivo específico analisado, a predisposição para a prática do turismo na natureza e atividades ao ar livre, os grupos pesquisados, genericamente, compartilham da mesma posição, que após as vivências com educação ao ar livre, pretendem criar o hábito de realizar atividades junto à natureza. No grupo de jovens, isso fica ainda mais nítido quando observamos as razões pelas quais participaram da expedição, as melhores coisas da expedição e suas sugestões/opiniões, percebendo que o Desafio OBB atingiu um nível de satisfação muito elevado entre esses jovens. É muito possível que esses jovens busquem novamente experiências parecidas de contato com a natureza, também porque, como salientou a instrutora, essa expedição ajuda os jovens a entender melhor esses ambientes, pois, lá as atividades não ficam apenas em ter um mero contato com a natureza, mas passam também pela desmistificação da mesma, do planejar para se estar na natureza, criação de respeito por ela e do ensino/aprendizagem de viver e conviver em espaços naturais de pouca influência antrópica.

No tocante aos contributos da educação ao ar livre para o turismo na natureza nos diferentes aspetos, ambiental, social, cultural e económico. Podemos dizer que em resultados da educação ao ar livre, nos moldes como foi investigada, acarreta contribuições para o turismo na natureza nessas quatro vertentes.

Ambientalmente, principalmente pela conscientização dos participantes, pelo ensino de tópicos e técnicas envolvendo a preservação ambiental. Social e culturalmente a expedição mostrou-se muito rica, dando a oportunidade de importantes trocas no âmbito particular e coletivo, envolvendo os participantes, instrutores e comunidades visitadas, possibilitando a todos oportunidade de crescimento pessoal e trocas culturais. E economicamente, acreditamos que a

maior contribuição seja no âmbito conceptual, onde os participantes têm ensinamentos e tomam atitudes no decorrer da expedição que os fazem perceber melhor a dinâmica da economia relacionando-a com a qualidade de vida e bem-estar. Porém, há, ainda, uma linha mais mercadológica que traz certas vantagens para o turismo na natureza, como trocas financeiras entre turistas, agentes e comunidades.

Por fim, a opinião dos jovens participantes no Desafio OBB é otimista e confiante no que concerne a educação ao ar livre no formato de expedições. E vimos que a educação ao ar livre pode contribuir de modo exemplar para o desenvolvimento do turismo na natureza principalmente quando contribui para o desenvolvimento pessoal dos envolvidos.

6 CONCLUSÃO

6.1 Resposta à problemática

Tal como indicado no primeiro capítulo, este estudo procurou explorar as relações entre os campos da educação ao ar livre e do turismo na natureza, dentro das condições de um estudo de caso, procurando verificar quais os principais contributos da educação ao ar livre para a prática dessa tipologia de turismo.

Através deste trabalho, e de acordo com o caso estudado, foi possível constatar que a expedição de educação ao ar livre contribuiu para a prática do turismo na natureza, no que se refere especificamente ao momento da expedição, mas também indica incentivar a vivência de momentos futuros, em múltiplas direções e com diferentes intensidades.

O primeiro objetivo específico era analisar a opinião do aprendiz em relação à educação ao ar livre e ao turismo na natureza, baseado no processo educacional pelo qual passou. Esta análise ajudou-nos a perceber que, no caso do grupo inquirido, a educação ao ar livre oferecida foi diretamente ao encontro das suas necessidades e dos seus interesses, resultando numa eminente satisfação do grupo, de um modo abrangente, em relação à expedição. Além disso, demonstraram também uma opinião positiva no tocante aos benefícios e ganhos globais que a expedição produziu neles próprios. No tocante aos aspetos ambientais, na opinião dos aprendizes, a expedição de educação ao ar livre contribuiu para a prática do turismo na natureza, auxiliando na preservação do meio e contribuindo para um melhor conhecimento do mesmo. Os inquiridos apontaram que o próprio meio é muito importante no desenvolvimento da expedição, levando-os a considerar que a educação ao ar livre e o turismo na natureza são fenómenos que se complementam. Contudo, verificou-se também, que a temática associada aos impactos naturais gerados pela educação ao ar livre é ainda pouco clara para os aprendizes, tanto os jovens como os ex-alunos, uma vez que os mesmos apresentaram uma opinião dispersa em relação a esse ponto.

No que concerne às expressões culturais e sociais, a opinião dos inquiridos é de que a expedição lhes proporcionou um ambiente de grande riqueza cultural, onde tiveram contato com diferentes parâmetros culturais e sociais, proporcionando-lhes progressos relativamente aos seus próprios padrões de vida, modo de entender e fazer as coisas, e crescimento nos campos da moral e ética. A expedição de educação ao ar livre também pôs em prática relações do grupo expedicionário com a comunidade de acolhimento, que na visão dos jovens não sofreu perturbações geradas pela atividade turística do grupo. A sustentabilidade dessa interação é

reforçada por existirem vários momentos durante o Desafio OBB, que aproximaram os expedicionários e a comunidade local num sentido de cooperação, respeito e aprendizagem.

Apesar de uma grande divergência na opinião dos aprendizes relativamente às questões económicas, pudemos perceber do indicado que houve interação monetária entre expedição e comunidade local. Embora, e de acordo com os resultados do inquérito, acreditamos que a maior contribuição da educação ao ar livre para a prática do turismo na natureza, na vertente económica, seja no âmbito conceitual. Com as expedições de educação ao ar livre pode-se ensinar ao aprendiz as relações entre recursos, quantias, heranças, valores, etc. e a partir daí, haver uma melhor compreensão do sistema social e económico do qual fazemos parte. Na opinião dos jovens inquiridos, eles são responsáveis pelos locais que visitam e, igualmente pensam, que a expedição pode influenciar tais locais.

De um modo geral a opinião desses jovens indica que a educação ao ar livre, no formato de expedições, lhes proporcionou aprendizagens fundamentais na sua formação enquanto pessoa consciente das suas responsabilidades, direitos e deveres. Desta forma, estarão muito mais próximo de se tornarem turistas responsáveis, influenciando positiva e significativamente a qualidade do turismo na natureza.

O segundo objetivo específico era verificar o ensino/aprendizagem de conceitos e técnicas que beneficiem a prática do turismo na natureza. No que se refere aos aspetos ambientais pudemos verificar que os alunos tiveram ensinamentos na área da geografia, biologia e técnicas de preservação da natureza, o que pode conduzir a um contributo direto para o turismo na natureza e para a qualidade das visitas que esses jovens realizarem no decorrer de suas vidas. Daqui, podemos deduzir que, apesar da educação ambiental não ser a primeira meta deste modelo de educação ao ar livre, ela esteve fortemente presente.

Verificou-se também que os aprendizes tiveram contato com noções sobre a importância de se conhecer novos hábitos e culturas incentivando-os a buscar experiências que lhes possam proporcionar esse tipo de troca e desenvolveram habilidades de cooperação, trabalho em equipa e liderança. Situações estas, que contribuem para a construção e melhoria de atitudes culturais e sociais nos jovens.

Acerca da aprendizagem na esfera económica, os jovens tiveram contato com ensinamentos práticos que os fizeram perceber que as suas qualidades de vida não dependem diretamente da quantidade de recursos materiais disponíveis, mas sim, em saber utilizar bem os que se possui.

Como terceiro objetivo específico estipulámos identificar possíveis alterações comportamentais e de atitude no aprendiz em resultado de ações de educação ao ar livre. No grupo dos jovens inquiridos pudemos identificar a pretensão de aperfeiçoamento de suas atitudes e comportamentos frente a variadas questões ensinadas e debatidas durante a expedição nomeadamente a independência, autoestima, questões de cunho ambiental, de realização de

atividade na natureza, sobre o conhecimento e respeito para com as comunidades de acolhimento. Nesta questão destaca-se o fato dos aprendizes indicarem que pretendem aplicar, no seu cotidiano, conhecimentos adquiridos durante a expedição, e que tencionam fazer de alguns ações que realizaram na expedição hábitos de suas vidas, expondo uma intenção de mudança de atitude e comportamento.

Como último objetivo específico, procuramos averiguar alteração na predisposição para a prática de turismo na natureza após ações de educação ao ar livre. Consoante as respostas dos inquiridos em seguida a viagem para o Desafio OBB, os resultados levam-nos a concluir que houve um estímulo gerado pela intervenção da expedição de educação ao ar livre onde se verificou um aumento na predisposição para a prática do turismo na natureza tanto no grupo de jovens como de ex-alunos. Este resultado poderá indicar muitos benéficos para o turismo na natureza, tendo em vista que os alunos mostraram uma forte intenção em praticar mais atividades na natureza. Além disso, a predisposição desses jovens em praticar o turismo na natureza vem acompanhada de uma consciência responsável sobre como utilizar esses momentos, ou seja, a expedição despertou neles uma visão crítica a respeito de muitas questões de cunho ambiental, social, cultural e económico, diretamente relacionadas ao desenvolvimento pessoal e social, e ao turismo responsável.

Neste estudo de caso, procurou-se também conhecer quais eram as motivações, anseios e necessidades dos aprendizes. Nesta área, e de acordo com o grupo inquirido, devemos destacar que as principais motivações para participar numa expedição de educação ao ar livre se prendem com a busca pelo contato com a natureza, pelo desenvolvimento pessoal e pela aventura. Notando, pelas análises subjetivas das opiniões dos aprendizes, pelas ideias e pareceres da instrutora e de outros autores que essas são carências não somente do grupo pesquisado, mas também de um público mais abrangente, onde a possível causa de tais necessidades está na escassez de atividades que combinem e promovam tais experiências tão bem como faz a educação ao ar livre.

Percebe-se ainda que, para além da satisfação por sanar as necessidades que apontaram, os aprendizes tiveram o contentamento advindo do convívio com outras pessoas e por saírem das suas zonas de conforto.

Quanto ao “sair da zona de conforto” esse é um fator que está intimamente ligado ao desafio e aventura, o que, apesar de ter riscos associados, pode trazer-nos recompensas ainda maiores quando nos engajamos neles. Sabemos que não é fácil romper a inércia que nos mantém em nossa zona de conforto, entretanto, ao fazer isso sentiremos algum incómodo inicial (como por exemplo ficar molhado devido as chuvas frequentes – apontado pelos jovens como a pior coisa da expedição) mas, até isso poderá vir a fazer parte da nossa zona de conforto se aprendermos nos adaptarmos, ou habituarmos, a tais situações. Consequentemente, ao sairmos de nossa zona de conforto, teremos uma recompensa, seja ganhar um novo ponto de vista, uma quebra

de paradigma até a melhoria de alguma capacidade física ou técnica, uma amizade, entre muitos outros benefícios. No caso desses jovens, a recompensa parece ter sido a aprendizagem decorrentes dos dias de expedição.

Percebe-se ainda que toda a expedição foi recebida de forma gentil e acolhedora pelas comunidades visitadas, revelando o caráter hospitaleiro da região, no entanto, também isso poderá ser resultado do trabalho que é realizado pelos instrutores e pela OBB nos ensinamentos relativos às relações interpessoais e grupais, trabalho em equipa, respeito pelas diferenças, convivência harmoniosa, ética, entre outros, que podem promover uma conscientização no tocante à importância dos “outros” nas nossas vidas.

Grande parte das premissas de base do desenvolvimento deste estudo foi suportada pela revisão bibliográfica e confirmada pela investigação empírica, a saber: a educação ao ar livre pode contribuir de modo positivo para o desenvolvimento sustentável do turismo na natureza, sobretudo pela conscientização de atitudes ambientalmente corretas, pelo incentivo das diversas atividades ao ar livre e de contato com a natureza, pela formação de pessoas com responsabilidade social, ambiental, cultural e económica, e pela experiência positiva que a mesma deixa em seus aprendizes como atividade educacional e turística.

6.2 Limitações do estudo e futuras investigações

A principal limitação que identificamos neste estudo diz respeito à impossibilidade de encontrar uma entidade com expedições no género da estudada que se localizasse num território mais próximo daquele onde o mestrando se encontra. Devido à distância (entre Portugal e Brasil), não se tornou possível um acompanhamento mais próximo, não permitindo um outro tipo de análise e algumas considerações resultantes da observação direta.

Outra limitação identificada tem a ver com o reduzido número de inquiridos, uma vez que as expedições da OBB seguem um calendário bem específico, não tendo uma grande frequência durante o ano, e não havendo um grande número de participantes, especialmente pela própria proposta de modelo educacional e de turismo de nicho. Dessa forma o número de respondentes foi escasso, mas apesar disso acreditamos que a amostra é representativa e de qualidade para o modelo de expedição que pretendíamos investigar.

Outra limitação que reconhecemos neste trabalho é o fato de não podermos saber se as intenções para a prática do turismo responsável e de atividades na natureza, apontadas pelos jovens, se irão concretizar. No entanto, isto faz surgir, e a partir deste ponto, a oportunidade para futuros estudos que procurem investigar as atitudes de pessoas que já tiveram contato com a

educação ao ar livre, na tentativa de se verificar se as intenções geradas por esse modelo educacional se concretizam em ações.

Esperamos ainda que esta investigação sirva de incentivo e apoio a trabalhos futuros, onde outros temas interessantes podem ser abordados como: pesquisas da opinião dos *stakeholders* em relação aos contributos da educação ao ar livre para o turismo na natureza; estudos que utilizem uma metodologia de observação direta dos aprendizes/turistas; os impactos causados por outras formas de turismo na mesma localidade onde se dá as expedições de educação ao ar livre; investigar os impactos ambientais, sociais, culturas e económicos gerados pelas expedições de educação ao ar livre nas comunidades locais; e por último, mas não menos interessante, uma investigação longitudinal em alunos que passaram por intervenções de educação ao ar livre.

6.3 Considerações finais

Sentimos ter desenvolvido aqui um trabalho que ampliará os horizontes dos temas abordados dentro da educação ao ar livre. Esperamos que o mesmo cumpra o papel de auxiliar no desenvolvimento turístico de regiões similares à estudada e contribua para o crescimento da educação ao ar livre em regiões onde o seu desenvolvimento ainda é precário, como no país estudado.

Apesar de considerarmos a educação ao ar livre e o turismo na natureza áreas distintas, procurámos neste trabalho esclarecer os pontos que ligam as mesmas e como uma pode colaborar com a outra. Um dos principais vínculos existentes entre estes dois campos é a partilha pela mesma envolvente: o meio natural. A educação ao ar livre faz uso dos recursos naturais e das infraestruturas que são a base do turismo na natureza, reciprocamente, a educação ao ar livre gera em seus educandos o incentivo à prática de atividades na natureza, e a conscientização ambiental e turística, ao mesmo tempo que dinamiza a economia. Contudo, devemos aqui referir nesta conclusão que o turismo pode acontecer de modo que o seu objetivo final não seja o lucro e a geração de receita, mas tendo por finalidade o conhecimento de novos lugares, a troca de experiências, a perceção de diferentes modos de vida, a expansão da zona de conforto, o aprendizado, e tantas outras motivações. Ainda assim, isto não significa que não dinamize a economia, pois isso seria algo insustentável, justamente o oposto do que queremos construir.

Por último, de salientar, que as atividades ao ar livre, tanto no campo educativo quanto no turístico, carecem de mais investigações e pesquisa continuada para que sejamos capazes de construir bons conhecimentos e gerar benefícios a partir disso.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, MJP 2003, "Turismo, cultura y medio ambiente", *PASOS - Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, vol. 1, no. 2, pp. 145 – 153.
- Baden-Powell, R 1933, *Lessons from the 'Varsity of life*, C. Arthur Pearson Ltd, Londres.
- Baden-Powell, R 1929, *Scouting and youth movements*, Ernest Benn Limited, Londres.
- Baden-Powell, R 1908, *Scouting For Boys*, Oxford University Press, Oxford.
- Barretto, M 2005, *Planejamento responsável do turismo*, Papirus, Campinas.
- Barros, MIAD 2003, *Caracterização da visitação, dos visitantes e avaliação dos impactos ecológicos e recreativos do planalto do parque nacional do Itatiaia*, Tese de Mestrado, Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11150/tde-23092003-140646/publico/maria.pdf> (28 junho 2016).
- Bauman, Z 2007, *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*, Zahar, Rio de Janeiro.
- Beni, MC 1990, "Sistema de Turismo – SISTUR Estudo do Turismo face à Moderna Teoria de Sistemas", *Revista Turismo em Análise*, vol. 1, no. 1, pp. 15 – 34.
- Bernardo, R & Matos, M 2003, "Desporto aventura e auto-estima nos adolescentes, em meio escolar", *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, vol. 3, no. 1, pp.33–46. Disponível em: http://www.fade.up.pt/rpcd/_arquivo/artigos_soltos/vol.3_nr.1/1.4.investigacao.pdf (28 junho 2016).
- Betrán, AO & Betrán, JO 1999, "Las actividades físicas de aventura en la naturaleza . Estudio de la oferta y la demanda en el sector empresarial", *apunts: educación física y deportes*, no. 57, pp. 86–94.
- Bilro, MHT 2015, *As atividades educativas de exploração na natureza no desenvolvimento de competências pessoais e sociais nos jovens e na promoção do turismo na natureza responsável*, Tese de Mestrado, Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.
- Cooley, SJ, Holland, MJG, Cumming, J, Novakovic, EG, Buns VE 2014, "Introducing the use of a semi-structured video diary room to investigate students' learning experiences during an outdoor adventure education groupwork skills course", *Higher Education*, vol. 67, no. , pp. 105 - 121. Disponível em: 10.1007/s10734-013-9645-5. (28 junho 2016).
- Cooley, SJ, Burns, VE & Cumming, J 2015, "The Role of Outdoor Adventure Education in Facilitating Groupwork in Higher Education", *Higher Education*, vol. 69, no. 4, pp. 567 - 582. Disponível em: 10.1007/s10734-014-9791-4. (28 junho 2016).
- Coriolano, LNMT 2003, "Os limites do desenvolvimento e do turismo", *PASOS - Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, vol. 1, no. 2, pp. 161–171.
- Cosgriff, M 2011, "Learning from leisure: Developing nature connectedness in outdoor education", *Asia-Pacific journal of health, sport and pysical education*, vol. 2, no. 1, pp. 51 - 66.
- Dias, R 2003, *Turismo Sustentável e Meio Ambiente*, Editora Atlas, Brasil.
- Dillon, J, Rickinson, M, Teamey, K, Morris, M, Choi, MY, Sanders, D, Benefield, P 2006, "The value of outdoor learning: evidence from research in the UK and elsewhere", *School Science Review*, vol. 7, no. 320, pp.107–112.
- Enoiu, R, Moldovan, E, Enoi, RS, Cioroiu, SG 2010, "Experiential outdoor learning by

- educational tourism and ecological activities", *World Scientific and Engineering Academy and Society - International Conference on Educational Technologies (EDUTE '10)*, Tunisia, pp. 129 - 133.
- Fernandes, MFG 2002, "A Epistemologia da Economia Teórica em Schumpeter", *Revista de Economia Política*, vol. 22, no. 1, pp. 109 - 130.
- Ferreira, G 1998, "Environmental Education through Hiking: a qualitative investigation", *Environmental Education Research*, vol. 4, no. 2, pp.177–185.
- Fochezatto, A & Conceição, GHD 2012. "A proposta da educação problematizadora no pensamento de Paulo Freire", *IX ANPED Sul - Seminário de pesquisa em educação da região sul*, Caxias do Sul, pp. 1 - 12.
- Fonseca, JJS 2002, *Metodologia da Pesquisa Científica*, Apostila, Universidade Estadual do Ceará. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>. (01 julho 2016).
- Ford, P, 1986, *Outdoor Education: Definition and Philosophy*, Educational Resources Information Center - ERIC, Novo Mexico.
- Fortunato, RA 2009, "Representação social da educação ambiental e sua contribuição ao turismo", *Revista Brasileira de Ecoturismo*, vol. 2, no. 2, pp. 160 – 187.
- Freitas, LBDL 2002, "Piaget e a Consciência Moral: Um Kantismo Evolutivo?", *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol. 15, no. 2, pp. 303 – 308.
- Gadotti, M 2008, "Educar para a sustentabilidade", *Inclusão Social*, vol. 3, no. 1, pp. 75 - 78.
- Garcia, MO 2010, "Turismo masivo y alternativo. Distinciones de la sociedad moderna/posmoderna", *Convergencia - Revista de Ciencias Sociales*, vol. 17, no. 52, pp. 235 – 260.
- Gavinho, EMCC 2010, *Projecto ECOBIKE TRAIL na Serra da Estrela: O turismo alternativo na redução da sazonalidade*, Tese de Mestrado, Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.
- Gerhardt, TE & Silveira, DT 2009, *Métodos de Pesquisa*, UFRS, Rio Grande do Sul.
- Gunther, H 2006, "Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?" *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 22, no. 2, pp. 201 - 209.
- Ibarra, JG 2006, "La evolución del turismo rural en España y las nuevas oportunidades del turismo de naturaleza", *Estudios Turísticos - SGT*, no. 170, pp. 85 – 102.
- IBGE 2015, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Home page, 05 julho 2016.
- IEF 2009, Governo do Estado de Minas Gerais: *Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Papagaio*. Disponível em: http://www.ief.mg.gov.br/images/stories/Plano_de_Manejo/serra_papagaio/encarte%20i.pdf. (29 junho 2016).
- Junior, CH & Vaz, AF 2012, "A educação corporal em Baden-Powell: O movimento escoteiro contra o intelectualismo escolar". *HISTEDBR*, Disponível em: <http://ojs.fe.unicamp.br/ged/histedbr/article/view/4212>. (29 junho 2016).
- Kunreuther, FT 2011, *Educação ao ar livre pela aventura: O papel da experiência e o aprendizado de valores morais em expedições à natureza*, Tese de Mestrado, Escola de Educação Física e Esporte - USP.
- Kunreuther, FT & Ferraz, OL 2012, "Educação ao ar livre pela aventura: o aprendizado de valores morais em expedições à natureza", *Educação e Pesquisa*, vol. 38, no. 2, pp. 437 - 452.

- Liepina, I & Krauksta, D 2014, "Students' attitude to and motivation for outdoor life" *Baltic journal of health and physical activity*, vol. 6, no. 4, pp. 314 - 321.
- Lima, DMCHD 2005, *Percurso Pedestre Interpretativo Minas do Borrageiro-Lagoa do Marinho*, Tese de Mestrado, Faculdade de Ciências - Universidade do Porto.
- Marinho, A., 2005, "Atividades na natureza, lazer e educação ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades", *Motrivivência: Revista de Educação Física, Esporte e Lazer*, vol. 22, pp. 47 - 70. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/download/1184/1919>. (29 junho 2016).
- Martin, P 2004, "Outdoor adventure in promoting relationships with nature", *Australian Journal of Outdoor Education*, vol. 8, no. 1, pp. 20 - 28.
- Martins, EC 2001, "Um dos reptos do milénio: a educação para o turismo", *aprender*. Disponível em: <https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/1341/1/Aprender%202001%20-%20Um%20dos%20reptos.pdf>. (29 junho 2016).
- McKenzie, MD 2000, "How are adventure education program outcomes achieved?: A review of the literature", *Australian Journal of Outdoor Education*, vol. 5, no. 1, pp. 19 - 28.
- Minayo, MCS 2001, *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*, Editora Vozes, Petrópolis.
- Moreira, CER & Munck, L 2010, "Estilos de aprendizagem versus treinamento vivencial ao ar livre", *Revista administração UFSM*, vol. 3, no. 1, pp. 9 - 25.
- Mullins, PM 2014, "Conceptualizing skill within a participatory ecological approach to outdoor adventure", *Journal of experiential education*, vol. 37, no. 4, pp. 320 - 334.
- Neto, CMF, Fonseca, EM & Silva, SDCME 2006, "Educação ao ar livre: um estudo sobre as contribuições da educação experiencial ao ar livre para o processo de educação ambiental", *Dialogando no Turismo*, vol. 2, no. 1, pp. 63 - 72. Disponível em: <http://www.rosana.unesp.br/Home/graduacao/turismo4761/revistadiologandonoturismo5272/v1n2a5.pdf>. (29 junho 2016).
- Netto, AP 2007, "Filosofía del Turismo: Una propuesta epistemológica", *Estudios y Perspectivas en Turismo*, vol. 16, pp. 389 - 402.
- Nunes, PAC 2010, *O turismo de natureza como pólo de atração turística complementar ao produto sol & mar na sub-região do litoral alentejano*, Tese de Doutorado, Faculdade de Motricidade Humana - UTL.
- OBB 2016, Outward Bound Brasil Home page, 05 julho 2016.
- Oliveira, FRD 1998, "Montanhismo e educação", *Biblioteca On-line Outward Bound Brasil*. Disponível em: <http://www.obb.org.br/wp-content/uploads/2011/03/Montanhismo-e-Educacao.pdf>. (29 junho 2016).
- Pinheiro, MC, Pinto, R, Albuquerque, A & Pereira, A 2013, "‘‘Outra vez, professor?’’ percepções de alunos em relação à Educação Física", *Motrivivência*, vol. 25, no. 40, pp. 90 - 105.
- Pino, A 2010, "A criança e seu meio: Contribuição de Vigotski ao desenvolvimento da criança e à sua educação", *Psicologia USP*, vol. 21, no. 4, pp. 741 - 756.
- Quivy, R & Campenhoudt, LV 1998, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Gradiva, Lisboa.
- Ritchie, BW 2003, *Managing educational tourism*, Channel View Publications, Clevedon.
- Rodrigues, C & Junior, LG 2009, "Ecomotricidade: sinergia entre educação ambiental, motricidade humana e pedagogia dialógica", *Motriz*, vol. 15, no. 4, pp. 987 - 995.
- Rosa, PF & Carvalhinho, LAD 2012, "A educação ambiental e o desporto na natureza: Uma reflexão crítica sobre os novos paradigmas da educação ambiental e o potencial do


- desporto como metodologia de ensino", *Movimento*, vol. 18, no. 3, pp. 259 - 280.
- Sandell, K & Öhman, J 2010, "Educational potentials of encounters with nature: reflections from a Swedish outdoor perspective", *Environmental Education Research*, vol. 16, no. 1, pp. 113 - 132.
- Scrutton, RA 2015, "Outdoor adventure education for children in Scotland: quantifying the benefits", *Journal of Adventure Education and Outdoor Learning*, vol. 15, no. 2, pp. 123 - 137.
- SEER 2000, California Department of Education: *The effects of environment-based education on student achievement*. Disponível em: <http://www.seer.org/pages/research/CSAP2000.pdf>. (29 junho 2016).
- Seniciato, T & Cavassan, O 2004, "Aulas de campo em ambientes naturais e aprendizagem em Ciências - um estudo com alunos do Ensino Fundamental", *Ciência & Educação*, vol. 10, no. 1, pp. 133 - 147.
- Sibthorp, J & Jostad, J 2014, "The social system in outdoor adventure education programs", *Journal of experiential education*, vol. 37, no. 1, pp. 60 - 74.
- Silva, FADSD 2013, *Turismo na natureza como base do desenvolvimento turístico responsável nos Açores*, Tese de Doutorado, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território - UL.
- Silva, MFGD 2002, "A epistemologia da economia teórica em Schumpeter", *Revista de Economia Política*, vol. 22, no. 1, pp. 109 - 130.
- Simpson, M 2009, *Compreender Rousseau*, Editora Vozes, Brasil.
- Siqueira, LFD 2004, "Trilhas interpretativas: uma vertente responsável do (eco) turismo", *Caderno Virtual de Turismo*, vol. 4, no. 4, pp. 79 -87. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php?journal=caderno&page=article&op=view&path%5B%5D=72&path%5B%5D=67>. (29 junho 2016).
- Swarbrooke, J, Beard, C, Leckie, S & Pomfret, G 2003, *Turismo de Aventura: conceitos e estudos de caso*, Campus, Brasil.
- Tomaz, C & Giugliano, LG 1997, "A razão das emoções: um ensaio sobre 'O erro de Descartes'", *Estudos de Psicologia*, vol. 2, no. 2, pp. 407 - 411.
- Tomik, R & Mynarski, W 2009, "School tourism and physical education in natural settings based on the principles and practices of outdoor education", *Studies in physical culture and tourism*, vol. 16, no. 4, pp. 421 - 430.
- Veal, AJ 2006, *Research Methods for Leisure and Tourism*, Pearson Education Limited, Sydney.

LEGISLAÇÃO

- Decreto nº 39.793, de 5 de Agosto de 1998, *Minas Gerais Diário do Executivo*. Disponível em: <http://www.paas.uff.br/legisla/39793%20de%2098%20.pdf>. (14 outubro 2016).
- Decreto nº 43.321, de 08 de maio de 2003, *Minas Gerais Diário do Executivo*, p. 5, col. 2. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=DEC&num=43321&comp=&ano=2003>. (14 outubro 2016).

ANEXOS

Anexo A – Questionário



Questionário - Mestrado em Turismo

1

Este questionário é parte integrante de uma dissertação do mestrado em Planeamento e Gestão em Turismo de Natureza e Aventura da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril e destina-se a ser respondido pelos alunos de expedições de educação ao ar livre, após a sua realização. Este questionário tem por objetivo verificar a opinião destes em relação a esta metodologia de ensino e a sua finalidade é apenas de carácter científico. Todas as informações recolhidas são estritamente confidenciais. Antecipadamente, agradecemos vossa colaboração.

Classifique de 1 à 5 cada afirmação abaixo, assinalando com um “X” o valor correspondente com sua opinião. Considere: 1- Discordo totalmente; 2- Discordo; 3- Não discordo nem concordo; 4- Concordo e 5- Concordo totalmente.

1. Classifique as afirmações quanto a sua opinião em relação a expedição e a educação ao ar livre:

	1	2	3	4	5
Q2-1.1.1 As expedições ajudam na preservação da natureza.					
Q1-1.1.2 A natureza é importante no desenvolvimento da expedição.					
Q3-1.1.3 As expedições degradam o meio ambiente.					
Q5-1.2.1 Durante a expedição temos contato com diferentes culturas.					
Q4-1.2.2 Na expedição tive contato com costumes diferentes dos meus.					
Q6-1.3.1 A expedição ensina sobre respeito e companheirismo.					
Q7-1.3.2 Após uma viagem dessas a pessoa ganha mais autonomia.					
Q8-1.3.3 A expedição era mal vista pelos residentes locais.					
Q9-1.4.1 Gasta-se muito dinheiro para se realizar uma expedição como essa.					
Q10-1.4.2 A educação ao ar livre é acessível financeiramente para grande parte dos brasileiros.					
Q11-1.4.3 Na expedição compramos equipamentos, presentes ou comida nas comunidades locais					
Q12-1.4.4 Penso que também somos responsáveis pelos lugares que visitamos.					
Q13-1.4.5 As expedições influenciam os locais pelos quais passa.					

2. Classifique as afirmações quanto a seus aprendizados na expedição:

	1	2	3	4	5
Q14-2.1.1 Aprendi técnicas para preservar a natureza.					
Q15-2.1.2 Aprendi sobre geografia e biologia.					
Q16-2.1.3 Passeios e viagens na natureza podem causar impactos negativos.					
Q17-2.2.1 Aprendi costumes diferentes dos meus.					
Q18-2.2.2 Conhecer novos hábitos é importante.					
Q19-2.3.1 Precisei ajudar outras pessoas.					
Q20-2.3.2 Tive a oportunidade para mostrar o meu modo de fazer as coisas.					
Q21-2.3.3 O trabalho em <u>equipe</u> é importante.					
Q22-2.4.1 Qualidade de vida não depende diretamente da quantidade de recursos materiais disponíveis.					
Q23-2.4.2 Carregávamos somente o necessário.					
Q24-2.4.3 Os recursos naturais são limitados.					

3.1 Classifique as afirmações quanto aos seus hábitos antes da expedição:

	1	2	3	4	5
Q25-3.1.1.1 Eu sempre me preocupei com as questões ambientais.					
Q26-3.1.1.2 Eu já tinha o hábito de realizar atividades na natureza.					
Q29-3.1.2.1 Eu sempre procurei pesquisar sobre o local para onde viajo.					
Q30-3.1.2.2 Eu tinha barreiras para expor minha opinião.					
Q33-3.1.3.1 Eu sempre me preocupei com o <u>bem estar</u> dos outros.					
Q34-3.1.3.2 Eu sempre tive facilidade em trabalhar em grupo.					
Q38-3.1.4.1 Sou uma pessoa muito consumista.					
Q39-3.1.4.2 Nos meus tempos de lazer sempre realizei viagens e excursões junta a natureza.					

3.2 Classifique as afirmações quanto aos seus hábitos depois da expedição:

	1	2	3	4	5
Q27-3.2.1.1 Agora estou mais atento às questões ambientais.					
Q28-3.2.1.2 Pretendo criar o hábito de realizar atividades na natureza.					
Q31-3.2.2.1 Pretendo conhecer mais os locais para onde pretendo viajar.					
Q32-3.2.2.2 Depois da expedição tenho mais autoconfiança.					
Q35-3.2.3.1 É importante o desenvolvimento das comunidades locais que visitamos.					
Q36-3.2.3.2 Durante a expedição ganhei habilidades que levarei para a vida cotidiana.					
Q37-3.2.3.3 A partir de agora pretendo criar alguns hábitos que aprendi na expedição					
Q40-3.2.4.1 Pretendo adquirir alguns equipamentos necessários para a prática de atividades na natureza					

Qual sua idade? _____

Sou: Homem ☐ Mulher ☐

Nacionalidade: _____

Estudo em escola: Pública ☐ Privada ☐ Não estudo ☐

Já realizou atividades desse tipo anteriormente? Sim ☐ Não ☐

Por quais razões veio participar dessa expedição? _____

Quais foram as melhores coisas na expedição? Cite pelo menos uma: _____

Quais foram as piores coisas na expedição? Cite pelo menos uma: _____

Se você tem alguma sugestão ou opinião, por favor, escreva: _____

Obrigado!

Anexo B - Mapa utilizado para a navegação da expedição⁶ - Fonte: OBB 2016.



⁶ Os traços vermelhos indicam a rota utilizada pela expedição.

Anexo C – Transcrição da entrevista

Entrevista com instrutora do Desafio OBB 2016

Legenda de sinais:	
(x)	Pausa
(xx)	Pausa longa
::	Prolongamento da palavra
Letras Maiúsculas	Ênfase na fala
Letras em Negrito	Falas do pesquisador
Letras normais	Falas da entrevistada

Pesquisador (P): - Eu tenho que avisar que eu vou gravar essa chamada. Tudo bem?

Entrevistada (E): - Tudo bem, sem problema.

P - Você pensa que as expedições de educação ao ar livre podem contribuir para turismo na natureza? Ou seja, que as expedições, podemos até tomar como referência o caso do Desafio... Se executar uma expedição como aquela auxilia no turismo na natureza, qual é o seu ponto de vista a respeito disso?

E - Ã::h. Eu(+), eu não sei se eu tenho uma opinião super formada (+). Mas a sensação que eu tenho, é que de alguma forma fazer uma expedição nesse modelo, é::, desmistifica que a natureza é um lugar perigoso, é um lugar do qual a gente não faz parte, que é um lugar â:: inóspito, que não nos recebe bem, â::.. Então, se a gente partir do princípio que às vezes as pessoas ficam com um certo receio de fazer um turismo na natureza por conta, â::, dessas sensações, eu acho que SIM, né. De alguma form::a, fazer experiências como essa, né, que são cuidadas, que tem instrutores que estão aptos à te dar toda uma estrutura e a te ensinar como estar nesse espaço natural, â::.. Eu acho que isso no mínimo te inspira.

Agora, eu não sei o quanto dessa inspiração::o, é::, vira uma realidade de fato, será que esses meninos que passaram, né, essa molecada começa a ir mais para a natureza por ter passado por uma expedição como essa? Né(+), a sensação me diz que sim, e::, a gente acompanha alguns deles e vê que isso acontece, mas eu não sei ainda em que escala para te dizer a verdade.

P - Legal, é::, é um pouco da sensação que eu tenho também. Mas acho que a coisa mais difícil é saber se isso torna-se realidade ou não mais para frente, né...

E - É, porque, é isso né. Essa galera às vezes vivem nos grandes centros e:: ai é uma questão para além do estar na natureza, do se planejar para estar na natureza, né. E aí você tem qu::e, enfim, se deslocar e tal, não sei quanto a galera está disposta. A gente está num lugar de muit::o, em especial nos grandes centros, de muita separação com a natureza, né meu... Pra mim, a gente chegou num extremo: um dia a gente foi muito pertencente, e hoje a gente está muito separado. Né? Então, ã:: A gente está num lugar de tamanha separação que me parece que para a gente voltar a frequentar esses espaços, voltar a se relacionar com a natureza, ã... Coisas mais fortes, experiências mais fortes são necessárias, né. Alguma coisa tem que nos levar a isso também. Então, não sei se só por fazer uma expedição, embora ela seja super valiosa, faça com que a molecada vá mais para a natureza.

P - Ok. É::, quando o aprendiz está fazendo a expedição. Então, ou seja, vocês estão lá no Desafio, estão nos dias de expedição. O aluno, a criança ou o jovem, ou às vezes o adulto, ele tem consciência que está também fazendo o turismo de natureza, o turismo na natureza? Ou para ele, é::, só está acontecendo o curso da OBB? Ou ele sabe que está lá e é um turista na natureza?

E - A: ele sabe que está na natureza e de alguma forma (++), ele está ali, entre aspas, a passeio, né. Mas acho que o tom que a gente dá para a expedição, quando a gente facilita um processo como esse, é::, está para além disso, né. A gente está entrando num espaço de natureza, e sim, acho que fica muito claro para a galera, ã... A primeira coisa que você ouve é: “nossa como é diferente aqui” e “como é interessante viver nesse espaço”. Em especial quando a gente encontra comunidade nesses lugares, né. Que vivem muito mais imersos na natureza. Então, por exemplo, esse Desafio em particular, é::, foi um desafio que a gente fez ali na região do Sul de Minas, em Aiuraoca, Vale do Matutu, e aquelas pessoas do Vale do Matutu, elas vivem numa comunidade intencional, então elas vivem cercadas por aquelas montanhas ali, com a vida muito diferente desses meninos que vivem nos centros urbanos, São Paulo, Campinas, Rio, Recife, mas ainda assim centros urbanos, né. E eu acho que fic::a, fica muit::o, quando a gente tem contato com outras pessoas que vivem nesse ambiente muito mais imerso nesse ambiente natural, eu acho que fica muito mais claro, é::, pra eles essa diferença. E aí, talvez sim, você tem o destaque de “nossa estou aqui também fazendo turismo e conhecendo um outros lugar”, sabe? Conhecendo um outro espaço né. ã::, embora não seja esse o enfoque que a gente dá. Mas eu acho que sim tem uma consciência d::e: estar aqui, a gente fala muito dos parques, né, nacionais, que partes que podem frequentar, que partes que tem certas restrições, então a gente fala dessas coisas, é:: de possibilidades de acess::o e de outros lugares que eles podem frequentar. Aqueles que tem mai::s, tem um repertório maior, também que costumam frequentar outros parques, acabam trazendo isso. Então, sim tem uma consciência, embora não se dê esse nome, né, ou essa palavra “turismo” não surja, mas de alguma maneira eu acho que sim.

P - Sim, legal. É você comentou também que em alguns momento tem o contato do grupo com a comunidade local, né?

E - Hurrum!

P - Isso é planejado anteriormente?

E - Isso é planejado anteriormente. Em especial nos cursos longos, tanto no Desafio que é um curso de 10 dias e faz com adolescentes, como o FEAL que é um curso de 15 dias que a gente faz com adultos. Esses cursos mais longos eles costumam ter um trabalho comunitário, ã:: pensado né, então a ideia é: ok, nós vamos andar pelo parque, a gente normalmente tem um acesso ou por uma comunidade, ou por uma trilha mais fácil, etc. Mas a gente sempre é:: Esse trabalho comunitário ele é intencional, a gente sempre termina o nosso roteiro em alguma comunidade, e aí a comunidade nos acolhe, nos recebe, seja oferecendo um espaço para a gente poder acampar, seja num *camping* familiar, etc. e aí a ideia é que a gente devolva para essa comunidade, ã:: com trabalho né. Então, a gente já fez de tudo. Esse último Desafio a gente trabalhou na horta, é::, tem lá uma cooperativa de 6 ou 7 famílias, agora não me lembro o numero exato, mas 6 ou 7 famílias formaram essa cooperativa e eles mantem a horta da terra roxa, né. E eles estavam precisando de braços para colher feijão, porque era época de colher feijão e se não tirasse o feijão ele ia estragar, e::, e aí é isso. Então, também, tem muito d::o, por mais que seja planejado esse trabalho, na verdade ele é intencional mais na verdade a gente descobre muito do que vai fazer no momento em que a gente chega na comunidade, vai depender muito do que eles estão precisando ali na hora é uma coisa muito viva. Então, a gente já construiu, ã:: uma bacia-de-eva para transpiração, uma vez, a gente já colaborou, ã::, pr::a, construir a casa de pau-a-pique de uma senhora na comunidade. Uma senhora bem tradicional da comunidade, estava todo mundo fazendo mutirão e aí a gente foi pra lá um dia e fez isso também. Então, tem sempre um dia ou um meio período que a gente faz um trabalho comunitário com intenção. A gente faz uma visita na comunidade a::ntes, conversa e começa a planejar isso, já sabemos que a gente vai fazer algo quando a gente chega né.

P - Perfeito. Muito bom. É::, nesses momentos em que vocês encontram a comunidades, acabam po::r, por a expedição, é gastar algum dinheiro na comunidade? Ou compra alguma comida, ou compra algum presente? Acontece isso?

E - Acontece. Acontece da gente às vezes pensar, por exemplo, quando a gente fica em *campings* familiares a gent::e, paga pela hospedagem, e aí a gente está no *camping* ao invés de a gente continuar cozinhando, a gente diz: “a não, vamos...” né, o pessoal cozinha lá no *camping* a comida deles, é bacana também né, coisa fresca, é uma forma de entender como essas pessoas cozinham, como elas lidam com o alimento, então a gente acaba fazend::o, sempre quando o lugar tem uma estrutura que consegue nos receber, né, um restaurante ou famílias que cozinham e uma estrutura de *camping*, etc. a gente opta por estar nesses espaços inclusive para

deixar certos recursos na comunidade, né. Porque normalmente são comunidade que vivem ali da subsistência, do que eles fazem lá, muito da troca né, e precisão também ir para cidades um pouco maiores para conseguir coisas que eles não tem ali. Então, a gente acha bacana (++), um valor da organização mesmo, da OBB de (++), de contribuir de alguma forma, que não seja um recurso gigantesco, mas, enfim.

P - Que legal, que lega! É, com base nas suas experiências, agora. Das expedições que você já fez (+) e eu sei que você já falou um pouco a respeito disso. É::, mas a sua percepção, os alunos que passam pelas expedições. Eles recebem esse incentivo para a prática de atividades na natureza, que você já disse. É, mas você pensa que esse incentivo é duradouro? Você pensa que uma semana depois da expedição todo mundo já esqueceu e precisa de outra expedição ou você acha que persiste, aquilo. E mesmo o aluno que não pratique de fato o turismo ou outra atividade na natureza, aquilo fica marcado nele e, é, vamos supor, meses ou anos depois ele vai lembrar daquilo e vai poder usufruir desses conhecimentos que teve na expedição, o que você pensa?

E - Sem dúvida, é::, é uma experiência de longo prazo. E é uma experiência que às vezes a gente só percebe no longo prazo. Tem muita gente que sai impactado no moment::o, é::, então, a gente costuma brincar qu::e algumas fichas caem ao longo do processo, né, então, vivendo ali a experiências; tem algumas fichas que caem depois, ou assim, na sequência, voltando para a casa, porque é aquele choque, você fica 10 dias ou 15 dias fora do seu ambiente, você volta pra casa você começa a ver algumas coisas; e tem aquelas fichas que vão cair conforme você vai vivendo, assim, você vai relembando a experiência, ela é uma experiência impactante, porqu::e. Mesmo os programas de 5 dias que a gente faz, né. Você sai da sua zona de conforto, então, voc::ê é colocado em cheque algumas vezes, né. Conviver em grupo num espaço que não é o seu, estar com pessoas que você, provavelmente, nunca viu.

Os nossos cursos são abertos, qualquer um pode se inscrever, então, com exceção dos cursos que a gente faz com escolas ou empresas que são fechados, com pessoas que já se conhecem.

Grande parte dos nossos cursos são abertos, o Desafio é um curso aberto, então a pessoa se inscreve, é::.. E aí a gente saiu nesse último Desafio com 13 meninos, desse 13, 3 se conheciam eram amigos vinham do Recife e os outros 10 vinham um de cada canto, ninguém se conhecia. É, então é isso, de repente você está numa experiência de 10 dias na natureza com 13 pessoas mais 2 instrutores que você nunca viu na vida, num lugar. Ou seja, criar vínculos e criar relações já é difícil no nosso espaço de conforto, quando a gente está sendo colocado em cheque num espaço fora da nossa zona de conforto, é::, criar vínculos e estabelecer relações se torna mais complexo, né. Você tem que tomar decisão junto, você tem que negociar coisas, você tem que colaborar entre si, divide barraca, divide os espaços. Então, além de você estar se relacionando com a natureza, você está se relacionando com esse grupo e cada coisa dessas vai te fazendo descobrir coisas a seu respeito, né. Como eu sou nesses lugares, como eu lido com essas

questões, então eu acho que essas fichas maiores, essas de mais longo prazo, elas tem mais a ver com (++), com a gente, né, do que com o espaço em si ou o que eu vivi na experiência fisicamente, né, vai mais lá para dentro e eu vou me conhecendo. E aí quando eu me deparo com uma situação na minha vida, no meu espaço, me remete a um desafio que eu tive que passar na expedição: o faz com que eu me fortaleça, né. Então, a gente tem essa (++), a gente sabe que isso acontece, isso é::, em estudos ao redor do mundo, como é que essas fixas caem, que resultados você tem, e aí a gente tem depoimento de pais, ou mesmo de professores de alunos que passaram por cursos nossos de como os alunos se transformaram ao longo do tempo em termos de pro-atividade, capacidade de conversar e se colocar, defender o seu ponto de vista, respeitar o próximo, ã::, e mesmo adultos, que depois de muito tempo de curso mantêm contato com a gente, os instrutores, contando como o curso mudou a vida, o que eles resolveram fazer a partir dali, né. Se não acontecer mais nada, como mínimo, passar por um curso desses te mostra que você é capaz de viver um desafio e de finalizar esse desafio. Então, ã::, como mínimo te encoraja a dizer “ok” se eu encarei esse desafio eu sou capaz de encarar tantos outros, né. Entã::o, então, sim, é algo que perdura com certeza.

P - Legal, ótimo. Agora eu tenho mais duas questões que são relativas mesmo a expedição. É porque eu vi os questionários né. Foram vocês, os instrutores, que aplicaram o questionário?

E - Fomos nós.

P - Obrigado!

E - De nada. Fomos nós, a gente chegou da expedição e a gente pediu para eles preencherem tanto a avaliação do curso, que é uma avaliação que a gente tem da OBB e para eles fazerem na sequência o seu questionário. Então, assim, chegamos a tarde, a noite eles estavam preenchendo isso.

P - Obrigadíssimo. Teve um caso de um aluno que escreve::u... Vocês podem fazer fogueira dentro da expedição?

E - A gente::e, a gente tem com::o, é::, como valor dentro da OBB, na verdade, não fazer fogo na natureza. Por quê? Porque por mais que você tenha forma de fazer fogueira de maneira controlada n::é, diminuir o risco, em termos de impacto também, para não queimar solo, etc. a::, a gente acredita que ainda assim, é um::a, gera certo impacto na natureza, né, fazer fogueira. É uma questão de gerenciamento de risco, então a gente tem o nosso sistema de gestão de segurança bem afiado, então, o fogo é sempre uma questão... a gente tem fogareiro, a gente tem um monte, né, as nossas formas de cozinhar. E aí os espaços que a gente faz fogueira, se eventualmente acontece. São espaços que de alguma forma são antropizados, por exemplo, nessa expedição em particular a gente acampou a primeira noite no terreno de um Americano que é de descendência indígena casado com uma moça de BH e esta morando lá no Matutu, e::,

e ele nos acolheu no terreno dele, e ele tinha uma área de fogueira e nos convidou para fazer uma fogueira. E essa era uma das vontades da molecada, então foi muito legal, a gente fez uma fogueira... tem outras expedições que a gente termina nesse *camping* familiar que também tem um espaço de fogueira e a gente faz. Mas de maneira geral é, em campo, nas áreas do parque, nas áreas de natureza mesmo, nos da OBB optamos por não fazer fogueira. É uma questão de: e, a de valor e uma compreensão nossa de que a fogueira sim, gera impacto, de que fog::o, né, pod::e, qualquer bobeirinha, qualquer vento a mais é sempre um risco, se começar a pegar fogo ali é uma extensão grande que a gente pode danificar, então a gente prefere não fazer.

P - É um risco desnecessário, né?

E - Exato.

P - Compreendo. Eu pergunto porque teve um aluno que escreveu: “fogueira sem muito impacto ambiental”. Acho que ele queria, né, enfim. Ok.

E - É, então, e eles entenderam, foi muito legal. Eles ficaram bem contente quando ele convidou a gente para fazer a fogueira lá, porque aqui a gente pode, né, é uma cas::a, ele já tem espaço reservado para fogueira, é controlado, você não está cheio de árvores e grama para tudo quanto é lado, você tem lugar demarcado com pedra, né. Então, tem uma proteção ali, e aí então foi muito gostoso, a gente fez uma roda de conversa ele ficou contando estória para a gente da etnia dele, e foi be::m, foi bem gostoso assim, foi bem legal que a gente teve essa possibilidade, fo::i, foi uma sorte, porque a gente não estava planejando acampar ali. Isso é uma outra coisa que acontece nas expedições, elas são muito vivas, a gente estava planejando chegar e subir. Mas a gente atraso::u, o tempo estava querendo chover, a gente falou “nossa, se a gente começar a subir a montanha, com essa turma a essa hora, a gente vai acabar chegando lá muito tard::e, o próximo acampamento, tal” e aí a gente passou nessa área, conversamos com esse casal e eles nos acolheram, foi uma surpresa para todos nós.

P - Muitos alunos também, disseram que uma das melhores coisas da expedição foi a comida. O que é que vocês comiam?

E - A gente cozinha de tudo na verdade. Tudo o que você puder imaginar a gente leva. Desde *stroganof::f*, sop::a, pizz::a, a gente mesmo faz a massa em camp::o, e aí de café da manhã a gente faz panqueca, faz pão de queij::o, às vezes faz bol::o, pão sírio, tabule, salada, a gente costuma levar coisas frescas, né. Então a gente não faz uma expedição, s::ó com aquelas comidinhas... não, a gente leva salada, a gente leva coisas que perduram, né. Então, cenoura é uma coisa que dura muito, repolho é uma coisa que dura muito, acelga é uma coisa que dura muito, então a gente vai optando pelas saladas de bastante duração, leva alface, tomate, pepino, pro começo dos dias, assim, é uma coisa que você tem que consumir um pouco mais rápido, mas, da para fazer tudo né, arroz, feijão, macarrão, o que você imaginar a gente faz, né.

P - Legal, legal. E, vocês planejam o cardápio anteriormente, claro. Mas vocês pensam e::m... Quando estão nessa fase de planejamento, é: vocês pensam em colocar algo da região em que visitam, alguma comida típica ou algo do tipo?

E - Normalment::e, é::...

P - Ou vocês priorizam a validade do alimento, peso, etc?

E - A gente prioriza a validade::e, né, dependendo do tamanho da expedição, etc. mas a gente também, uma das coisas que a gente mais valoriza é a diversidade, né. A ponto de você poder, é::, ter ã::, né, atender um vegetariano, atender um carnívoro, né. A gente faz bastante coisa brasileira, né, então é isso é::, arroz, feijão, tapioca, pão de queijo, tentando levar a dieta que é conhecida, né, do brasileiro, que é com quem a gente trabalha e aí d::a. A comida típica ela acaba acontecend::o, ã::, por ocasião. Eu acabei de voltar, agora... Agora está acontecendo a época do pinhão na Serra da Mantiqueira e tinha muito pinhão no chão, a gente fez uma trilha que a gente tinha muito pinhão, a gente colheu pinhão, pegamos do chão porque ele estava já caído, fizemos pinhão, por exemplo, uma noite, né, na frigideira tal, né, então foi uma ocasião legal. Tem vez que a gente vai pra uma região que t::em uma pesca de um peixe específico de ri::o, então, eventualmente a gente faz um almoço na comunidade com a comida do local, com a comida típica, né. Ma::s, não é algo que a gente, por exemplo, fala: "estou indo para tal lugar e vamos levar pra expedição isso", mas a gente acaba propondo um momento e um espaço onde a gente está em interação com a comunidade onde a gente possa, é::, comer alguma coisa bacana, se a gente sabe que naquela região tem algo muito habitual daquela região.

P - Ótimo, ótimo. E para finalizar é::, que eu não sabia, mas me despertou a curiosidade. Você acabou dizendo do caso dos três rapazes de Recife, pois não?

E - Hurrum!

P - Eles vieram especificamente para a expedição?

E - Yeh. Eles vieram especificamente para essa expedição.

P - E eles já conheciam a OBB em Recife ou algo assim?

E - Eles vieram a convite meu na verdade. Eu conheç::o, na verdade eles são filhos de três pessoas diferentes. Duas delas trabalham com a organização com a que eu trabalho também, né. Uma organização de São Paulo que tem consultores associados no Brasil inteiro e aí um grande amigo meu que é presidente desse instituto, instituto Fonte, tem filhos na idade do Desafio e e::u falei para eles: "óh, vai rolar o Desafio... eu estou saindo como instrutora, eu sei que seu filho está querendo ir e eu acho que vai ser uma oportunidade para ele, vai ser bem legal". E aí ele falou com outro amigo, que depois falou com outras mães de dois dos meninos que vieram. E aí um ficou sabendo, achou muito legal, ficou sabendo pelos pais, convidaram um terceiro amig::o e vieram, né. Então, tem muito disso, do relacionamento, da confiança dos pais,

né, eu acho, eu ainda sinto que a molecada chega nos programas da OBB, muito a convite de algum adulto. Então, seja do pai, da mãe, seja de um professor, seja de um educador numa ONG, né, que conhece o programa. Diferente dos adultos que acabam chegando na OBB porque, “não, eu quero fazer esse curso, né. E eu procuro...”. O histórico que a gente tem de adolescentes e jovens chegando na organização porque diz: “eu quero fazer” é bem menor. Você, tem, também, jovens que buscam, mas, é, é bem menor. Normalmente eles são, eles acabam sabendo disso por algum adulto, né.

P - Legal, muito bom! Eu finalizei, aqui minhas questões, é::, e queria deixar um espaço, não sei se você quer falar alguma coisa ou perguntar está à vontade...

E - Eu quero fazer uma pergunta mais é super pessoal, porque eu esto::u, estou a caminho d::e, é estou querendo estudar essa questão da relação ser humano – natureza...

...

P - Obrigadíssimo, então, mais uma vez...

Anexo D - Tabelas de intenções de atitude e comportamento - Desafio OBB

Aprendiz	Antes	Agora	Resultado
	Atenção as questões ambientais.		
	Q25	Q27	
Ad1	Sim	Sim	Manutenção positiva
Ad2	Sim	Sim	Manutenção positiva
Ad3	Não	Sim	Mudança positiva
Ad4	Sim	Sim	Manutenção positiva
Ad5	Não	Sim	Mudança positiva
Ad6	Sim	Sim	Manutenção positiva
Ad7	Sim	Sim	Manutenção positiva
Ad8	Não	Sim	Mudança positiva
Ad9	Sim	Sim	Manutenção positiva

Quanto a realizar atividades na natureza.			Resultado
	Q26	Q28	
Ad1	Sim	Sim	Manutenção positiva
Ad2	Não	Sim	Mudança positiva
Ad3	Não	Sim	Mudança positiva
Ad4	Sim	Sim	Manutenção positiva
Ad5	Sim	Sim	Manutenção positiva
Ad6	Não	Sim	Mudança positiva
Ad7	Sim	Sim	Manutenção positiva
Ad8	Não	Sim	Mudança positiva
Ad9	Não	Sim	Mudança positiva

Quanto conhecer previamente o local para onde viaja.			Resultado
	Q29	Q31	
Ad1	Não	Sim	Mudança positiva
Ad2	Não	Sim	Mudança positiva
Ad3	Não	Sim	Mudança positiva
Ad4	Sim	Sim	Manutenção positiva
Ad5	Não	Não	Manutenção negativa
Ad6	Não	Sim	Mudança positiva
Ad7	Não	Sim	Mudança positiva
Ad8	Não	Sim	Mudança positiva
Ad9	Não	Sim	Mudança positiva

Facilidade para expor a própria opinião e autoconfiança.			Resultado
	Q30	Q32	
Ad1	Não	Sim	Mudança positiva
Ad2	Não	Sim	Mudança positiva
Ad3	Não	Sim	Mudança positiva
Ad4	Sim	Sim	Manutenção positiva
Ad5	Sim	Sim	Manutenção positiva
Ad6	Sim	Sim	Manutenção positiva
Ad7	Sim	Sim	Manutenção positiva
Ad8	Sim	Sim	Manutenção positiva
Ad9	Não	Sim	Mudança positiva

Anexo E - Tabelas de intenções de atitude e comportamento - *Outward Leaders*.

Aprendiz	Antes	Agora	Resultado
	Atenção as questões ambientais		
	Q25	Q27	
Aol1	Sim	Não	Mudança negativa
Aol2	Sim	Sim	Manutenção positiva
Aol3	Sim	Sim	Manutenção positiva
Aol4	Sim	Sim/Não	Processo de assimilação
Aol5	Sim	Sim	Manutenção positiva
Aol6	Não	Sim	Mudança positiva
Aol7	Sim	Sim/Não	Processo de assimilação
Aol8	Sim	Sim/Não	Processo de assimilação

	Quanto realizar atividades na natureza		Resultado
	Q26	Q28	
Aol1	Sim	Não	Mudança negativa
Aol2	Sim	Sim	Manutenção positiva
Aol3	Sim	Sim	Manutenção positiva
Aol4	Sim	Sim/Não	Processo de assimilação
Aol5	Sim	Sim	Manutenção positiva
Aol6	Não	Sim	Mudança positiva
Aol7	Sim	Sim/Não	Processo de assimilação
Aol8	Sim	Sim	Manutenção positiva

Quanto conhecer previamente o local para onde viaja			Resultado
	Q29	Q31	
Aol1	Sim	Não	Mudança negativa
Aol2	Sim/Não	Sim	Mudança positiva
Aol3	Sim	Sim	Manutenção positiva
Aol4	Sim/Não	Sim	Mudança positiva
Aol5	Sim	Sim	Manutenção positiva
Aol6	Não	Sim	Mudança positiva
Aol7	Sim	Sim/Não	Mudança negativa
Aol8	Sim	Sim	Manutenção positiva

Facilidade para expor a própria opinião e autoconfiança			Resultado
	Q30	Q32	
Aol1	Não	Sim	Mudança positiva
Aol2	Não	Sim	Mudança positiva
Aol3	Não	Sim	Mudança positiva
Aol4	Sim/Não	Sim	Mudança positiva
Aol5	Sim	Sim	Mudança positiva
Aol6	Sim	Sim/Não	Processo de assimilação
Aol7	Sim	Sim	Mudança positiva
Aol8	Sim	Sim	Mudança positiva